# OBRAS POETICAS

DE

JOSÉ ANSELMO CORRÉA HENRIQUES,

do Concelho de Sua Magestade Fidelissima,

Commendador na ordem de Christo, e Ministro residente

junto ás Cidades Anseaticas.

---

## Tomo I.º

---

Canto sem persumpsaõ, nem ter vaidade

Mil sons, que passaraõ à Eternidade.

*J. A. Corréa, nas Suas Poesias.*

---

EM HAMBURGO,

nà officina de F. H. Nestler.

1819.

# Poema feito aos Annos

da

M$^{to}$ Alta, e Augusta Magestade

A Senhora Donna MARIA Primeira,

*Rainha de Portugal,*

e

Offerecido a El Rei Nosso Senhor

em 17 de Dezembro de 1815.

# E L O G I O

## aos Annos da Nossa Amabilissima Soberana a Senhora D. Maria Primeira de Glorioza Memoria.

La nature aux mortels a dicté cette loi:
Ton coeur à ta Patrie, et ton sang à ton Roi

*Correa. Ode a El Rei de Suecia.*

„Rasgando as densas trevas do passado,
„Conduzindo ao futuro a Estirpe humana,
„Os astros movo no diurno trilho,
„Em Seculos caducos transformando
„O curso fixo do maior Planeta. “

Desta forma exclamava alto Destino
Na prezença fatal do veloz Tempo;
Parou do Sol o Carro magestozo;
Da confusaõ á Noite enganadora

Em sombra escura negro manto estende:
No peito hirsuto, com velhice extrema,
Pula feroz o Coraçaõ do Tempo;
E a voz balbuciente, os sons abrindo,
Aos ares manda repetidos echos
De lembranças antigas sepultadas
No Cofre do passado Esquecimento,
Que a memoria vitál lhe poem patente.
A foice quebra com teimoza raiva,
E estas vozes repete accezo em ira.
„Eu que mandei, na vasta natureza,
„Ligeiro semeando na carreira,
„Os seculos, os annos, dias, mezes,
„Repartindo, com prodiga destreza,
„As varias Estaçoens, que move o Globo;
„Eu, que separo a luz das densas trevas,
„Que a claro o dia, que escureço a noite,
„Que soberbo governo os mortaes todos,
„Co' o gume atróz da açacalada foice,
„Hei-de as Leis receber d'alto Destino?"
Curvou o Tempo a frente enverugada;
Nos negros pulsos o grilhaõ tenia;
Da salitroza boca, quazi aberta,
Refervida sahia a verde espuma,

Cujo veneno os ares empestava;
Reptil escuta do Destino as vozes.
Ligeira viraçaõ os ares fende,
Socega a Natureza recostada,
Parárão annos, mezes, dias, horas,
A voz sonora do Immortal Destino:
Suspensa em ferro geme a mesma morte,
Caindo o fuzo, destorcendo o fio,
E a tezoira quebrando ás negras Parcas.
„De Jove a Mando rejo: Eis do Destino
A voz primeira, que dictou ao Tempo:
„De Jove o Mando rejo impunemente,
„Nem tu ó Tempo! encanecido podes
„Com ferreo Sceptro dominar os homens,
„Sem submisso pedir a minha venia.
„Tu do Destino reconhece o Mando,
„Em quanto fallo attende, e obedece.
„Quando Lizia ao seu mando ergueo hũ Throno,
„Sobre Conquistas dos antigos Luzos,
„Quiz o summo poder d'altivo Jove,
„Que o féro Marte regulasse os Feitos
„Dos Heróes, que gerou Lizia ditoza;
„Quiz que patente fosse a todo o mundo
„Victorias, que jamais cantou a Fama,

„Nem que do Esquecimento a maõ nevada
„No futuro gelasse seus Triumfos.“
Abre o Destino o volumozo Arquivo;
Patente poem a Luzitana Historia,
Que escripta estava com douradas letras.
Mostrou hum Graõ Affonso, Rei primeiro,
Na Luza Historia digno de memoria,
Grande em Reinar, mais singular em Feitos,
A Gloria deo aos seus invictos Luzos,
Nunca o Clarim da chocalheira fama
Soltou aos ares mais cadentes vozes,
Do que quando cantou suas Victorias.
Ensurdeceraõ montes, e campinas,
Que ouviraõ dos Romanos, e dos Gregos,
Fabulozas acçoens at'hi cantadas,
Primeiro Sancho, com Segundo Affonso,
Imitadores saõ do Rei primeiro;
Sancho Segundo cahe em vil fraqueza,
E morreo em Toledo desprezado.
Mas succede o Terceiro invicto Affonso
Ao Throno, que largou brando Capello.
Rei digno de apertar o Sceptro Augusto,
Que a espada conquistou do Grande Affonso.
Eis Diniz, de Minerva astuto Filho,

Com sabias Leis, regulaçoẽs prudentes,
Abundancia na paz foi promovendo,
E os ferteis Campos, que regou de sangue
Aguda lansa, e reluzente Espada,
Do Luzo Heróe, de sem-igual Memoria,
Em rustica Lavoura se transtornaõ,
Abrindo diques á fecunda industria.
Surge do cáhos da escuridaõ immensa
Aonde a inepcia tinha sepultãdas
As Artes, e Sciencias protectoras
Do Genio, e do Talento Luzitano!
Nas campinas do tremulo Mondego,
Diniz, a Pállas dedicou hum Throno;
E sobre erguido monte sobrãnceiro
Assento poz ás resurgidas letras,
Que ao Olimpo inspiráraõ negra inveja.
O Quarto Affonso, valerozo, e forte
Succede ao Graõ Diniz no vasto Imperio.
Nos lindos Campos, que o Mondego banha,
Lavando os pés á Deoza das Sciencias,
Da Victima innocente dos amores,
Tambem regou de sangue a tirannia:
E aquella, cujos olhos vence hum Sceptro,
Dos Algozes naõ vence a crueldade,

A Sombra errante da infeliz Donzela,
Que captivou de Pedro o terno affecto,
Naõ vio do crime a mancha reparada
Por quem depois de morta a fez Rainha.
O duro Pedro, Sabio, e Justiceiro,
Que o brando amor o Coraçaõ captiva,
Jamais a semrazaõ poude doma-lo.
Do amante Pedro nasce El Rei Fernando,
Da Magestade Luza o vil desdoiro,
Que o Reino poz em triste abatimento.
Succede-lhe porem na governança
O Graõ Mestre d'Aviz, Joaõ Primeiro;
Digno de governar a Luza Gente.
O Baça, e Liza, ainda correm turvos,
Do roxo sangue, que regou os Campos
Da virente fatal Aljubarrota.
De luto se vestio a Luzitania,
Quando encerrou na Campa fria os Ossos,
De quem os governou com honra, e fama.
Succede El Rei Duarte, Affonso quinto,
Tendo por Filho a D. Joaõ Segundo,
Dos Reis de Portugal Herde famozo,
De quem a Fama canta altas Virtudes,
Que a maõ do Tempo macular naõ pode.

Eis segue Manoel o Venturozo,
Que as portas abre ao lucido Oriente,
Eo jugo poem ao Malabar astuto.
Tu, Indo, chora o triste captiveiro!
Vê do Tejo na rapida carreira
Brotar das loiras praias mil heróes,
Que investindo da morte immensos p'rigos
Façaõ tremer, co'as quinas Soberanas,
Do Ganges, e Indo, as rapidas correntes.
Sombra de Castro, de Silveiras, Cunhas,
Menezes, Albuquerques, e Saldanhas,
Teus nomes viviraõ eternamente
No Templo da Memoria recordados!
Eis o Terceiro Joaõ mais venturozo,
Segue de Manoel o mesmo trilho,
Indagando do Ganges, e Indo, as fontes,
Vê pôr o sol no Occaso, e no Oriente
Nascer, com nova luz, raiando o dia,
Debaixo do poder, que abarca as quinas,
Diff'rentes Povos, mil Naçoẽs diff'rentes.
Eis de Sebastiaõ segue o governo,
Que Portugal cobrio de negro luto,
Em trevas pondo a Regia Magestade
Por sessenta annos de infeliz desastre;

De hum mando estranho, d'hum governo alheio.
Porém domar naõ pode, de Castella
Os soberbos Leoens, as Luzas quinas;
E coraçoẽs de bronze, á guerra affeitos,
Em paz tranquilla transtornar as forças.
Eis que o Quarto Joaõ os ferros quebra
Da Luza escravidaõ, alçando as quinas
Nas margens bellas do dourado Tejo.
Ouvio a nobre voz da independencia
O Indo, o Ganges, o Amazona, o Pratá!
De gosto alegres rapidos correndo
Vaõ receber na foz da correntezá
As impavidas Náos annunciadoras,
Que as novas trazem ás distantes praias.
Affonso Sexto segue o Pai ditozo,
Infeliz na Carreira do seu Throno,
E do Irmaõ, e Consorte, em duros ferros,
Soffre da vida a mais atroz perfidia.
Eis Augusto Joaõ, quinto no Nome,
Sabio, prudente, generozo, e forte,
Do Reino toma as redeas do governo,
Em paz tranquilla manejando o Sceptro.
Tu, Immortal Jozé, Jozé Primeiro!
Que espalhas a abundancia em todo o Reino,

Teu Nome vivirá eternamente
Nos Luzos Coraçoẽs sempre saudozo.
Quiz o Destino prolongar a Historia
Dos nobres Feitos dos Monarchas Luzos,
Eis que brilhante raio, luz Celeste,
O Nome cerca da Immortal Maria;
Fazendo eterno nos annaes da Historia
Suas altas Virtudes Soberanas,
Que naõ pode offuscar o Esquecimento,
Nem o Tempo veloz cortar-lhe os dias,
Co'a maõ pezada das cruentas Parcas.
Fechou-se o Livro da passada Historia;
Volvendo os cazos nos futuros Evos,
A Fama lizongeira abrio hum vôo,
Subindo ao Templo da immortal Memoria,
Estas vozes soltou na Tuba d'oiro.
„Eis da Virtude o Dia Natalicio!
„Dia feliz! aos Luzos sempre grato,
„Em que nasceo a Gloria dos seus Feitos,
„A Cãndida Augustissima Maria!
„De Lizia Protectora, Sabia Mestra,
„Do Valor, e do Brio Luzitano.
E tu, Alcides desta nossa Idade!
Magnanimo Joaõ! que reger sabes

D'hum extremo do mundo ao outro extremo,
Dos Luzos Coraçoens o impulso digno,
Teu Reino c'rôa com immortaes Successos,
Que inveja façaõ nos futuros Evos,
A Gloria dos Teus Feitos Singulares.
Heróes naõ morrem; nem as negras Parcas
Fantastico poder lhes dá a Sorte,
Sobre grandes Acçoens, illustres Feitos,
Que a memoria conduz á Eternidade.
De Maria as Virtudes Soberanas
Debalde o Tempo, na veloz carreira,
Com foice erguida, desparando o corte,
Tolher pertende o Sacro Nome, e Vida.
Eo Destino feroz regendo os Fados,
Proclamará ao mundo em longos Evos,
De Lizia Soberana os altos Feitos,
Eo Seu Nome Immortal, que nunca morre.

---

# Traducção

da

# Carta d'Eloisa a Abelard

de

Mr Pope.

# PREFAÇAÕ.

Todos falaõ no Pope, e poucos saõ os que o percebem,principalmente os que ignoraõ o chiste da lingua Ingleza (por sua natureza difficil a quem naõ está exercitado na phrase ordinaria das conversações quotidianas). A educaçaõ, ou o muito trato, em Inglaterra he só quem nos deixa lançar maõ da verdadeira perfeiçaõ desta lingua exotica, naõ somente no errado sentido do seu syntaxe, mas tambem pelas variadas derivações que ha dás differentes linguas dáquellas nações, q̃ ajudaraõ a sua repetida conquista no tempo dos Bretões, Romanos, Pictos, Saxões, Dinamarquezes e Normandos.

Pope foi poeta, e poetá engenhoso cheio de fogo, e de huma natureza sem iguál, e seria extranho se hum pobre rimador tomasse sobre si verter na sua lingua golpes de genio, q̃ só o fogo da imaginaçaõ pode gerar. He precizo, pára huma empreza tal, conhecer o gosto, isto he, o bom gosto d'ambas as

linguas, parà paralellizar a idea do author com a versaõ do traductor, sem o que o trabalho perde o seu fogo, e morre gelado nos frias regiões do máo, e pessimo gosto.

Das Poesias de Pope he talvez esta carta aquella que mais fogo poetico tenha, na qual expresse o author huma imaginaçaõ mais exaltada, porque faz combater a sua heroina entre âmor, e ã sua Religiaõ; entre as fraquezas humanas, aonde a força da paixaõ está ligada com os sentimentos da natureza, para formar a opposiçaõ da moral divina; e estas continuas transições de huns a outros sentimentos faz a belleza da imaginaçaõ poetica, sem em nada macular as leis do bom gosto. A Poesia Jngleza, e principalmente aquella que sahio á luz no reinado da Rainha Anna, naõ era a mais pura no casco da lingoagem, nem na repartisaõ das phrases; porque a generàlidade da perfeiçaõ da lingua sò entaõ he que começava a fazer a sua appariçaõ por entre as trevas da anticipada ignorancia dos Reinados antecedentes, só Dryden, Butler, e Addison tinhaõ athé ali castigado a dureza natural do idioma Inglez na versificaçaõ; e as licenças poeticas abundavaõ em extremo nas producçoẽs destes primeiros mestres da sua lingua nacional. Pope, e Swift saõ os que vieraõ depois aperfeiçoar, màs nao concluir, aquillo que antes delles tinha ficado imperfeito.

Ainda no meio do mais sublime destes authores se encontraõ palavras, cuja vulgaridade, aturderia a delicadeza de quaesquer outros poetos estrangeiros; e o mesmo Pope naõ se desagarrou de muitas que se encontraõ pelo meio das suas obras poeticas.

A composicaõ de lingua Ingleza he taõ abundante de monosyllabos, que ganha a maior expressaõ de sentimentos n'hum só verso, o que em lingua alheia se naõ pode substituir por tantas palavras tresyllabas Portuguezas, as quaes exprimem a mesma coisa, mas que sobrepassaõ a medida do verso, e he por isso que causa detrimento ao traductor á versaõ della, e maiormente quando elle está ligado á observaçaõ da medida de cinco pés, ou dés syllabas no verso heroico! Além do que o traduzir de huma lingoa para outra naõ he difficil em prosa, mas esta difficuldade em verso nasce á proporçaõ que os embaraços crescem; porque quando a traducçaõ he de verso para verso, a liberdade que ha de a fazer para verso solto, dá mais largueza ao traductor, e ao poeta de se unir na sua versaõ ao original, porém quando he para se ligar á rima, entaõ o trabalho he mais copioso, e difficil, porque he obrigado a ligar-se a mil preceitos que naturalmente devem embarassar o seu fogo, e accalmar o seu Estro poetico na razaõ de huma lingua para outra.

O Systema recibido de se naõ encostar tanto ao original de forma que a traduccaõ, como lá dizem, cheire á vasilha; ou para melhor dizer, parece que o traductor está encostado ao original, he hum defeito que muitos accusaõ, e reprehendem aos emprehendedores de semilhantes obras.

He bem natural que a poesia tenha aquelle fogo que a imaginaçaõ poetica lhe embebe; tal coisa será beleza na lingua Ingleza, que na Potrugueza captive o máo gosto; e he por isso que se deve evitar tudo que haja de macular o carácter da lingua, a delicadeza do leitor, e os preceitos da ãrte poetica. A uuidade de sentimentos com o original he o primeiro objecto do habil traductor; he a guia directriz que deve levár pela maõ aquelle que pertende uuir a sua traduçaõ com a beleza do original, e para conseguir esta meta, que trabalho naõ he necessario? Os desvios dos sentimentos do original saõ reprovados; mas naõ a reforma figurativa da poesia; porque aquelle traductor, e poeta que se unir demasiadamente ás figuras poeticas do seu original, abaffa o seu fogo proprio, e faz esfriar as imagens que n'huma lingoa tem toda a ardencia dos termos proprios, e que na outra gela a alma do leitor pela frieza que lançaõ.

Nas traduçoẽs a regularidade das phrases, e dos sentimentos devem corresponder com o seu original sem que se perca aquella beleza da phraseologia que faz a suavidade da lingoagem para a qual se tràduz; e seguindo á risca os preceitos de Horacio se deve obzervar o verso seguinte

Nec verbum verbo curabis reddere fidus interpres.

A quelles que querem ter o nome de bons tradnctores devem ter toda a àttençaõ na maneira de abarcar o espirito do original, formar a belleza da semelhança, e vertella no idioma adoptado sem encorrer na escolha ridicula de ser palavra por palavra a versãõ das imagens expressvivas, e das phrases adequadas, que formaõ a belleza do original. Este defeito se acharia na traducçaõ de Plinio no lugar em que elle faz o Caracteristico de Trajano: Nonné longé latique Principem ostentant? Parece que seria ridiculo traduzillo assim? Os seus exteriores mostraõ o Principe em largo, e comprido; e nem por isso se pode dizer que esta traducção nao he exactamente literal.

A esta critica estou sogeito pela exacçaõ que tomei em verter verso por verso do original, sem

diminuir ou augmentar hum só verso; e a difficuldade desta empreza he o que só pode excusar as minhas faltas, e reclamar a indulgencia dos meus leitores.

Rio Comprido, 21 de Fevereiro de 1817.

*José Anselmo Corrêa.*

---

# CARTA DE ELOISA A ABELARD.

Em negra solidaõ, em cella triste,
Onde a contemplaçaõ divina existe,
E a funebre tristeza alî habita,
Que tumulto será que em mim se excita?
Foge deste retiro o pensamento,
Arde meu coraçaõ a fogo lento;
Sim, sim, en amo . . . . De Abelard me veio,
Seu doce nome beijo junto ao seio.
Caro nome fatal ficai occulto,
Nem dos Labios passai sempre sepulto,
Esconde, ó coraçaõ! com teu disfarce,
Naõ deixes teu amor a Deus juntar-se;
Naõ graves minha maõ . .. . o nome existe;
Com lagrimas applaca o nome triste!
Hé em vaõ que Eloisa impreca, e chora;
E a maõ escreve o que seu peito adora.
Inflexiveis muralhas, sombras cores,
Nutrem suspiros, voluntarias dores;

Aspera penha, que o joelho aliza;
Gruta fatal, que o espinho fertiliza;
Altar, onde em vigilia as virgeus oraõ;
Piedosos santos, que as imagens choraõ,
Teu frio toque, com silencio triste,
Ainda em pedra dura naõ me viste.
Nem tudo he Ceo quando Abelard tem parte,
Nem fraca natureza impede amar-te;
Nem oraçoẽs, jejuns, retem meu pulso,
Mas lagrimas supprimem meu impulso.
Eis trémola rompì lacrado sello,
Teu nome vî, e suspirei de vello.
Nome p'ra mim fatal, mas sempre caro,
Repetido com ais, e choro amaro.
Eu tremo quando vejo o caro nome,
Que a desgraça moral sempre consome.
E linha apoz de linha os olhos banhaõ,
Que as pungentes saudàdes accompanhaõ:
Ja sentindo de àmor o fogo ardente,
Ou perdendo no claustro o que alma sente,
O mesmo Deus apaga a cruel chama,
E falece com elle, amor, e fãma.
Ah! sim escreve, que ajuntar pertendo
Aos teus suspiros meu pezar horrendo:

Nem inimigo fado a acçaõ compelle,
E Abelard será mais duro qu'elle?
Lagrimas minhas saõ, e dallas posso,
Amor as pede em beneficio nosso.
Nada será aos olhos meus taõ digno
Do que ler e chorar o meu destino.
Ah! sim devide a dor; o mal concede,
Essa doce afliçaõ comigo mede.
Letras dadivas saõ do Céo clemente
Ao longinquo pastor, ou dama ausente;
Sim, vivem, falaõ, quanto amor respira,
Fiel ao fogo que a nossa alma inspira:
Sem susto a virgem quando quer moteja,
O pejo foge, escreve o que deseja.
Correm velozes d'alma os sentimentos
Do Indo ao polo os rápidos tormentos.
Quaõ innocente te encontrei a chama
Quando o peito pulsou que amor se chama.
De angelicas noções amor dotou-te,
D'emanacaõ sublime em fim formou-te;
Teus vivos olhos raios dardejando
Do mesmo dia luzes eclipsando,
Sem crime os vi, o Céo ouvio teu canto,
Da lingua tua sahe hum doce encanto.

A labios taes, que os teus, ah! quem resiste?
Bem cedo me ensinaste, o crime existe.
No trilho do prazer minha alma erra;
Quem ama o caro bem anjos desterra.
Turva-se a luz do Ceo quando te vejo;
Amando a ti, nem mesmo ao Ceo invejo.
Ah! quantas vezes de Hymeneo dizia,
Mal haja a lei que doce amor desvia;
Amor, livre como o ar, leis naõ conhece,
Bate as azas fataes, desapparece.
Tenha riquezas, e honra, a moça bella,
Potente dote, fama de donzella,
Que a pura fé do mundo os dotes vence,
Honra, riqueza, e fama amor convence.
Zeloso Nume a quem profana ãs aras,
Em ferros, e grilhões troca tiaras;
Muda doces prazeres em suspiros,
Em fogo ardente troca amor os tiros.
Se a meus pés eu visse os Reis do Mundo
Tudo cedia ao meu amor fecundo.
Nem Senhora de Cesar ser desejo,
Amar a quem eu amo só invejo;
Se hum doce nome houver de mais ternura,
Esse, em fim, quero ser com fé mais pura.

Oh! estado feliz que as almas une,
Que amor he livre, e a natureza impune:
E tudo está no seu dominio cheio;
Nem vãcuo existe dentro do meu seio.
Encontra meu pensar mil pensamentos,
Quaes fontes que borbulhaõ sentimentos.
Isto só he prazer, se gosto existe;
Amor conhece, em Abelard o viste.
Mas ah! triste mudança! horror! oh pejo!
O caro amante alî, em sangue vejo.
Onde Eloisa está? a maõ naõ cede,
Com agudo punhal o golpe impede.
Ah! barbaro sustem! a voz condena,
Commum o crime foi, commum a pena;
Naõ posso mais; vergonha, e raiva ficá,
E lagrimas, e pejo, o resto explica.
Lembra-te o dia triste, o dia horrendo,
Quando junto do altar victima sendo,
Esquecer-te naõ pode, o ai profundo,
Quando junto de ti deixei o mundo?
Eis c' os labios beijei o negro véo,
Só trevas vi, e o altar estremeceo:
Apenas crê o Ceo meu juramento,
E os Santos pasmaõ do fatal intento.

Quando perto do altar lancei a vista,
Eras tu, naõ a Cruz, minha conquista.
Graça nem zelo tinha, só Fé pura;
Sem teu amor he tudo mais loncura.
Vem! com teus olhos, fala, amantes gestos,
Estes saõ inda em ti antigos restos,
Junto ao peito teu descansar quero,
Nos olhos teus beber veneno austero.
Unido aos labios teus gosto supponho,
Da-me o teu resto.... seja o mais hum sonho.
Ah! naõ! novo prazer em mim excita;
Que o julgue o coraçaõ quando palpita....
Em quadro o Ceo perante mim eu veja,
E por Deus, Abelard, deixado seja;
Pensai ao menos no cuidado nosso,
Fruto deste poder, e filho vosso.
D' hum falso mundo juvenil deixada,
Por vós, por monte, e serra abandonada,
Estes muros ergui...., eis o deserto,
Em novo paraizo foi aberto,
Nem orfaõ vê o paternal thesouro,
Nem brilha seu altar com prâta ou ouro;
Nem Santos de metal, dons d'avareza,
Dos Ceos subornaõ natural pobreza;

Aquì os tectos saõ d'alta piedade,
Louvaõ do mundo a eterna Magestade,
Nestas muralhas que a tristeza indica,
Musgosas torres que a velhice explica,
Arcos medonhos, onde o dia he trevas,
Quadros de luz que a escuridaõ relevas,
Na vista tua os Raios naõ transcendem,
Mas brilhaõ glorias que a virtude accendem;
Em rosto algum contentamento existe,
Eternos choros, fingimento triste.
Quanto me valho d'oraçaõ alheia,
(Oh pio engano que a verdade enleia!)
Porque hei de depender d'outro abrigo
Vinde meu pay, irmaõ, esposo, amigo,
Da terna Irmã, e filha, o nome liga.
São nomes mais leaes, Amor nos diga.
Os virentes pinheiros reclinados
Na rocha dura ondeiaõ subjugados;
A corrente argentina o prado brilha,
E o Echo na escura gruta a voz humilha;
Apalpa as folhas viraçaõ tranquila,
E o lago treme do Austro que sibila;
Jamais a devoçaõ vê esta scena
Ou vizionaria brando son ordena

Mas sobre escuras grutas, negras cavas,
Horrendas sepulturas, vistas bravas,
Pouza a Melancolia, e lá em torno,
Mortal silencio lança no contorno.
A feia catadura turva a scena,
Faz sombrã as flores da campina amena;
Murmuraõ tristes aguas na cahida,
E os bosques roncaõ co' a mortal zunida.
Eis para sempre aquî minha morada,
Prova funesta quanto amor he nada.
A morte só desfaz esta cadeia,
E mesmo assim as cinzas naõ premeia;
Eis a minha morada, unico abrigo,
Onde misturarei meu pó comtigo.
Misera sorte! vê de Deos á Espoza
Em negros desesperos amorosa.
Assistî-me meu Deos! que rogos pesso?
Será alta piedade, que eu careço?
Mesmo aquî na gelada castidade
Ergue amor seu altar á leviandade.
Repre'nder-me devia a voz sublime,
Meu bem lamento, ainda mais meu crime;
Meu erro vejo, em vaõ delle me affasto;
Os velhos crimes sinto, os novos pasto:

Se a Deos me volto recordando a culpa,
Cruel paixaõ renova outra desculpa.
Dos erros que Afflicaõ a Amor ensina
O mais difficil o esquecer crimina!
Como o erro esquecerei, se o mal m'opprime;
Amando a causa só detesto o crime?
Como o objecto arrancar do mal nefando,
Se a penitencia vai ãmor lembrando?
Empreza triste! amor debalde deixo....
Naõ he meu coráçaõ de duro seixo.
Antes da alma voltar a paz antiga
Que vezes amará, nada consiga!
Que vezes naõ desdem, ama, aborrece,
E soffre, e torna amar, mas nunca esquece!
O Ceo recolhe quanto amor admira,
Sem toque exalta, adormecido inspira.
Vem, oh Ceos! subjugar a Natureza;
O amor, a vida, a tî, perco na empreza,
Meu coraçaõ com Deos somente esteja,
He o unico rival, sem ti, que inveja.
Quaõ feliz da Vestal a sorte pura,
Se o mundo esquece o mesmo mundo abjura,
Eternos raios brilhaõ n'alta mente,
Em cadá reza seus desejos sente;

No descanço, e trabalho, encanto emplora,
Lascivos sonhos que a vigilia chora;
Sobem desejos taes em varios giros,
Lagrimas de prazer, mortaes suspiros.
A Graça raia com fulgor potente;
Motejaõ Anjos na esquentada mente;
Do Paraizo as flores reverdecem,
E os mesmos Serafins perfumes tecem
Por ella, aprompta o noivo o anel das bodas,
Cantaõ hymnos, por ella, as virgens todas,
Com sons celestes, cándida harmonia,
Em visões se transporta ao eterno dia.
Errante em outros sonhos minha alma erra,
E gozo outro prazer que o Ceo desterra.
Quando finda o fatal, o triste dia,
Cede a vingança atroz á fantazia,
Dorme o remorso, e a livre natureza
Subito vôa a ti com ligeireza.
Mal hajaõ os horrores d'alta noite,
Que o crime exalta com cruel açoite;
Demonios formaõ infernal mudança,
E em átomos d'amor foge a esperança.
Ouço-te, vejo-te, teu vulto abraço,
E na cara Phantasma aperto o braço.

Accordo . . . . eis que naõ ouço, nem te vejo,
Foge a cara visaõ, fica o desejo.
Grito debalde . . . mas ninguem m' escuta
Só meus braços achei na triste luta.
As palpebras unî, sonhar querendo,
Mil doces illusões chamar pertendo;
Mas ai de mim! . . . . bastou . . . eis que imagino
Que em lindos prados eras peregrino,
Lá onde em velha torre abunda a héra;
Onde aspero rochedo o mar impera;
Subito sobes ao alto cume delle,
Crescem nuvens, e o mar, o vento impelle;
Pavorosa accordei . . . . desgraça minha!
Tornei a ver o que deixado tinha,
Por ti benigno o duro fado ordenā
A fria suspençaõ de gosto, e pena.
A vida tua abranda, nem incitā,
Nenhuma revol'çaõ, que o sangue excita:
Parada, como o mar, em calma fica,
Qual brando Noto que a corrente indicā;
Ou Santo, em mancidaõ, arrependido,
Que attento espera a luz do Ceo devido.
Vem Abelard! naõ temas duro fado,
A tocha só accende o Deos alado,

A natureza treme, o rito brama,
Só tu gelado estás? . . . Eloisa ama.
Sem esperança a luz para sempre arda
Na urna fatal, que a negra morte guarda;
Que scenas vejo? aonde lanço a vista?
Minhas ideas fogem da conquista.
Da gruta venho, eis que no altar me ponho,
Minha alma crê que tudo o mais he sonho;
A matutina luz com ais se finda,
Em Deos, e ti, viva illusaõ me guinda.
Eu ouço a tua voz, o canto adoro;
Em cada conta cahe hum terno choro.
E quando aos ares a harmonia levaõ
Os organicos sons nossa alma elevaõ;
Pensando em ti desterro a pompa extrema,
Padres, e tochas, templo tudo trema!
Hum mar de chamas a minha alma aquece
Anjos, e altares, tudo m'estremece.
Prostrada aqui em afflicçaõ eterna,
Lagrima triste o meu pezar governa;
Em oraçaõ o pavimento alizo;
E graça na minha alma já devizo.
Vem, só tu podes, alma encantadora!
Oppor-te aos Ceos, que o corçaaõ adora.

Vem com hum raio da illusiva vista
Desputar a meu Deos esta conquista.
Releva a graça, os choros, a tristeza,
As minhas orações, jejuns, pureza.
Arranca-me subindo ao Ceo supremo,
Mostra de Satanás poder extremo,
Mas naõ . . . . fugî, fugî, de polo a polo;
Alpino monte erguei soberbo collo!
Ah! naõ escrevas, naõ: de mim te esquece,
Volta-me as penas, que a razaõ padece.
Teus juramentos risco da memoria,
De mim te esquece, apaga antigã gloria:
Teus olhos bellos, vista temptadora,
Amor . . . . a Deos! idea encantadora!
Serena graça dá virtude bella
Divino esquecimento, amante della,
Fresca lauta esp'rança excelsa filha,
Que a santa fé com candidez prefilha;
Sim, entrai meigos neste seio interno;
Recolhei-me contente em somno eterno.
Eis Eloisa vês em cella triste,
Sobre hum tumulo, aonde à morte existe,
Em cada assopro hum 'spirito me fala
Com echos mil ritine a negra salla.

Aquî vigio as moribundas lâmpas,
E a voz tremenda sahe das frias campas.
„Vem, Irmaã, vem (assim a voz expressa)
„Eis teu lugar, Irmaã; Ah! triste! apressa.
„Chorei, tremî, rezei, qual tu nest'hora,
„D'âmor victima fui, sou santa agora.
„Bonança he tudo neste eterna sono. . . . .
„Aquî agravos jazem no abandono,
„A vil superstiçaõ temor dissolve;
„Só Deos, naõ homens, a fraqueza absolve.
Eu venho! preparai linda capella,
Celestial palmito, e roza bella,
Lá onde peccadora a paz consigo,
Onde chamas refinaõ doce abrigo,
Faz-me Abelard o officio derradeiro,
E caminho abre ao Reino verdadeiro.
Vês meus labios tremer, aplaca a calma,
Com baffo meu recebe esta minha alma.
Mas naõ . . . . em sacras vestes preparado
Toma a tocha na maõ, e neste estado
Mostra-me a Cruz aos olhas meus patente,
Ensina-me a morrer mais sanctamente;
Tua terna Eloisa em fim escuta
Naõ será crime o ver-me nesta luta;

Nas faces devizar palidas cores,
Nos olhos ver os ultimos fulgores,
Athé que o baffo, o pulso, o movimento,
Ensinar a Abelard meu soffrimento.
Oh! morte expressador! tu só m'ensina
Que he pó, e nada, quem amor domina.
Eis quando o fado por findar teus dias
Causa for dos meus crimes, alegrias,
Entaõ de gosto acabe duras penas;
Celestial prazer t'adorne as scenas;
E no alto firmãmento as glorias vejas;
Pelos Santos, qual eu, amado sejas.
Que huma urna só, os nossos nomes ligue,
Com amor immortal a fama obrigue;
Eis que futuras éras aplacando,
O que este coraçaõ foi dominando,
Trouxer a Paraclito dois amantes,
Os alvos muros ver, fontes brilhantes;
E sobre o marmore expressar as magoas
Trocando em choras cada qual as aguas,
Entaõ diraõ, movidos de piedade:
„Ah! naõ amemos com igual saudade."
Dos coros em que cantaõ mil Hosanas
Cresçaõ em pompa às funebres humanas;

Se nestas scenas o olho cuidadoso
Lançar na fria campa hum ai piedoso;
E a mesma devoçaõ do Ceo roubando,
Com lagrimas hirão o mal domando.
Quando o vate futuro, unir ao fado
Penas iguaes ao meu fatal estado;
E os annos condemnar da triste ausencia,
Com imagens da candida excellencia.
Se amantes taes, taõ dignos de memoria,
Cantarem ternos nossa amante historia,
Minha alma abrandará o triste canto;
Melhor o cantará quem sente tanto.

---

# ODE

## ao Muito Alto e Muito Poderoso

### Rei Fidelissimo

## Senhor D. JÕAO Sexto

### Da Glorioza Memoria.

## ODE ao Muito Alto, è Muito Poderozo, Rei Fidelissimo Sr. D. JOÃO Sexto Da Glorioza Memoria.

---

Que Padraõ immortal levãnta a Gloria
Ao Povo Luzitano?
Que Augusto Soberano
O excelso Carro guia da Victoria?
Seu rosto respeitozo,
Benefico, e piadozo,
Move a adoralo o habitante ignoto
Nas quentes praias d'um paiz remoto. (*)

Quem senaõ tu, Magnanimo Monarca,
Huma tal gloria tece?
Santa Verdade desce,
O ferro arranca da impotente Parca,
Rege teu Nome Augusto;
Eo braço forte, e justo,
O Sceptro Luzo: a Candidez proclama
Por bocas cem a tua Augusta Fama.

---

(*) Quando foi a insurecçaõ de Pernambuco, os Insurgentes pertendiaõ com argumentos dissuadir da Homenagem os gentios do Sertaõ, e lhes foi respondido, que elles naõ conheciaõ, nem queriaõ conhecer outro Soberano, se naõ o seu Rei Velho.

Alto Destino já croou teus annos
No templo da Memoria :
E sobre antiga Gloria
Exemplo mostras dos passados damnos.
Sempre firme, e Constante,
Em Clima mais distante,
Dictas-te Sabiãs Leis a Humanidade
Dignas de ti, Senhor, e da Piadade.

Naõ ergo aos ares altos Monumentos,
Soberbos Pedestaes;
Virtudes immortaes
Só croaõ dos Heroes os Pensamentos.
Eterna Vigilancia,
Augusta Tolerancia
Fazem dos Reis a candida Memoria,
Os seus Nomes levando a eterna Gloria.

Ergue mais alto vôo o meu desejo,
Subo d'Olimpo ao Cume,
Arde Appollineo lume,
E na dourada Lyra sons arpejo.
Grato gosto, e alegria
Resnasça neste dia;
Contente veja o Povo Luzitano
As Virtudes d'hum Rei, e d'um Sob'rano.

Naõ Lacia tuba, nem Dardaneo canto,
O meu talento inspira;
Minha cançada Lyra
Só fere do respeito o grato encanto.
A lizonja afferrolho,
E da verdade colho
Suave Persuazaõ, filha da Gloria,
Que Inveja faça ao templo da Memoria.

Padrões soberbos, alto monumento,
O Tempo leva irado;
E tudo sepultado
Nas trevas ficará do esquecimento.
O Engano naõ illude
Os rasgos da Virtude,
Que ella, na tuba da constante Fama,
Tua justiça ao mundo eterno acclama.

Debalde brada minha voz, e Lyra
Paterno amor, Clemencia:
Respeitoza eloquencia
O nósso Luzo Rei a nós inspira.
O Portuguez ufano
De ter hum tal Sob'rano,
Segue o destino do potente Fado,
Por seu Rei morre, e vive consolado.

Do Piadozo João em nome a Sexto
Vê leis o sabio Luzo;
Desterrando confuzo,
O negro Fauatismo do contexto.
Admira a Europa, e pasma:
Foge a fatal Fantasma
Que o senso illude, que apparencia engana,
Com vestes da Verdade Soberana.

Honra de Portugal! Independencia!
Filha da excelsa Gloria,
Da Paz, e da Victoria!
Gozas do Rey a candida sciencia.
Seu animo Piadozo,
Constante, e Virtuozo,
Medita n'alta mente o Vósso Amparo,
Com nobre Rectidaõ, Valor preclaro.

Naõ lhe peza nas maõs fatal balança,
Nem a espada d'Astrêa:
Na Magnanima Idêa
O desvalido em paz Justiça alcança:
Seus Decretos Reaes,
Aos Vassállos leaes
Move ao respeito a santa Obediencia,
Dictada pela luz da saã Clemencia.

# POESIAS LIGEIRAS.

---

Airoza gentil figura,
Rubras faces de carmim,
Apelles pintou ãssim
O retrato da Perjura.
Alta no garbo, e estatura,
Se conhece o pizar della;
Eis que enfim Cupido ao vella
D'eterno gosto pasmou,
Foi entaõ que preguntou
„ Quem era Marcia bella?

Mas sempre ingrata
Por natureza,
Despreza Amor
E a singeleza.

Por mãis que brâda
Minha alma terna,
A vil chimera
Marcia governa.

Nada destingue
O Coraçaõ,
Quando Cupido
Doma a Razaõ

Amor, e o Fado,
Nascem comigo;
E a Ingratidaõ
Mora comtigo.

No teu dominio,
Meu coraçaõ,
Soffre captivo
A semrazaõ.

Do Coraçaõ
Hum terno Amor,
Eu só dezejo
Por meu penhor.

Amor he Rei,
Com sceptro rude,
Fere a Razaõ,
Mata a Virtude,

Quem soffre amante,
No seu altar,
Grilhões pezados
Vai arrastrar.

Victima triste
Sacrificando,
Novas prizoẽs
Vai fabricando.

Marcias Crueis,
Nerindas bellas,
Nos seus enganos,
Naõ ha conte-llas.

Se Amor tyranno
Forma paixoẽs,
Negro Cuime
Forja grilhoẽs.

Aos negros Zellos
Tenho respeito;
Elles naõ entraõ
Neste meu peito.

Debalde o Zello
Em mim governa,
D'Amor domina
A lei eterna.

O Mundo todo
He taõ pequeno,
Que Amor captiva
Com seu veneno.

A triste aljava,
Amor quebrou,
E suas settas
Despedaçou.

Mas fica lhe huma
No arco armado,
Com que me tem
Já captivado.

Se Marcia bella
Correspondesse,
Talvez entaõ
Feliz morresse.

He tal o effeito
Do seu amor,
Que nos affagos
Mostra rigor.

Ainda que ingrata,
He tal o engano,
Que ella me cauza
Todo o meu dano.

---

# A ARTE DA GUERRA

## POEMA

### EM SEIS CANTOS

de Federico Segundo

Rei da Prussia.

Traduzido do original Francez

em Verso Rimado, e Offerecido

a Sua Alteza Real, o Principe da Coroa de Portugal,

por

*Jozé Anselmo Corrêa Henriquez.*

---

EM HAMBURGO,

na Officina de F. H. Nestler.

1819.

Quem, do Pay as virtudes admirando,
Naõ quer d'Homêro, nem d'Orphêo a lyra;
Que a Lizonja, o veneno destilando,
Das Augustos acçōes o lustre tyra.

Correa, *nas Poesias avulsas.*

# DEDICAÇAÕ.

*Real Senhor!*

Quem foi sempre, e será ate o ultimo momento desta vida, lial, e verdadeiro, a Sua Magestade, o Augusto Pay de V. A. R. deve ter, pellos Filhos daquelle soberano Senhor, o mesmo respeito, e lialdade que exige, naõ somente, os deveres de vassalagem, mas a estima particular que tributaõ, a hum Rei taõ justo, todos os indeviduos da Naçaõ Portugueza. V. A. Real, que he Descendente de herões, e que tem todas as desposições, e virtudes para trilhar a mesma glorioza carreira que talháraõ, com tanta honra, e sabedoria, os seus Herõicos Avós, naõ hade recuzar de receber, da maõ d'um fiel Vassalo do seu Augusto Pay, huma demonstraçaõ do seu zêlo, e do respeito que tributa a V. A. R. na Obra que humildemente poem aos Reais Pés cheio de timidez, e de acanhamento.

O conhecimento da Arte da Guerra he mais huma Propriedade Soberana do que huma excellencia de vassalagem; pois o Commandar, com Sabedoria, e Perfeiçaõ, faz hum dos primeiros dotes da Soberania, na qual o vassalo naõ he mais do que hum Instrumento da Obediencia, e da execuçaõ. Por isso, Real Senhor, naõ podia Eu achar hum Mecenas mais apropriado, aquem dedicasse a minha Obra doque aquelle, que pello Ceo, nos foi dado para imitar algum dia as exemplarissimas acções do seu Augusto Pay, e Senhor, na Prudencia, na Justica, e na Benevolencia.

Queira pois V. A. R. dignar-se de acceitar esta minha fiel, e cándida Lembrança, na fraquissimâ Obra que offereço, aos seus Reais Pés; e perdoar, ao mesmo tempo, a temeridade do Autor nos erros, e defeitos do seu conteudo, sogeitos a approvaçaõ, e Censura d'um taõ Digno, e Augusto Mecenas. Ds. Gde. a V. A. R. por muitos, e dilatados annos.

Rio Comprido
6. de Maio de 1818.

De V. A. R.

*Jozé Anselmo Corréa Henriquez.*

# A ARTE DA GUERRA.

## Canto Primeiro.

Vós que tereis, por dever d'herança,
O Sceptro Augusto, a Espada, co'a balança,
Vós, o Sangue d'Heroês, honra do Estado,
Ouvi *) liçoes d'um candido Soldado;
As guerras feito, activo nas facanhas,
A Gloria chega, por accões tamanhas.
Armas, Cavalos, e canhòes, e gente,
Erguer só sabem das Naçoes á frente;

---

*) A dedicaçaõ deste Poema foi feita ao Principe Real de Prussia; o qual, de pois, foi Federico Guilherme Segundo, de Nome, e quarto Rei de Prussia.

Apprendei o uso [1]) com saber sublime,
Que esse dever o vosso estado imprime.
A minha Musa, em verso, o quadro traça,
Dos Heroês que a Virtude orna de Graça;

---

[1]) Federico Grande, dezejando promover na Prussia a arte militar ao auge da Sua perfeiçaõ, buscou o motivo de enterter, por via da poesia, ao Seu successor, ainda joven, com versos, que fossem utilizar a creaçaõ d'um bom exercito; Seu Pay, ja d'ante maõ, tinha creado a quella desciplina severa, que formou a ordenança da quelle tempo, e o que tinha dado o primeiro impulso para grandeza da Prussia. A ambiçaõ do filho, e ás portencoẽs que tinha, ao Ducado de Silezia, veio a concluir o objecto antecipado por Seu Pay, buscando pretextoa para a guerra de sete annos milhorar a situaçao Politica da Prussia, vendo a fraqueza da caza de Austria, e nella aproveitou a occaziaõ que lhe offereciaõ as forcas de huma liga austentado, pellas naçoẽs mais poderozas da Europa contrá a alianca da caza d'Austria, e da Franca. A teima Politica, que possuio Federico, sobre esta guerra, o habilitou a este fim; sem embargo das contrariedades, que encontrou durante este periodo, as quais, privando-o do amor que tinha as letras, o arrastou ao objecto que tinha seu pay, e que elle ao depois adoptou, sobre a organizaçaõ de hum exercito formidavel que tivesse os dois ramos mais escencais da Tactica: Desciplina, e Ordenança.

Dos preceitos gerais, e vigilancia,
D'un activo valor, e belomancia;
Porque sciencias, hum Guereiro experto,
Ja sobre passa d'arte o termo certo.

Naõ persumis, que p'rigozo vate,
A tuba entoê do fatal combate;
Cego de Gloria, louco nos seus erros,
D'Audacia desligue os negros ferros.
Atilla naô [2]) offerto por modêlo;
Seja hum Heroe mais digno de mer'cello;
Hum Tito [3]), hum Marco Aurelio [4]), hum Trajano [5]),
Em acçoẽs, e virtude, justo, e humano.

---

As acquiziçóes que fez, pella Paz de Hubertsburgo, em 1763, vieraõ enervar este systema, e fizeraõ eomque a Prussia d'um piqueno Eleitorado d'Alemanha fosse considerado, na balança geral da Politica, huma das mais fortes Potencias da Europa.

[2]) Atilla, grande Guerreiro, cruel, e impio Rei dos Hunos.

[3]) Tito foi hum dos Imperadores Romanos conhecido por sua grande Clemencia, valente guerreiro, e Imperador Sabio.

[4]) Marco Aurelio, hum dos mais notaveis Romanos que produzio os annais de Roma, foi Imperador dos Romanos.

[5]) Trajano, grande conquistador, celebre pello vias militares que abrio, e pellos os edificios, e pontes

Caiem da frente os louros da Victoria,
Antes que venal máo vos manche a gloria.
[6]) O Bemfazeja Paz! Genio devino!
Do alto Poder, e Portuguez destino,
Os nossos Campos, villas, e fronteiras,
Das tormentas fatais, e carniceiras,
Livra; e dos flagellos dos humanos,
Affasta para longe os impios danos:
Concede que, este Imperio florecente,
Goze do teu amparo livremente;
E que activo Cultor, com saõ cuidado,
Regule da lavoira o seu terrado;

---

que fez construir. Roma ainda hoje conserva a grande columna que foi erigida em sua Memoria.

6) A invocaçaõ a Paz, que fez Federico Segundo, tomei a liberdade de transverter a nosso proveito, mudando do original a indicaçaõ de Prussia, para Portugal: em poucas linhas mostra o autor do Poema quanto se pode dizer de huma administraçaõ sabia; a conservaçaõ da qual, exige, que a Paz, haja de proteger, e reconciliar, com as ideias do Soberano que tem a felicidade de reger povos. Estas maximas saõ huma guia constante contra as malversoẽs, que se costumaõ fazer, jgnorados do Chefe supremo, nas transaccoẽs administrativas do Estado.

Que a immudavel Justica, em consequencia,
Reprima o crime, vingue a innocencia;
E que nossos baixeis, abrindo as aguas,
Naõ tenhaõ que temer, só vento, e fraguas.
Que tendo na maõ, o ramo d'Oliveira,
[7]) Minerva seja sempre a Conselheira.

Mas quando hum inimigo ambiciozo,
Vem desatar da Paz o nó ditozo,
Povos, e Reis, armai-vos de vingança,
Que Firmeza, e valor, he vossa Esp'rança. [8])

Sois vós, terrivel Deos! Deos dos Combates!
Quem o Pindo trilhais nestes debates.
E vós, d'Olimpo, Irmaâs encantadoras,
Minhas Phrases guiai instruidoras!
Fazei, que, o velho canto d'um Soldado,
Da flanta á tuba iguale o som irado:
Que intento collocar, por minha Gloria,
No alto do cume a Deoza da Victoria.

---

[7]) **Minerva, Deoza da sciencia, Protectora incoruptivel da Justica.**

8) **A maneira de produzir a Guerra pellos crimes, e hostilidades, que se fazem pellos inimigos, excita este apostrofe do autor nestes quatro versos bem poeticos; a invocaçaõ seguinte he bem do genio d'um elevado poeta.**

Armar-vos-hei, a valeroza frente, [9])
Com capacete d'aço reluzente:
Naõ pintarei transportes amorozos,
Nem doces ais, ou prantos dolorozos:
Nem 'sculpirei as penas, e fraquezas,
Nem traçarei d'Heroẽs as ligeirezas;
Qual do Ponto o Cantor [10]) em doces erros,
Gaba do cego Deos amantes ferros,
Dé aos Heroes mil lizongeiras graças,
Que Eu só debuxarei mortais desgraças.
Sob golpes de martello, no Etna ardente,
[11]) Volcano ſorja o raio deliquente.
Esses raios fatais, que as maõs expertas,
Reduzem em montoẽs villas dezertas;

---

[9]) A forma comque o autor fez a transiçaõ da Paz a guerra, na maneina de armar o Guerreiro, e formar-lhe o caracter de dureza, he huma ideia muito singular, e imita nisto o grande Poeta grego.

[10]) A docura de Ouvidio, que cantou os amores, e as ternuras, he positivamente contraste do objecto que o autor pertende cantar, tendo hum assumpto de fereza, e de crueldades em vista.

[11]) Volcano, foi, segundo a fabula, o artifice das armas de Guerra, e o fabricante, e guardador dos raios de Jupiter.

Os mesmos raios, que, o furor do Fado,
Em pó transverte o mais potente Estado.
[12]) Das armas pintarei triste modelo,
Que Bayona inventou, e poz o sêlo;
E do ferro, e do fogo, une os perceitos,
Dando a Guerra cruel novos effeitos,
Na Confuzaõ extrema, e na carnagem,
Veremos dos Heroẽs, ampla coragem,
Os erros emendar com justo tino,
Commandando, e despondo, alto destino.
Antes de começar, estes objectos,
Primeiro tocarei d'outros effeitos:
Qual [13]) Aguia veloz, subindo aos ares,
Aos filhos mostra os circulos Polares;

---

[12]) Introdus ó Poeta aqui a invençaõ da bayonetta em cuja arma sè uniraõ duas formas de effeito para hum só objecto. Esta arma foi inventado em Bayonna de França em 1693 e se lhe poz o nome de Bayonnetta.

[13]) A simile, que faz o autor, da tactica clementar, com o ensino da Aguia, e os seus filhos, he huma lembrança Poetica muito acertada, e mostra quanto a arte he capaz de conseguir, quando se applica aos principios elementares para concluzaõ do objecto, que se pertende animar.

Inda cobertos da penujem nova,
Os percepita no ar, fazendo prova.
O' vós novos Guerreiros valerozos!
Promptos a entrar na luta, dezejozos,
Que dos seios maternos arrancados,
Pensais ja ser na guerra expromentados,
A concluir, sem arte, tais emprezas,
Se a loucura vos guia nas proezas.

Formai o braço a duros exercicios,
Do fuzil conhecei os artificios:
Dobrai o Corpo a varios movimentos,
Ensinai-o a soffrer duros tormentos;
As fileiras cerrai, calado, e mudo,
Tendo os olhos no Chefe, e prompto a tudo:
Attento a voz, obediente ao mando,
Em iguais movimentos manobrando;
Sciente a Carregar o tubo horrendo,
A passo certo marche naõ temendo:
Sem abrir, nem quebrar, vossas fileiras,
Ao fogo marche por secçoẽs inteiras;
Promptos sem susto, cheios de cuidados,
Activos sêde em postos avançados;
Dado o signal executai a pressa,
[14]) Nunca bem mandará, quem mal começa.

---

[14]) **Esta sentença, he taõ verdadeira, na sua extençaõ, que se pode applicar geralmente; e nisto mostrou**

[15]) Qual sob Luiz de Bade, a Historia conta,
Por aprendiz o Grande Fincke [16]) aponta.
As tropas, em çem corpos collocadas,
Saõ do minor Soldado reforçadas;

---

Federico quanto conhecia as paixoẽs humanas; as quais eraõ capazes de nutrirem aquellas stigmas da verdade, e amor proprio, que anima, em geral, todos os homens, que se apprezentaõ em cargos Publicos; do quais ignoraõ inteiramente os principios. Este erro, taõ palpavel na administraçaõ, tem habilitado tantas desordems, quantas, he capaz de influir a vaidade, e a ignorància, e, he muito mais sensivel na arte militar, na quàl p'r iga a honra, à vida, e a propriedade dos cidadõens que vivem seguros na proteicaõ do Estado, e daquelles que lhes deffendem os seus direitos. Esta maxima inalteravel da subordinaçaõ, huma vez que faite, transveste em mil confusoẽs a arte da Guerra; e suas regras, e perceitos naõ tem nenhuma valia, sem que accompanhe o caracteristico da obediencia cegamente observada, e da intelligencia profunda do mundo que se exerce.

[15]) Luiz de Bade, foi Luiz, Principe de Baden, que que commandou tropas, na guerra da Confederaçaõ de Alemanha, que durou trinta annos; muito exprementado General na quelle tempo.

[16]) Fink, General Prussiano, que serviu nas tropas de Grande Elector de Brandenburgo.

Estas forças obrando, em maças fortes,
Daõ movimento ao todo nos transportes.
[17]) He desta sorte, a fornecer os tanques,
Que em Versailles se vem varios palanques;
Em Marly, esta máchina elevando,
Captivo faz o Sena ao seu Commando:
Cem bombas, de huma vez, ja comprimindo,
Fazem com força as ágoas hir subindo:
A mais piquena roda aqui opéra,
Que, d'um motu geral, tudo acceléra;
Se a machina parou, cessou o effeito;
Nas maças grandes ha, este preceito.
D'um activo valor depende a Gloria;
Nas accoẽs, sem valor, naõ ha Victoria.
Mui promptos, ou mui tardos, movimentos,
Fazem murchar os louros aos talentos.
Amai estes detalhes, e com Gloria;
Saõ os passos mais certos à Victoria;
Em falsas honras metigai os dados,
Soldado sois, e mandareis Soldados:

---

17) A simile da impulsaõ, necessaria nó movimiento das tropas, com a mecanica das maquinas impulsivas, he muito bem ligada com a ideia, que Federico tem, das maças movediças ãs quais, quer dar hum movimento impulsivo.

Cedo Chefe sereis de Tropa activa;
Marchando, graõ, a graõ, na expectativa,
Vereis ao teu mando hum Corpo logo,
Guiai-lhe a marcha, gouvernai-lhe o fogo:
Mostrai em que ordem esse Corpo avança,
Attaca, atira, e, com furor, se lança.
[18]) Os Portuguezes fortes na estatura,
Vencem seu inimigo a dois d'altura;
Sobre mais fundo os seus rivais audazes,
Resistem pouco, a resistir capazes:
A passo igual, o batalhaõ marchando,
Naõ prodigue de balde fogo dando;
Que a sua frente aponte a baionetta,
Obrigando o contraria na retreta.
Cuidar a tempo em novos combatentes,
Que a morte ceifa a vida dos valentes:

---

[18]) Transposiçaõ de Prussianos, para Portuguezes; porque as luzes, da actual Tactica militar derrivaõ da Prussiana, que foi imitada por quasi todas as Potencias da Europa, com poucas, ou nenhumas alteraçoẽs na ordenança, e desciplina. O Conde de la Lippe foi quem a introduzio primeiramente em Portugal sendo chamado, pello o Senhor Rei D. José, da Glorioza memoria, a Commandar o Exercito Portuguez en 1762.

Para manter da tropa o garbo augusto
Escolhei o Soldado mais robusto.
Pois Marte quer, que sem deixar bandeiras,
Com pezos marche a tropa nas fileiras:
Os corpos fracos, com fardeis pezados,
Vivem sogeitos a morrer cançados.
Qual entre os bosques, o Carvalho annozo,
O attaque affronta ao vento furiozo;
Emtanto, que, ao seu lado, Boreas venta,
Vê cahir mil Pinhais, que o ar sustenta;
Saõ tais, como Lioẽs, homems valentes
Se em batalhoẽs se formaõ combatentes.
Se quereis adquerir hum nome honrozo,
Aspirai ser hum General Famozo:
Das armas conhecei os fundamentos,
A usallos applicai vossos talentos.
[19]) Na Batalha Lapithe, pedio a areia,
Unisse ás forcas, a arte centaureia.
Aprendei a domar cavalo ardente,
Qual novo Pluvinel [20]), sejai sciente,

---

[19]) A batalha de Lapithe celebre pellos attaques da Cavalleria em que foi percizo que esta arma fizesse estrago nos inimigos.

[20]) Pluvinel celebre Picador a quem se deve o conhecimento das regras da arte de Equitaçaõ.

Que saltem fossos, que a corrida traça;
Fazei-vos brando ao pezo da Couraça.
Que nunca a frente ao moriaõ pezado,
Vos provoque a gemer aturdoado;
Valor, sem manha, tarde, ou cedo, engana.
Formai o braço a golpes de catana:
Estas armas, terriveis nos effeitos,
Aos contrarios medrenta ja desfeitos.
O Deos da Guerra, approva no combate,
Que o ferro vingador penetre, e mate.
Naõ empregueis os tiros a cavalo;
Nenhum effeito faz seu vaõ estalo.
Parai, se for persizo, na carreira,
Saiba o cavalo a força da fileira;
Cerrai os Esquadroẽs, em tal distancia,
Que guardem sempre a mesma Vigilancia;
E que se ensine, por pessoa activa,
Ao cavalo a presteza possitiva:

---

Segue mostrando a arma vardadeira da Cavaleria, e a particular do Cavaleiro, porque a velocidade pella qual se augmenta a força do Corpo em Geral, consiste na massa delle, progressivamente augmentada pella rapidez do seu curso, as tres forças que formaõ a qualidade essencial da Cavaleria, saõ unidade, massa, e rapidez.

Como, em mil conversoẽs, a hum só aseno,
A galope tomou, outro terreno;
E como se transporta de repente,
Outra vez enfileira deligente;
As ordems do seu Chefe, temerarios,
Desfazem Esquadroẽs dos seus contrarios;
E d'um choque veloz, tudo aterrando,
O campo alimpaõ, hostes despersando.
A Grecia foi, quem nos plantou Loureiros;
Foi Sparta o berço, e escola dos Guerreiros;
Delles tivemos arte, e desciplina;
Que a Phalange Thebana nos ensina.
[22]) Melciades, Cimaõ, em Guerra astutos,
Formaõ heroẽs de mil Soldados brutos;
Suprindo ao numero a arte, eis atrevida,
Nos Persas, se vengou, Sparta offendida.
Dia de [22]) Marathon, e Salamina!
Do Grego eternizais a desciplina.

---

[21]) Melciades, e Cimon, dois Generais Atheniennes.

[22]) As Batalhas de Marathon, e Salamina entre os Gregos, e os Persas, a primeira foi dada por des mil Athenienses debaixo do Commando de Melciadas contra cento, e dez mil Persas, os quais foraõ derotados completamente, este successo teve lugar Quatro centos,

Vêde esse Rei, heroe de Macedonio,[23])
Dar aos amigos bems, e Patrimonio;
Mas rico em esperanças, e vertudes,
Desfaz Dario, e seus Persanos rudes;
Azia subjuga, e seus fatais Phalanges,
Deo lèis ao Eufrates, Gránica, e no Ganges.
Das margems do Oriente, ʹo forte Marte,
Fez ver em Roma o Pérsico Estandarte.
Este povo guerreiro, e valerozo
As armas aprendeu do Deoz raivozo;
Por vezes combateu os seus vizinhos,
'Té os favorecer fados mesquinhos.
Hetruscos, e Sabinos, conquistados,
Formaõ, com elles, rápidos Estados;
A ave das legioẽs, fera na empreza,
Vôa as varias naçoès com ligeireza.
He Roma dos Rivais perseguidora,
Volvendo as armas, com a maõ traidora,
Seus campos muda em paredoẽs de custo;
O Danubio que os viu, tremeu de susto!

---

e noventa annos antes da vinda de Christo: a segunda, enteiramente a favor dos Gregos, os livrou dos Persos quatro centos, e oitenta, annos antes da êra de Christo.

[23]) Alexandre Magno, Rei de Macedonia.

Ao Espanhol, e Alemaõ, ja vence Roma,
E o povo rude que a Bretanha doma,
Os sabios Gregos, Vis Carthegenezes,
O Bósfero terrivel, os Francezes,
Eos mais Estados, que compoem o mundo,
Tudo vence este Povo taõ fecundo.
Chegando, em fim, ao Cume da Grandeza,
Nos seus ultimos Reis perdem presteza.
Eis Godos, Hunos, povos vagabundos,
Menos guerreiros, que ladroẽs immundos,
Este Imperio asoláraõ com furores,
Sem achar triste Roma defensores.
E este potente Estado, na ruina,
Mui tarde lamentou a desciplina.

Esta arte, que jazeu no Equecimento,
Resurge-o [24]) Carlos quinto no talento:
Eo Iberio, d'um Guerreiro taõ famozo,
Soube ser das naçoẽs Victoriozo.

---

24) Epoca em que a Tactica moderna teve o seu principiu, e huma direccaõ muito alheia da quella que antigamente se observava: he neste Tempo que a Infantaria Espanhola adqueria reputasaõ, e a desciplina militar comecou a manejar regras, e perceitos taó necessarios a arte militar, debaixo das disposicoés da Carlos quinto, e seus habeis Generais. Carlos quinto, foi Emperador de Alemanha, e Rei

As regras lhe prescreve a lei severa,
Que o Campo de Rocroi, [25]) emfim, altera;
Eis que, hum jugo fatal, com violencia,
Formou Mauricio, [26] á força d'exp'riencia;
Apprendendo a servir, e obedecendo,
O Batavo feroz foi combatendo;

---

de Espanha sendo neto de Izabel de Castella, e Fernando de Aragaõ, por ter a filha destes, unica que sobre viveu aos Irmãos, cazado com Philippe Archeduque d'Austria de quem teve Carlos, e Fernando que foráo ámbos Imperadores de Alemanha.

[25]) Batalha de Rocroy dada entre os Francezes, e Espanhoes na qual foraõ batidos estes, cõm grande perda, em 1643.

[26]) Máuricio, Principe de Nassau, e d'Orange, que, a testa dos Hollandezes, revoltou contra a dominaçaõ de Espanha. Homem, constante na adversidade, prudente nas opperações, Valeroso nas emprezas, e astuto nas medidas que tomava. Grande Generãl, a força de experiencia, e dotado de virtudes, que o souberaõ conservar á testa do partido, que elle tinha creado, para salvaçaõ da Hollanda. Foi mestre do grande Turena; e da sua escola militar sahiraõ a quelles generais, que taõ habilmente se opposeraõ a desciplina Espanhola, naquelle tempo.

Eo exemplo duro, deste Chefe ouzado,
Fez cedo de Turena um bom Soldado.
Este, a França, ensinou obter a Gloria,
Ao Seu Rei adornando de Victoria.
Teve o Soldado leis, com ordenança:
Porem ignora el Rei haver na França,
Hum filho amado de Belona, e Marte;
Experiente Eugenio, chefe d'arte.
Sob este herôe, Dessaw, [27]) na mocidade,
Mostrou n'arte da Guerra integridade;
Do vasto Imperio, hum Semideos humano,
Hum protector quiz dar ao Prussiano.
Eis, como sempre, d'arte vencedora,
Aos Reis susteve a Espada vincedora;
Tendo por fundamento a desciplina,
E tudo mais, quanto a arte nos ensina;
Da grandeza julguai sua eminencia,
Que só a pode dar a Experiencia;

---

[27]) Dessaw, General Alemaõ, descipulo do Principe Eugenio. De quem o verso antecidente falla. O Principe Eugenio, Que nasceu na França, tendo grande inclinaçaõ para o serviço militar, desprezado na França seu Paiz natal, tomou serviço na Austria, e veio a ser o maior General do seu Tempo. Dessaw militou no exercito do grande Elector de Brandenburgo.

[28]) Infelice o novato, que, nesta arte,
Pertende alem passar o mesmo Marte.
Tal qual Pheatonte, temerario moço!
Sem de si prevenir fatal destroçó,
Quiz do sol derejir veloz carroça;
Os cavalos fogozos alvoroça;
As redeas perde, que seu Pay lhe déra,
Tanta ignorancia sua audacia géra,
Que Jove o lança dos ligeiros ares;
Percepitado caie nos fundos mares.
Temerarios fugi, do mesmo Fado,
Se Pheatonte acabou em tal estado,
Naõ julgueis governar potente Marte,
Seus erros saõ mortais em toda parte.

---

[28]) Feliz reflexaõ que deve servir de exemplo á quelles noviços que se pensaõ capazes de mandar antes de adquerisem o tacto de obedecer. A simile de Pheotonte, que segue, he muito bem lembrada para prevenir similhantes erros militares em tais que cuidaõ, que, guiar, e commandar homems, he de nenhuma consequencia.

---

## Canto Segundo.

Quando ao mundo, a discordia adormecida,[1])
Veio d'infernal rio enraivecida,
Mil gritos dando, co'as fatais serpentes,
E no ao sacode os faxos reluzentes;
Caiem faiscas mil no Regio Paço,
Deixando atroz incendio a cada passo.

---

[1]) Principia o autor este canto com a descripçaõ da discordia que he geralmente quem primeira a dá principio as Guerras; motivando, ou interesses, ou ou injurias, que se devem despicar: traz a memoria as companheiras deste vicio, que servem a animar, no conselho, dos Reis, o motivo da vingauça: traça engenhozamente os aprestes, e armamentos, que precedem a esta grande luta; Pinta a desordem que cauza o tumulto da guerra; de buxa com forte imaginaçao os accampamentos, as estaçoes, e os lugares em que devem ter lugar.

A vaidade, a lizonja, a falsidade;
Do conselho desterraõ a Equidade;
Ea vingança fatal, ligeira corça,
A questaõ finda co'o poder da força.
Do primeiro successo, o monstro horrendo,
'Avido em sangue, que elle está vertendo,
Invoca no clamor o deos da guerra,
E os flagellos crueis da vasta terra.
Eis promptos vejo os armazems de Marte;
Fulvio torvaõ ornava o baluarte;
O aço batido geme na bigorna;
Em enxofre, e betumes, o ar se toma:
As cidades felizes dos regalos.
Onde gozaõ a paz varios vassalos,
Cheias se vem com armas, e Soldados,
Que da guerra denotaõ mil cuidados;
A trombeta guerriera, os soms rompendo,
Anuncio dá de morte, esusto horrendo.
A estaçao dos prazeres, que Cythêra
Faz respirar o amor na primavêra,
Onde o mortal em paz se ajunta ao lume,
Nos ares mostra seu fatal negrume;
Da vista esconde, a Gloria, os varios danos,
A neve foge, e suavissa enganos:
Dos altos montes cai em claras agoas,
Que em rios serpenteaõ entre fragoas;

Eos prados matisados de mil flores,
Ao manço gado prestaõ seus odores:
Verdeja a Espiga, que o calor altêra,
Flora mostra aos mortais a primavêra.
Os guerreiros crueis, sempre sinistros,
Da vinganca dos Reis sao os Ministros:
Juntos voando ao campo da batalha,
Cada qual, no valor, a Gloria talha:
Os tectos deixaõ por quarteis de linho,
Com medo foge o timido vizinho;
O campo da cultura abandonado,
Por estranhos crueis he arrazado.
Ao destinado ponto a tropa chega,
Em frente toda, em linha, se congrega:
Eis que se escolhe o vasto accampamento
Erguer se vê, n'um subito momento,
Ruas, e cazas, que a cidade imita,
Onde o Chefe do Estado ali habita.
Elle vê o trabalho, eleva muros,
Sem cal, nem pedra, nem carvalhos duros:
Todo o povo he maçaõ; saõ arquetectos,
Transportaõ, forem, e desfazem, tectos.

Para o campo escolher, em qualquer parte,
He persizo hum saber digno de Marte:
Sciencia taõ forçoza, e delicada,
De mil perigos salvará a armada.

Vossa vista lançai a tais objectos,
Que calculado tendes nos projectos.
Aqui encontrareis desfiladeiros,
Profundos vales, montes sobranceiros;
E nas occaziões, em tempos varios,
Talvez vos sejaõ estes necessarios;
Quando a batalha pede, e pede o cazo,
Os montes servem, serve o campo razo.

Vossos corpos feraõ a maça inteira,
Da qual a môla sereis a verdadeira;
Pensai nelles, por vos, sempre animai-os.
Quer na paz, ou na guerra, consolai-os.
Em vos estes guerreiros tem confiança;
De vós depende a sua segurança;
Respondei aos seus votos; firme em tudo,
O soldado será o vosso escudo.

Se quereis adquerir Fortuna incerta,
Campai a larga na campina aberta:
Nada vos embarassa os movimentos,
Tendo na frente fortes regimentos.
Naõ affasteis de vós bosques, e rios,
Nem cidades que tem os passadios:
Vossos corpos postai em duas linhas,
Sem tereno occupar vistas mesquinhas.
No centro esteja a forte infantaria,
Nos lados os dragões de valentia:

A maça, que em secções, o fogo espalha,
Faz no centro o corpo da batalha;
Os feros esquadrões promptos estendem
Activos braços onde mais offendem.
No seu tereno cada corpo esteja,
Em possições contrarios não maneja.
Dos rapidos centauros na carreira,
A terra treme em nuvems de poeira.
Seu choque activo, na planice raza,
Tem outro effeito que a montanha atraza.
Iguais saõ os terenos aos infantes;
Bosques, montanhas, vales importantes,
A passo firme, no marchar, affrontaõ,
Grimpaõ montanhas, as muralhas montaõ:
Attacaõ promptos, com valor deffendem,
Todos os postos que ajudar pertendem.
Tal qual o turbilaõ, na primavêra;
Ronca, vomita, com furor impêra
Golpes de lume lança, e mortais raios,
Crestando as mèdas co'os crueis ensaios:
Tais os bravos guerreiros fuzilando
Va'o inimigas hostes desterrando.
Se avossa experiencia he consumada,
O flanco apoiareis da vossa armada;
Hum bosque, hum rio, hum pántano, uma aldeia,
Deffende o corpo, e os lados lhe flanqueia;

Confundindo o contrario em seu projecto.
Assim o touro, no bisonho aspecto,
O liáo, o cavalo, o tygre atterra,
Na ponta do seu cifre a ſorça encerra,
Solto no campo enveste, cego embarra,
Recua os flancos, e co'a testa marra.
Na mente recordai esta virtude,
Seus fracos occultar o heroe estude.
[2]) Achiles invensivel, conta a historia,
No pê as falhas tinha da Victoria;
Vós os tendes nos flancos mal-sustidos,
Quando não são com força guarnecidos.
Se a sorte reforçar os adversarios,
Tende na vista cazos taõ contrarios:
Se a tropa delles augmentar em força,
Mudai o campo, qual ligeira corça;

---

[2]) Achiles, hum dos Guerreiros, que asistiu ao cerco de Troia. Filho de Peleo Rei da Thessalia, invulneravel em todo o corpo, excepto o calcanhar: contaõ que sendo descipulo de Chiron, o Centauro, este o mergulhou no Estigio para o fazer invulneravel, mas como o susteve, neste acto, pello calcanhar, naõ recebeu o beneficio das agoas na quelle parte, por isso foi morto depois por huma flecha que Paris lhe atirou, e que o feriu na quelle lugar.

O numero supri com raro engenho,
Tomando possiçaõ de desempenho;
Em bosque espeço, em emgrime Montanha,
Rápido rio, que a campina banha;
Isto naõ basta, se hum caminho occulto
Abrir estradá ao militar insulto.
Absoluto senhor dos movimentos,
Os contrarios ligais nos seus intentos;
Do golpe, o inimigo, immovel fica,
O tino perde, e quanto faz claudica.

Apprendei pois em novo arranjamento,
Conformé as leis de Marte, o alinhamento;
O fogo presta a linha de defeza;
Nos fortes batalhões cresce a destreza;
Nos entrevalos ronca o raio horrendo,
No coracaõ gravando dó tremendo:
Atraz dos raios, onde parte a Chama,
Arranjai de dragões tropa de Fama.
Se entaõ vossos rivais, cegos de Gloria,
Rompendo a linha, buscáo a Victoria,
Destacai Esquadrões vibrando a Espada,
No sangue dos rivais seja ensopada.
A arte facil fará o campo incerto,
Sendo dos danos hum padraõ coberto:
Desta sorte o saber o mal affasta,
Vence rara Prudencia audacia vasta.

[3]) Varo Soldado foi, Fabio guerreiro; [4])
Qual pizando d'Athos[5]) ultimo outeiro,
Ve boreas negras nuvems ajuntando,
Em mil tormentas hir aos pêz roneando,
Serena afrente, mais sereno o vento,
Despede, e Solta, o raio turbulento.
Tal do centro do campo, heroe supremo,
De sangue frio vê, em cazo extremo,
Seu rival soffocar lenta vingança.

Se em vos Soberbo Marte tem Confiança;
Se do talento em vós ardeja a Chama,
Achareis mil reductōs d'alta fama,
Onde as maōs dos mortais náo tem traçados
Postos pella natura calçulados;
Por estes passa o militar obtuzo,
O Sabio os aproveita, e faz seu uzo.

---

[3]) Varo, General Romano, que commandava as legioés de Augusto; as quais foraō surprendidas por Arminius nos florestas de Alemanha.

[4]) Quinto Fabio, General Romano, sabio na castramentaçaō.

[5]) Athós, famoza montanha entre a Thracia, e a Macedonia; lugar aonde Jupiter era adorado debaixo do appelido de Jupiter Athous.

N'uma tal possiçaõ, bravo Leonidas,
Com pouca tropa lhes deffende as vidas:
Hum turbilaõ de Persas derotados,
No Thermopyles [6]) sáo desbaratado,
A Grecia, n'arte, Xerces confundindo
Rápido curso a guerra foi abrindo;
Eis desputando o Imperio, co'a Victoria,
D'Ausonia ao Epiro nos transferio a Gloria:
O Heroe de Roma, dos Romanos digno,
A balança d'Enéas [7]) o destino.
Dyraquios [8]) montes em que campa Roma,
A arte de Cesar hum Pompeo só doma;
Sem riscar hum combate, nas alturas,
Pompeo venceste, eos louros asseguras;
Facil em crer a fraca mocidade,
Cançado com valor, e com vaidade,

---

[6]) Thermopyles estreitõ entre Thessalia, e Achaia aonde as forças de Xerçes foraõ batidas pellos Gregos.

[7]) Eneas hum dos Guerreiros que escapâraõ do cerco de Troja, e emigraraõ para Italia. Deo assumpto a Eneida de Virgilio.

[8]) Dyraquios montes: montanhas ãonde Pompeo accampou: em quanto se susteve nestas montanhas zombou do poder de Cesar.

A penas deixa o posto vantajozo,
Que Marte o fez sentir fado enganozo;
Huma batalha só apprezentando,
Roma sobmete á Cesar, [9]) e ao seu mando.
Tu, Sabio Montecúli [10]) Valente!
Do Rheno, e Imperio, defensor sciente;
Tu, que tiveste em suspensaõ Turena, [11])
Os campos defendendo da Lorena,
Naõ me esqueço de ti em tal empreza;
A minha vóz, Eu sinto, com fraqueza:
Vede, jovem Guerreiros, a Campanha;
As marchas admirai, em que Alemanha,
Por varios possições, mudanças novas,
Aos Francezes contem, com varias provas:

---

[9]) Cæsar, foi Julio Cæsar, Famozo Guerreiro Romano, e foi o primeiro Imperador Romano, morto no Senado por Bruto, Cassio, e outros conspiradores que deffendiaõ os direitos da Republica Romana, escreveu hums commentarios, que vem a ser hum livro classico para os habeis militares.

[10]) Monteculi, General Alemaõ, digno emulo de Turena.

[11]) Turena, General Francez, Insigne na arte da Guerra.

Naõ o julgueis na sua variedade,
Inda que o campo seja huma cidade:
A guerra quer mil possições diversas,
Do seu contrario ter forças despersas;
Ver seus intentos, occupar hum passo,
Com rapidez marchar, tento, e compasso,
Sem perda retirar, prompto avançando,
Com viveza os seus planos transtornando.
Quando, por mando, as Possições se trocaõ:
Os corpos em columna se collocaõ;
Formando quatro troços separados,
No centro Infantes, os dragões nos lados,
Seus pes acalcaõ nuvems de poeira;
A hoste inimiga vê tropa guerreira
Desfilando no campo assaz contentes;
Assim, no Zarà, marchaõ as serpentes,
Os corpos de mil conchas defendidos,
Apprezentaõ aspectos destemidos.
A dura persizáo o susto espalha,
Quando com arte marchaõ a batalha.
Aflm de que Belona tudo approve,
Huma forte avançada entaõ se move;
Ah naõ o abandoneis, sabei suste-lla,
Ou alias o contrario hade vencella.
Qual o fanal, que o gram Mosés procede,
O seu corpo o fiança, o campo mede;

Para tropa mover ha varios modos;
Pellos flancos marchando seguem todos:
Quando pella direita perfilando
Paralellas as linhas vaõ formando.
O Fado vencedor jamais condena,
[12]) Condé batido, nem Mar'chal Turena.
Entaõ se cede á força do adversario;
Quem bem recua engana seu contrario.
He quando o Sabio Chefe, com sciencia,
Na retirada mostra a experiencia:
Eis que parte a bagagem, de repente,
Hum corpo forte cobre a toda a gente.
Nos altos cumes, nas fatais alturas,
Marchaõ as devizões assaz seguras:
Eis quando o General, mui prompto ganha,
Repouzo a tropa, e possiçaõ estranha.
Varo, [13]) passando os bosques d'Alemanha,
Sem ter cuidado algum, nelles s'entranha,
D'arte esqueceu as regras salutarias,
Campa sem forma: em marchas temerarias,

---

[12]) Condé, conhecido pello o nome de Grande Condé Principe, e General Francez de muita fama.

[13]) O mesmo Varo acima referido n'uma nota a quem Augusto entreguou as legiões Romanas que foraõ batidas por Armenius nos bosque de Alemanha n'uma surpreza que este fizera.

Envestiu os fatais desfiladeiros,
Onde Arminio acabou os seus guerreiros;
Sentido desta affronta, o grande Augusto,
Exclama no auge d'um furor taõ justo;
O Varo! Varo! [13]) as minhas legiões!
Se dos Romanos vira as Possições,
Teria ditto; Chefe inexperiente!
As alturas occupa, salva a gente!
Eis, quais sáo. d'arte os respidos objectos.
* * * * * * * * * * * * * * *
Da ordem do Campo, d'uma Marcha viva,
D'um posto forte, retirada activa,
Deciderá dos Reis, e dos Estados.
Illustre herôe, e Chefè dos Soldados,
Nos meus versos achais as leis da Táctica;
As licões apprendei na sua prática:
Quem subir quer ao carro triumfal,
Qual Fabio [14]) campe, em marchas Hanibal. [15])

---

[14]) Fabio, Quinto Fabio grande castramentor, General Romano.

[15]) Hanibal, Carthegenez, General Famozo, o qual vencendo os Romanos pella velocidade dos suas marchas chegou, Atrevessando os Alpes, a por cereo á Roma, mas demorando se em Capua, e entregando o seu exercito ao desleixo, veio aser batido, ao depois, pello celebre scipiáo Affricano.

## Canto Terceiro.

Ja viraõ arcenais do féro Marte;
Que importaõ juramentos d'Estandarte,
Ou que o Guerreiro seu valor estime,
Se d'arte naõ tocar o mais sublime.
Segui-me ao Templo, penetrai altares,
Vede sacros Misterios militares;
Longe do trilho vulgo, e temerario,
D'um passo igual entrai no sanctuario;
As estradas tortozas, e escarpadas,
Do sangue dos Herões vede-as pintadas!
Vede o penhasco, as nuvems, elevado,
Onde o Templo immortal está fundado!
Seu cume está no Olimpo, ao sol vermelho,
Onde os Deozes se ajuntaõ em conselho.
O alecerse co'Tártaro confina,
Onde a Inveja fatal tudo domina,

As Guardas deste Paço suspeitozas
Sobre vós, lançaõ vistas furiozas:
A Gloria aponta, sua vóz vos Chama,
Entrai no Templo, envergonhai a Fama.

Ja vejo as Castas nymfas na façada
Cada qual nos trabalhos occupada:
Urania, [1]) manejando seu compasso,
Mede da terra a forma, e seu espaço.
Grava em piqueno, com buris deff'rentes,
Varios estados de nações, e gentes:
Cada ponta da terra a carta explica,
D'um Hemysferio ao outro tudo indica.
Saõ, [2]) Vauban, e Sansaõ, os seus Validos,
Em ensinar guerreiros entertidos;
Mostraõ no mapa, em que se faz a guerra,
Quantos montes, e Villas elle encerra.
Qual a praça tomada, qual se larga,
A via mais direita, curta, ou larga.

---

[1]) Urania, huma das nove Musas; Preside a Astro nomia; he representada na figura de huma nimfa coberta d'uma vestimenta cor de ceo, huma coroa de estrellas, na cabeça; huma esfera na maõ, e cercada de muitos instrumentos mathematicos.

[2]) Vauban, e Sanson dois habeis engenheiros e Geograficos.

Canta Caliope [3]) a passada Historia,
Que dos Herões imortaliza a Gloria:
O Povo attento, sua voz ouvindo,
Altos dezejos seus estaõ nutrindo:
E a Muza, que tratou destas victorias,
Aos vindouros gravou estas memorias.

Vede a Moral, [4]) com ar de majestade,
Banir do Templo a rispida maldàde;
O Guerreiro ensinando, com doçura,
O dever mais sagrado da brandura;
Condena o meio, aponta a falsidade,
Accode na desgraça a humanidade;
Esmaga com as maõs a negra Inveja,
E pello Estado só morrer dezeja.

---

[3]) Caliope, huma das nove musas, preside a Eloquencia, e a Poesia heroica. Os poetos a representaõ como huma nymfa coroada de louros, ornada de guirlandas, com ar Magestozo, tendo huma trombeta na maõ direita, e um livro na esquerda, e tres outros ao pé della, que saõ a Iliada, a Odyseia, e a Eneida.

[4]) A Moral personalisada aponta a conducta dos Guerreiros que dezejaõ ser contados no numero dos herões do seu seculo.

Eis Bellona, [5]) que tem a Espada nua,
As battentes das portas arrecua;
Aqui se guardaõ, do Guerreiro vario,
Os segredos que occulta o Sanctuario;
Dados só aos Herões, ali postados,
Nos altares do Templo Collocados.
Em alto Throno de grandeza emmença,
Sustido no ar, dos genios na presença,
Esta o Deos da Guerra em toda a Gloria;
Ve-se a par delle a Candida Victoria,
O sangue frio que despreza o medo,
O cançado Trabalho Nunca quedo,
E a manhoza Deidade, taõ fecunda,
Que toma varias formas emprestadas,
Qual o Protheo [6]) cóm caras variadas.

---

[5]) Bellona Deos a da Guerra: esta ficcaõ, que faz o Poeta das virtudes Personalizadas, que formaõ o sequito do Deos da Guerra, he muito poetico. Se este sequito accompanhasse sempre os Commandantes em Chefe dos exercitos naõ se veria nunca triumfar o vicio, o qual faz odioza a Victoria aos olhos da Posteriadade, em vez de engrandecer a memoria do heroe que a Alcançou.

[6]) Protheo, filho de Thetis e o Oceano; era o Pastor de Neptuna. Recebeu em nascendo o conheci-

Ve-se a Imaginaçaõ, [7] co'os olhos vivos,
Ardendo com projectos expressivos,
Ja rapido concebe, prompto explica,
Quanto Pallas [8]) approva, e quanto indica.
O Throno ornado està de eternos loiros,
Que o Deos off'rece aos generais vindoiros;
Aos seus validos dignos d'alta Gloria,
Que, com genio, promovem a Victoria;
Coroas dos Heroes! este remate,
A mil Guerreiros levaõ ao combate;
Outras paixões humanas naõ saõ seus.
He neste Templo, ornado de Trofeos,
Onde Marte regula o premio humano;
Entre as Columnas poem, por desengano,
Os bustos dos Herões dignos de Fama,
Que esmagáraõ nações á ferro, e Chama.

---

mento do futuro, o que explicava quando era obrigado a fazello. Elle tinha o poder de se mudar em todos as figuras: appareceu aos seus filhos em espectro, os quais sendo gigantes muito crueis quãndo viraõ o pay transmutado, com medo, renunciaraõ a Barbaridade.

[7]) Imaginaçaõ, virtude personalizada.

[8]) Pallas, deoza da Sabedoria.

[9]) La estaõ dois Herões de gerarquia
'A quem Marte emprestou a Soberania;
Vencedores do Persa, e de Pompeo,
O mundo lhes consagra este Trofeo.
Taõbem se vem o [10]) Melciade Astuto,
Paulo Emilio, Cimaõ o resoluto,
O manço Quinto, Fabio o deligente,
E Scipiaõ terror d'adusta gente:
[11]) O Grande Henrique, de Navarra a Fama,
[12]) Condé, Turena, que a Victoria aclama,
Montecuculi, Bade, Anhalt, e Eugenio,
Do Imperio defensor, fertil no genio,
Gustavo Adolfo, e o Candido Elector.
Das maõs saïa do hábil escultor,
Huma Estatua a penas acabada;
Cuja frente de loiro estava ornada.
He o Grande Saxaõ; [13]) herôe da França,
Em quem a Parca naõ ferá mudança.

---

[9]) Alexandro Magno, e Julio Cæsar.

[10]) Guerreiros Gregos, e Romanos.

[11]) Henrique Quarto, Rei de França.

[12]) Guerreiros Modernos.

[13]) O Mareschal de Saxonia hum dos maiores Generais do nosso Tempo, filho natural do Rei de

Em quem a Parca naõ ferá mudança.
Novos Guerreiros, vede a Experiencia [14])
Lutando com trabalhos, e Sciencia!
Na frente enverugada as caàs alvejaõ,
E os membros, com os annos, arrastejaõ;
O corpo de feridas maculado,
Do tempo tem injurias apagado:
Prezente aos factos, prompta em toda parte,
Maneja a Guerra, com astucia, e arte;
Qual hábil Scipiaõ, [15]) na guerra Punica,
Roma Salvou, d'huma maneira unica;
A Carthago, Hanibál, medrozo atira,
Eis que Italia infeliz em paz respira:
Hum General commum, de genio escasso,
Na Ausonia lutaria no embarrasso.
Talvez que deffendesse os campos seos,
Sem os vingar no meio dos Trofeos.

---

Saxonia creado em França, e Elevado ao bastaõ de Marechal de França, pellas emmensas Victorias que alcançou.

[14]) A Experiencia personalizada como huma das virtudes majores da Arte da Guerra.

[15]) Scipiaõ, General Romano que Venceu Hanibal, e Levou a Guerra a Carthago.

Inqueitando a Descordia a may do mundo
Em varias partes gera dó profundo:
Vejaõ Sertorio, [16]) a quem a manha sua,
Ora o ſaz avançar, ora recua;

---

[16]) Sertorio, sendo proscrito por Scylla de Roma, porter seguido o partido de Mario, passou a Espanha, depois a Affrica e d'ali a Ilha de Ivica: estava de volta da Affrica quando os Lusitanos, surportando, com desgosto, o jugo Romano, pensaraõ que guiados por elle poderiaõ livrar-se da oppressaõ. Os Lusitanos lhe fizeraõ saber que voluntariamente uniriaõ os seus interesses aos delle se elle os queria guiar contra o seu inimigo commun. Nada convinha mais a este proscrito do que a proposiçaõ que lhe fizeraõ. Apressou-se logo em vir procura-llos, conhecendo que o valor deste Povo era respeitado mesmo aonde elle recebeu a sua proscripsaõ. Chegou da Affrica accompanhado de dois mil Romanos, e de sete centos Affricanos os quais uniu as Tropas Lusitanas que constavaõ de quatro mil infantes, e sete centos cavaleiros. Foi com esta tropa que elle fez desalojar todos as guarnicões Romanas que occupavaõ as Praças deste paiz; Pompeo, de quem a Fama relatava prodigios, foi mandado, contra Sertorio, pello Senado Romano. Porem, Sertorio o bateu, e o fez levantar o cerco de Placencia; forçou o campo de Pompeo em calahorra, e matou-lhe tres mil soldados; tomou a vista do mesmo Pompeo, a cidade

Agalgando d'Iberia [17]) alto rochedo,
As aguias de Roma impoem o medo.
Tanto pode o talento, e o genio forte,
Que aos destinos fatais regula a sorte!
Hum guerreiro fogozo, e sem prudencia,
Desprezando dos montes a eminencia,
Aos seus rivais procura na Campanha,
A Fortuna adquerindo na façanha:
Assim, grande Condé, filho da Guerra,
Da França sobmeteu a vasta Terra:
D'um rival o successo, taõ constante,
Subito fez parar n'um só instante;
N'um dia de valor, e de imprudencia,
D'Espanha conquistou a Experiencia:
Talvez hum chefe, muito mais prudente,
Naõ riscaria golpe taõ ardente;

---

de Laurona, queimou-a e mandou todos os prisioneiros escravos para Lusitania. De novo bateu Pompeo junto as margems do Xucar, neste derota foi ferido Pompeo, Memio, Metello, e Didio Lelio. Depois de ter alcançado brilhantes victo rias sobre os Romanos, estes projectaraõ assacinallo, e para isto ganharaõ ao seu partido Perpenna que o apunhalou em hum banquete que se deu em Osca no anno da edificaçaõ de Romã 681.

[17]) Iberia, tomasse por Espanha, derrivado do Rio Ebro.

Que o Espanhol, na Victoria confiando,
O Trilho de Paris hia buscando.
Vêde do Norte vir pod'roza armada,
Pellos ventos gelados transportada;
Dentro do seio traz Gustavo forte, [18])
O filho de Belona, e de Marvorte.
A saa Prndencia o traz, movendo a guerra;
Contra a vil oppressaõ que entaõ impêra.
Desposto vem vencer a tyrania,
Desse alto esforço, que Viana envia.
Gustavo chega ás praias d'Alemanha,
Onde Stralsund recebe agente estranha:
A audacia, protegendo o seu destino,
Da desgraça venceu o desatino:
Seguro, no soccorro dos amigos,
Zomba da sorte, e dos emmenços p'rigos;
Triumfante, marchando co'a Victoria;
Ao Imperio volta sua antiga Gloria;

---

[18]) Gustavo Adolfo, Rei de Suecia o qual desembarcou em Stralsund bateu os Imperiais, e penetra no centro da Alemanha por huma continuaçaõ de victorias que o fez respeitado, e temido dos seus inimigos, depois de ter decedido da sorte do Imperio em huma batalha junto as Lentzen foi morto d'um tiro de Espingarda em 6 de Novembro de 1632.

Os direitos reclama dos sobr'anos;
Qual firme Protector modera os danos,
Moldando os seus designios a Victoria:
Se a morte o naõ roubasse a tanta Gloria,
A carreira parando aos seus ardores,
Talvez o Imperio visse dois Senhores.

Vêde d'Eugenio a marcha temeraria
Ser contra a Lombardia taõ contraria,
Os Alpes galga, por caminho novo,
Sem achar em Turim algum estorvo:
19) Marsin, que defendia o seu recinto,
Ve deserto o seu campo em sangue tinto:
Por esta só façanha, os vencedores,
A Italia fez voltar aos seus Senhores,
Segui o intento desse grande Eugenio,
Que na Hongria mostrou seu alto genio:

---

19) Marsin, Conde de Saint Marsin Keraglio, General do Duque de Saboia, muito habil, mas muito desgraçado; huma das Primeiras familias da Saboia, occupando grandes Empregos, na corte de Turim; Visavo do actual Conde de Saint Marsin, que se fez illustre na Revoluçaõ Franceza.

*Vide.* Dictionaire Historique des hommes célébres de la Revolution Francaise, article Saint Marsin.

Attacando Belgrade, nas Fronteiras,
Taõ bem o foi dos Turcos nas trincheiras.
Novos trabalhos faz, o cerco cerra,
A audácia do Vizir com ferro aterra;
Adiantar o deixa, em tal maneira,
Que passe enxuto a rapida ribeira;
Eis sobre elle semêa, este Mavorte,
Com golpes d'esquadrões, a negra morte;
Foge do Campo o Turco cavilozo,
E a Praça cede ao genio bellicozo.

Sahe dos Elisios sombra Magestoza
Deixa, por nós, a via luminoza;
D'um olhar paternal teus filhos colhe,
Ensina-os a vencer, herões escolhe;
Sejaõ filhos de ti; esses reclamo,
Naõ Guerreiros brutais, d'alheio ramo.
Generoso Eleitor, es tu qu'Eu vejo?
De teu povo immortal arma o dezejo;
Aos seus clamores, aos gemidos tristes,
Do Rheno, em sangue, as rubros margems vistes,
Ao Elba sereno rapido chegas-te,
Os Tygres, e Falcões prompto affastas-te:
Esses Godos crueis, que os campos trilhaõ,
Ceâras queimaõ, e cidades pilhaõ.

[20]) Wrangel ufano, dorme descançado,
Do successo fatal inesperado:
Hum raio o accorda no cruel momento,
D'Ira Marte clamou do claro assento;
E vir, ver, e vencer, he seu destino:
Os Suecos consternados perdem tino,
Surprezos nos quarteis, envergonhados,
Fogem do campo atroz desbaratados.

Campos de Ferbelim, esta victoria,
Custou aos Suecos sua antiga Gloria.
Qual do alto Ceo, a raiva vingadora,
Abarca do Anjo a espada assoladora;
Dos Philisteos punindo os negros crimes,
Tal foi Guilherme nas accões sublimes;
Nos dias de Tríumfo, e da Victoria,
Com clemencia exerceu a sua Gloria;
Homberg perdôa, o qual, com imprudencia,
Provocou o combate sem violencia.

---

[20]) Wrangel, General sueco que foi batido pello Eleitor de Brandenburgo denominado o grande Eleitor. As tropas suecos conservando-se entre o Oder, e o Elba faziaõ os maiores depredações as Povoações da quelle circulo, foraõ surprendidas, e batidas pello o Grande Eleitor em 18 de Junho de 1675 junto da Aldeia chamada Fehrbellin.

Aos captivos faz graça, e aos roubadores;
Do Estado afflito pune os matadores.
Quem sabe perdoar, punir conhece,
O inimigo de pejo desvanece;
Afflito foge da guerreira Espada,
Até descanço achar na patria amada.

Facanhas grandes nunca daõ desdoiro;
Pede a Patria à Guilherme hum novo loiro;
Nem rigores de inverno, frio, ou gelo,
Podem parar o seu ardente Zelo;
E Thetis pasma ver, no mar gelado,
Hum campo de Soldados transportado:
Chegou, venceu, eis fogem assustados;
Sem combate-los vinga os seus Estados.
21) O Rei que provocou do Czar o Fado,
Dos loiros, que venceu, foi despojado.
Se as tropas ao dezerto naõ levasse,
Talvez nova Façanha entaõ contasse.

Qual raio occulto, pezado ar rompendo,
Lancai nos inimigos fogo horrendo;

---

21) Alludindo a Carlos doze de Suecia com Pedro Grande da Russia. Quando aquelle attacou este junto a Pultova em 8 de Junho de 1709 ficando totalmente derotado pellos Russos.

Sê prompto em tudo, nunca temerario,
Quem julga na apparencia he arbitrario:
Quem se contenta só do bom successo
Deve cuidar taõ bem do retrocesso:
Tal foi de Deos a sabia inteligencia,
Quando ao mundo lhe deu a consistencia:
Hum só assopro seu o cháos rasga,
Eos futuros destinos desengasga.

---

## Canto Quarto.

Quando o ferro gerou do vicio a Idade,
E a violencia deu leis a humanidade,
Contra o vizinho, vê se o Saque orrendo,
Suas villas fronteiras hir Soffr'endo;
Para conter os povos valerozos
Os Reis constrôem muros façanhozos;
Erguem-se fortes, e defezas bellas,
Sobre as alturas, ou nas aguas dellas;
Emmensas obras cingem a fronteira.
Qual o Liaõ raivozo na carreira
Feroz ao mouro mostra o fatal dente
Do sangue dos humanos inda quente;
Tal o Estado Seguro na fronteira,
Ao inimigo feroz mostra a vizeira,
Modera o seu ardor, e fortaleza.

A Guerra em todo tempo foi destreza,
A sciencia a guiou na sua infancia,
Italia, e Grecia, deu-lhe a belomancia:

Confiaõ-se nas forças das muralhas
Nas elevadas torres, e semalhas;
D'altos lugares defendiaõ brechas,
Girando as fundas, e lançando frechas:
Choviaõ d'altas Torres as pedradas
Pellas tropas das Praças projectadas;
Eis batem contra os muros os Arietes;
Varios fogos despedem os foguetes;
Na machina fatal caîe a vingança
Com pêz, e com bitume, arde, a mestrança.
Talvez o General com seu receio
Abandone de todo o seu bloqueio.
Naõ falo desse cerco vagarozo
Onde Heitor [1]) acabou seu fim Vaidozo:

---

[1]) Heitor, General Troyano, filho de Priámo, e de Hecuba, e marido de Andromaca de quem teve Astinax; Este Heroe commandava o exercito de Troya contra os Gregos. Durante o cerco de Troya elle fez muitos prodigios nas armas, e veio a ser o Espanto dos inimigos. Achiles, depois da contestáçaõ com Agamenon, retirou-se a sua tenda, e esteve muito tempo sem combater. Porem, sendo o seu amigo Patrocles morto por Heitor n'um combate dezejou vinga-llo, e tornou a tomar as armas com muita vehemencia, bateu os Troyanos, e matou Heitor, o corpo do qual guiou em triumfo tres vezes a roda das muralhas de Troia, com os

D'Homero honóro as metricas memorias,
E do Scamandro as immortais Victorias:
Hum objecto taõ bom Virgilio cante,
Sem que aos meus versos seu furor espante.
Veja Roma, na forte Syracuza,
Como Marcello os seus enganos uza,
Os muros quer levar com força, e manhas,
Mas Archemédes, que lhe sabe as senhas,
As muralhas, e torres, reparando,
O cerco livra, as máquinas queimando.
Marcelha, áquem os fortes guarnecidos,
Repulsou os attaques repetidos;
Seu cerco, vendo Cæsar, importuno,
A Praça toma a força de Neptuno;
Os cercos dos Romanos vagarozos
Suspendiaõ projectos valerozos.
Muito tempo depois o Deos da guerra,
Da maõ de Jove o raio desenserra,
Todo a guerra mudou; raios fatais
Vomita o bronze em tubos infernais;
Ao ar, erguendo seu vôo, em curva emensa,
Cresce o pezo na rápida corrença,

---

pez atado a sua Carroça. Thetis lhe ordenou entregasse o corpo de Heitor a Priamo, que o veio rogar, de joelhos, e vertendo Lagrimas, esta graça.

Nas cidades caindo o pezo forte,
Consigo traz a confuzaõ, e a morte.
Eis que a balla projecta da trincheira,
Com motim, se despede na carreira;
No mesmo instante, que veloz fuzila,
Huma maça de ferro no ar ventila;
Nos muros da cidade o ferro b'ate,
Com varios tiros, a muralha abate.
Esses milagres d'arte, hoje approvados,
Sáo feitos nos asedios retrincados,
De enxofre, de carvaõ, o de salitre.
Depois, que o effeito teve o seu arbitre,
A industria inventou varios remedios,
Deffendendo as cidades nos assédios;
E por difficuldades engenhozas,
Evitou tantos armas espontozas.
Tu celebre Vauban, [2]) filho de Marte,
Es o sublime inventor do Baluarte:
Sombra immortal! derije esses nóviços;
Mostra-lhes, com cuidado, altos serviços;
Tu, segurás-te as Praças dos Francezes,
Da mao Germana, dos canhões Inglezes.

---

[2]) Vauban foi hum grande Engenheiro que construio, e reformou Quari todas as fortalesas, e Praças do Rheno, e varias outros dá França.

O teu saber, formando mil perceitos,
As defezas duplicas nos Effeitos.
As obras chatas, razas, proteigidas,
Naõ saó dos longos tiros offendidas;
Os varios contra fortes, na distancia,
Cingem os largos fossos de importancia;
Os baluartes flanqueiaó as Cortinas,
Empedem nas muralhas formar minas;
Os revelims, os fossos, e orelhões,
Protejaõ na defeza os Bastiões.
Estas obras postadas com sciencia
Novas defezas formaõ de experiencia:
Os trabalhos em roda prompto enlaça
Alto Padraõ, que vai cobrindo a Praça.
Caminho coberto he aquella estrada,
Que circundeia em roda a palissada;
E o Glacis, apparente na figura,
Serve a muitos herões de sepultura.
Que trabalho feliz, e que progresso
Naó tira o Sabio do minor successo?
Nemguem virá, dà França, as mil defezas,
Que naõ admire d'arte as subtilezas?
Debalde naõ julgueis os subteráneos,
Quando do inferno lançaõ mil volcáneos.
A Esplanada contem varios abismos,
De salitre, e de fogo, em parosismos,

Partem da terra, cobrem baluartes,
De pernas, armas, bracos, e Estandartes.
A pezar do trabalho, e da defezo,
Naõ saó as praças livres de surprea:
A arte sustem os habeis defensores,
O mesmo faz aos fortes agressores:
Hum chefe, com talento, e com coragem,
Dos pr'igos atravez abre passagem;
As praças cerca d'armas numerozos;
So do contrario teme accões pod'rozos,
E do seu habil Chefe a actividade.
O campo enveste junto da cidade;
Abrem o Seus Soldados a trincheira,
Largos fossos levantaõ na carreira:
Quem bem conhece a guerra n'esta parte,
Estreita a frente com as régras d'arte.
Hum fosso, sem Soldados que o deffende,
Na força dos contrarios só depende;
Quem com tento apoupar sua reserva,
Seu contrario previne, e se conserva.
Muni-vos pois de viveres bastantes,
E da força zombai dos attacantes,
Estudai do defeza o fraco, o forte,
Com tal saber se determina a sorte:
Depózitos formai, movendo a passo,
Manejai o nivel, régra, e compasso;

Por zig-zag avancai ao pé da Praça,
Onde a sciencia as paralellas traça;
Do rouco bronze câe o raio ardente,
Do Buluarte rompe altiva ſrente.
Da Praça o fogo entrecadente soa,
Calado cesse, ja sem força vôa:
Busca a estrada coberta o Sitiado,
Cede a força das ballas, acoutado;
Sentido na esplanada enganadora,
Sua falsa apparencia he vingadora.
As minas descobri com manha, e sonda,
Temei que seu veneno aqui se esconda.
Naõ crêde nas manobras apparentes,
Manejai os Soldados deligentes;
A guerra terminai dos subteráneos,
Pois fazem tanto mal os seus Volcáneos;
A sappa avante cubra a nova estrada,
Seguro em tudo alcanca-se a Esplanada;
E querendo arriscar huma brigada,
Farei o assalto junto a Palissada:
Eis que foreis senhor deste apozento,
Vereis d'Arthelaria o seu portento.
Com tiros redobrados fazem brecha,
Em quanto o sapador a mina feicha;
Os fossos entulhai com ligeireza,
Dos assaltos crueis eis a destreza!

Quantos vezes, no attaque, por desgraça,
Em chusma co'os fugidos caie a Praça;
Desta sorte, com arte, derijada,
Valenciennes caîo, enfim rendida,
Ao poder de Luiz o venturozo.
Restringi o Soldado impetuozo;
Os Tygres, e Liões, saõ mais humanos,
Quando a Victoria seguem dishumanos;
Se ao Soldado naõ pára a desciplina,
'Avido ao saque logo se destina;
Levado do furor, dos latrocinios,
Seguem mortes, violos, e assacinios.
O General, que pilha, e que saqueia,
Que consente nos roubos, e os premeia,
Fosse elle vencedor de grandes loiros,
Murchalhe a Gloria a vista dos desdoiros;
E o vasto mundo, julgador sublime,
Lhe abafa a Fama, produzindo o crime.
[3]) Tilli, o Chefe da Imperial Bandeira,
Sua fama nas armas foi primeira;

---

[3]) Tilli, General Austriaca de summa crueldade, mas chéio de Manha, valor, e arte, accossado por Gustavo Adolfo na Saxonia toma por surpreza Magdeburgo passa ao fio da Espada os habitantes, e pratica violencias mais proprias da condicaõ de

Mas nuvem negra lhe offuscou a Gloria,
Seu nome morre, e morre co'a Victoria.
Madeburgo sentiu a scena triste,
Sua mácula eterna em sangue existe.
Guerreiros! recordai a triste imagem,
Eis que, pintando esta voraz carnagem,
Vou só a retratar o horror do crime.

Mostra-se aos habitantes paz sublime,
A fe, na seducçaõ, involve Engano,
N'um falso exterior se occulta o dano.
4) Tilli os accalenta adormecidos;
Do pezado Morfeo sendo assistidos,

---

Povos barbaros do que de huma naçaõ civilizada. Depois de ter dado muitas batalhas contra Gustavo Adolfo as quais perdeu, em huma resolveu morrer como Soldado, pondo-se a testa de huma columna que devia attacar o inimigo perto das Margems do Leck.

4) Tilli enganou ós habitantes de Magdeburgo com os pertextos da Pez, e quando os achou descuidados deo o assalto, e praticou as maiores desordems, indignos d'um guerreiro, e que faz desdoiro nos annais da Historia, pellos assacinios, roubos, violos, e depredações que houveraõ. Este Guerreiro, que ate ali tinha tido a fama de grande heroe, perdeu seus antigos louros com a infamia desta acçaõ.

A guarda n'erva molle descançava,
Sem receio dos muros que guardava;
Buscando as cazas, deixaõ as muralhas,
Huma fantasma cheia de mòrtalhas,
Lhe apprezenta da paz o verde ramo,
Todos contentes correm ao reclamo:
Dormia tudo, só Tilli velava,
Despôem as tropas, tudo accautelava,
E sobre as muralhas, sem defeza,
S'aprezenta do Austriaco a fereza.
Povo infeliz! essa fantasma engana,
Náo vos deu paz; mas sim, morte tyrana.
A morte, morte atroz, na escuridade,
Com as azas fatais cobre a cidade;
A raiva ensanguentada, e mil furores,
Conduzem as acçöes dos vencedores;
Em ira o ceo espanta a natureza,
O raio ardente ronca com fereza;
Nada, Tilli, empede, e os Vis Soldados
Saõ á morte, e furor abandonados:
Ardentes, e fogozos, mataõ, pilhaõ,
Em sangue quente mil varedas trilhaõ;
Presedindo Tilli, a tanto excesso,
Os horrores conduz, vela ao progresso.
As cazas força, maculando os Templos.
Segue o mais fraco seus fatais exemplos:

Quem veloz foge, ou quem alguem persegue,
Na Espada aguda vê a vida entregue;
A vida do innocente a may implora,
Debalde, morto junto ao seio, o Chora:
O filho, defendendo o pay, humano,
Aos duros golpes morre do tyrano:
Naõ se vem na morada dos horrores,
Que monstros cheios de brutais furores;
Nos azilios santos, pellos Ceos guardados,
Jazem trezentos velhos masacrados.
Contaõ que, por fugir da crueldade,
Mil fermozas donzellas, sem piedade,
A morte buscaõ n'um jazigo frio,
Tingindo do Elba às margems deste Rio.
O espectáculo triste os olhos cançaõ;
Onde infames correis? que furor lançaõ?
Monstros onde levais faxos ardentes?
Demonios sois, e naõ heröes valentes.
Nos Paços cresce o fogo sem piedade,
Arde, qual Troja, ésta infeliz cidade;
A chama augmenta, subito devasta,
As vozes confundindo o mal contrasta;
Na triste confuzaõ, a ferro, e chama,
Triumfa o crime, a natureza clama.
Tal se pinta o inferno nos tormentos,
Qual Theatro d'horror nos soffrimentos,

Onde findando as fracas esperanças,
Nas maos das furias Jazem só vinganças.
Neste suplicio, sempre condenada,
A ferro, e fogo, com horror cercada,
Tu Magdeburgo, os edeficios vistes,
Em cinzas acabar nas chamas tristes;
Os moradores, Templos, e muralhas,
Tu, Boreas infernal, em pó espalhas;
Com soberba fatal esta cidade,
Colhia das sciencias a vaidade.
Depois dè noite, nesta noite horrenda,
Dezertas ruas viu a luz tremenda,
Onde o Soldado atroz, d'horror cançado,
Da Empreza conta o triste resultado;
E o Elba fugindo na veloz corrente,
Mil corpos mortos leva na torrente.

E foi Tilli feliz nesta façanha?
Os seus louros perdeu nesta campanha;
Magdeburgo ficou a sepultura,
Em´que a Fama gravou sua loucura;
Vendo nesta somente, a scena triste,
Da vingança de Ceo, que sempre existe.

---

## Canto Quinto.

[1]) Pallas vos Chama ao campo da Victoria;
Sirvão suas liçoes d'eterna Gloria:
Heroes formando em todas as idades,
Dêm destincto primor as qualidades;
E a sombra d'um descanço meditado,
Seja sempre o valor recompensado.

Logo que, o frio inverno, em branco gêlo,
Da caverna dos ventos tira o Sêlo,
[2]) Austro fatal, de [3]) Zéfiro inimigo,
A [4]) Ceres, e [5]) Pomona nega obrigo:

---

[1]) Pallas deoza da Guerra, e da Sabedoria.

[2]) Austro hum dos Ventos Personalizado.

[3]) Zefiro Vento brando, e ameno.

[4]) Ceres a Deoza da Abundancia.

[5]) Pomena a Deoza das florestas.

Os verdes ramos tinge a branca neve,
E as folhas câiem que a estaçaõ prescreve.
Gelados rios paraõ socegados;
Dos alvos pastos foge os tenros gados;
Nos altos montes a sobia o Vento;
Toma novo tereno o accampamento;
Guerreiras tropas largaõ a montanha;
Pára a carreira da fatal campanha:
A pezar do furor, que ambos reveste,
Temem os Chefes a estaçaõ agreste:
Das Praças buscaõ meigo acolhimento,
Em doce azilio acaba o Soffrimento.

Dos diarios trabalhos, os Soldados,
Gozem da paz nas Praças socegados;
Se a canceira os manteve na fraqueza,
He a arte quem os livra da Surpreza.

Os corpos fortes, promptos aos Combates,
Contem os inimigos nos debates;
As possições deversas vigilantes,
Formaõ barreiras contra os attacantes;
Bosques, desfiladeiros, rios, pontes,
Guarnecem tropas nos vizinhos moutes;
A voz d'um Capitaõ Sabio, e prudente,
Segurança terá a vossa frente.
Dragões ligeiros, rapidos Hussares,
Correm o Campo, marcao os lugares;

Daó prompto avizo, inqueitaõ os contrarios,
Pesquizaõ os recursos adversarios;
Sabendo, com cuidado, os seus intentos,
Pensaõ em atalhar os movimentos.
Quando, nos varios cazos da defeza,
Julgáreis ser persizo a Subtileza,
Quando, estiverem findos mil fadigas,
Vereis nascer mil outras inimigas;
Se do áspero [6]) Orionte o bafo frio,
Na Paz, procura as tropas hum desvio;
Seu sabio Chefe, em vez de preguiçozo,
No descanço será mui cuidadozo.
He durante o reponzo, que os Soldados
Em plena disciplina saõ mandados.

Deveis assegurar os combatentes,
Em Gloria, e Sugeiçaõ, sempre existentes,
Substituindo os valerozos Martes,
A quem a morte rouba aos Estandartes;
A Victoria os levou, e os corpos frios,
Exigem successores d'altos brios,
Nas novas levas que apromptar pertendem.
Os mercenarios caros dios vendem;
E qual ávido peixe, atraz da fome,

---

[6]) Orionte Vento frio, e tormentozo.

Na fatal isca, os dias seus consome;
Da mesma sorte, com metal Luzente,
O campo deixa o Lavrador demente;
Ignora do Rei, que serve, a fatal rixa,
A tropa segue, nella só capricha:
Disciplina feroz, valor inteiro,
Soldados cria d'um vilaõ grosseiro.

Descide, as vezes, nas accões, a maça,
Eis que ao inimigo a multidáo embaça.
Ajuntai promptos rápidos cavalos;
Tais como se requerem boms vassalos,
Na flor da idade sejaõ valerozos.

Preparai mantimentos numerozos;
Quais Ceres, com cuidado, vos offr'ece;
Faltando as régras d'arte a fome cresce.
Nesse campo, essa gente, a vós ligada,
D'um a longa doença, emfim tocada,
Duas vezes por dia, o pezo sente,
Faltando-lhe soccorros de repente;
Eis quando, de Galeno [7]) arde a sciencia:
Acha-se na abundancia a subsistencia;

---

[7]) Galeno famozo medico da antiguidade; aqui faz o autor huma descripçaõ poetica dos males que podem originarse pello falta de Saude, e limpesa n'um exercito; inimigo mais feroz as tropas, do que aquelle com quem elle combate.

Se desprezais dever taó int'ressante,
Vereis chegar ao campo militante,
La do fundo dos antros cavernozos,
Da magra fome os esquadrões leprozos;
Trazem com sigo o séquito dos males,
Cujos gritos fatais enchem os Vales:
A Fraqueza, o Timor, Mizeria extrema,
E a Desesperaçaõ, da morte emblema;
E será co'esta tropa de mendiços,
Que só combatereis os inimigos?
Os males preveni, e preparado,
Na fartura do campo haja cuidado;
Nos quarteis do descanço, attento a tudo,
Mil triumfos tereis fazendo estudo.

Eis quando o Chefe a prompta a disciplina,
Sua tropa ao trabalho entaõ destina;
O Sabio Commandante, no descanço,
Tem prazer, e Victoria ao seu alcanço.
Da cara espoza, se a impaciencia cresce,
Nos braços della, dura auzencia esqueçe.
O dias! e momentos vagarozos!
Que suspiros causas-teis amorozos?
Que gosto ver, distante de mil medos,
Doce pranto enxugar os olhos ledos;
As acções escutar, cahir a Espada,
Vingadora dos Reis, por Gloria alçada;

Duro peito abrandar, ao mal sogeito,
Co' hum beijo só perder o seu direito,
Aquelle, que aos Soldados, no transporte,
Com duras expressões, os leva a morte.
Em tanto, sobre o seio generozo,
A frente inclina o General Famozo;
Gozando das acções, na nova volta,
Amor seus mimos, mui contente solta.
Hums lhe beijaõ as maõs victoriozas,
Dezejando imitar-lhe accóes famozas,
Qual sabio Capitaõ foi alcançando.
Os paternais joelhos apertando,
Os filhos, com carinhos duplicados,
Ao caro Pay abrandáo dos cuidados;
Em quanto, comprazer, nas maõs pegando,
No ferro atroz, em sangue gotejando,
Poem o seu moriaõ; sem embaraço,
Imitando do Pay o garbo, e passo.
He o Deos Hymineu, qu'aos seus amantes,
Dá estes bems, taõ puros, e constantes;
Nascem estes da estima, e sentimentos,
Do Coraçaõ domando os movimentos;
Ignorado prazer, na prima idade,
Desconhece d'amor a saâ verdade;
Se os ternos laços da lascivia affasta,
A doçura d'amor he pura e casta;

Quem tem hum coraçaõ morigerado,
Se o seu dever o chama, eilo ao seu lado.
Antes que findem invernais rigores,
E chegue o tempo da estaçaõ das flores,
Os Generais revêm as avançadas,
Regulaõ planos, campos, e siladas:
Os Engenheiros, terras mensurando,
Vaõ a tropa os caminhos indicando.
O activo Chefe, no trabalho vela,
Seus planos faz, futuros a cautela;
Conhece os resultados, e prudente,
Calcula as percizoẽs, julga o presente;
Gera sempre a suspeita o bom successo,
Os trabalhos prevẽ, doma o progresso;
Se dorme nelles, subito accordando,
Os cauçados sentidos reforçando,
Assim lhe dizem: ,, Teme o teu contrario,
,, Peza o que elle fará como falsario;
,, Tenha sempre ao teu lado, em toda a parte,
,, Olhos, e orelhas, com engenho, e arte,
,, Que observem os seus passos, seus mysterios,
,, E saibaõ seus projectos, e dicterios;
,, Naõ apoupes jamais a metal loiro,
,, Dos homems seductor, e vil desdoiro;
,, Julga de ti, qual outro julgaria,
,, Nos teus progeitos pensa noite, e dia;

,, Crẽ tu, que a tua armada tem defeza;
,, Que nesses montes naõ tera fraqueza?
,, Pensas, que o corpo, que deffende o rio,
,, A ponte, o bosque, a márgem, e o baldio,
,, Naõ está apto de se ver batido?
,, Nas tuas poziçoẽs toma sentido;
,, Esses montes altissimos, e ufanos, [8])
,, Que de muro serviaõ aos Romanos;
,, Esses montes, que negaõ a passagem,
,, As tropas de Hanibal daó vassalagem;
,, O atrevido Soldado tude vence,
,, Milagres obra, nada lhe convence;
,, Ja grimpa, e desce, montes, vales, planos,
,, Admira, e bate, os Generais Romanos."

[9]) Vendõme crẽ no apoio das montanhas,
Que cercaõ dos Lombardos as companhas:

---

[8]) Os Alpes, montes que por sua Altura, e aspereza devidiaõ a França da Italia; mas nada disto parou a marcha de Hanibal, que despresando o engrimo destas montanhas, as passou com as suas tropas, e foi por cerco a Roma.

[9]) Vendõme, o Duque de Vendome, General Francez, que commandando as Tropas Francezas contra o Principe Eugenio foi derotado na Lombardia, e obrigado a deixar a Italia com as suas Tropas.

Quando, seguindo vias ignoradas,
Do Adige, Eugenio, furta-lhe as pizadas;
Em sabio capitaõ desfas o nó,
Comque o Sena, ligou o manso Pó. [10])
Nas agoas reparai, que vaõ correndo,
Em duro gelo transtornadas sendo:
Ao inimigo talvez sirvaõ de ponte,
Para attacar-vos vosso campo affronte;
Surprezo delles, todo consternado,
Tentareis afugir envergonhado:
Hum momento fatal, á vossa armada,
Vos rouba a Gloria, que tiver ganhada.
Huma surpreza vos será funesta;
Naõ pello mal que cauza, ou manifesta,
Mas, porque a tropa, vendo-se interdita,
Perde no Chefe a fé, que deposita;
Segue o abandono as forças do dezejo,
Teme o Soldado, o General tem pejo;
Traz este choque tristes resultados,
Se perseguido saõ vossos Soldados.
Batido [11]) Bournonville, e reforçado,
O magestozo Rheno passa ouzado;

---

[10]) O Põ, rio na Italia.
O Sena, o rio que passa em Paris, capital da França.

[11]) Bournonville, General Alemaõ, que foi batido por Turena, nas margems do Rheno.

Leva diante de si sabio Turena,
Sem temer as montanhas da Lorena;
Sem consultar a força, nem desvios,
Levanta o campo no rigor dos frios;
Devide os Corpos, accantona a armada,
Com mil erros protege a debandada;
A aguia Imperial adormeeida
Foi, por esta Illuzaõ, em fim vencida.
Turena ajunta com sciencia, e manha,
As tropas d'outro lado da montanha,
Nos contrarios caïndo de repente,
Surprende os seus quarteis, despersa a gente;
E força Bournonville, em tal maneira,
A repassar a rápida ribeira.

O Inverno off'rece seus fatais successos,
Quando o descanço gera mil progressos;
Unindo a audacia, com saber, e manha,
Sobre os corpos despersos se a bocanha:
Eis a tropa inimiga surprendida,
O medo toma as azas na fugida:
A rapidez, e rispida conducta,
Descipa, nos contrarios, a desputa:
A historia conta cazos repetidos,
Em que a Fortuna ajuda aos atrevidos.

Julguemos dos Saxões o Rei potente, [12]
Que serviá Estanisláo de escudo ingente;
Eis que se abandonou aos seus amores,
E deu Augusto, á Venus, mil favores;
Seu terno coraçao, no bem amado,
De Luxuria, e pampilhos, he c'roado:
Do dever de reinar jamais movido,
Foi pello o heroe do Norte accometido:
Este, as festas perturba dos Bachantes,
Graças, amores, Esquadroẽs, infantes,
Tudo fugia; eis que o Saxaõ abdica,
E Abdolominio no seu throno fica.

Tal, na morada donde partem raios,
A aguia sobe aos seus fatais ensaios;
Ve nos bosque chilrar os habitantes,
Fugindo ao p'rigo, e da campanha errantes,
Eis despenhada caie da clara Esfera,
Ea victima, no ninho, delacera.

---

12) Carlos doze, Rei de Suecia, que protegeu Estanislaõ, Rei da Polonia, contra Augusto que elle depoz.

## Canto Sesto.

Por minha voz cantou o Deos da Gloria,
As leis brilhantes da immortal Victoria;
O trabalho d'Heròes, que Marte ensina,
As regras, ordenanca, e disciplina;
De que forma deffende um Chefe a Praça,
Como as ruinas das muralhas traça.
Por objecto maior termino o Canto,
Das batalhas riscando o raro encanto;
Nesse mar mostrarei d'iradas vagas,
Seus p'rigos, baixos, e tyranas Chagas:
Ao campo guiarei tropa guerreira,
Mostrarei nos combates a carreira,
Onde muitos heròes perdérao loiros;
[1]) Guilherme faltas fez, Marsin desdoiros;
Onde muitos sem força, nem recurso,
A carreira findárao do seu curso.

---

[1]) Guilherme, o Grande Eleitor de Brandenburgo.

La acabou Pompeo, e findou Pirrho, [2])
Crasso, Hanibál, e Mitradates, Birrho:
Das faltas delles, e seus crassos erros,
Ensopaõ campos co'os agudos ferros;
Dos seus erros fatais, geme a campina;
Dos Imperios, e Reis, saõ a ruina!

Mas, nesses mesmos campos, a sciencia,
Dá á Alexandre, e Cæsar, a ascendencia;
Venceu, Turena, [3]) Luxemburgo, Eugenio,
De Mauricio, Condé, Gustavo, o Genio.

O vós, novos Guerreiros exaltados!
D'altos feitos de ardor alucinados,
Entre os amantes da inconstante Gloria,
Poucos obtem a c'roa da Victoria.
Ha tal, que quer unir novo Trofeo,
Em lugar de vencer, se torna Reo.
Quem vê o defensor da fatal Troia,
Combatendo em Reis, que a liga apoia,
Vencer [4]) Diomedes, os gregos derotando,
Ajax fugindo, os seus baixeis queimando,

---

[2]) Heroes, e Guerreiros da antiguidade.

[3]) O Mareschal Luxemburgo.

[4]) Diomedes, Rei da Etolia, filho de Tideo, hum dos mais valentes gregos depois de Achiles, e Ajax, foi hum da quelles que roubaraõ o Palladio.

Patrocles os seus gregos defendendo,
Perde as armas d'Aquiles combatendo:
Foge do grande Heitor a antiga Gloria;
E ao filho de Pelêo c'roa a Victoria:
Vejaõ de Carlos o tyrano Estado,
Nove annos foi feliz, nove fadado.

Se tais herões, em combater expertos,
As provas dérão de encontrões incertos;
Pondo huma nodoa eterna aos seus serviços,
Que se pode esperar de tais noviços,
Que das leis do combate inexperientes,
No dever de mandar saõ imprudentes?

A pezar de Conselhos, a cegueira,
Qual rápido Ginete na carreira,
Atraz da Fama corre com vaidade.
Temerarios tremei da adversidade,
Do Amor proprio as lizongeiras vistas,
Que o Engano traça hypérbolas conquistas,
Illudindo aparencias ambiciozas,
As consequencias saõ infructuozas.

Podeis ser valentissimo Athelete,
Que em Londres luta ao toque da Trombetta;
Admirado do povo, e partidarios,
Aterra, com seus braços, os contrarios;
Se vós, quais filhos d'Encelaó gigante,
Guerra fizésseis, la no monte Atlante,

A regiaõ dos Ceos ameaçando
[6]) O Ossa, co'o Peliaõ, arremaçando;
Quem bravo fósse, qual o Deos da Guerra,
Tendo d'arte o manejo, o mais desterra;
Talho, força, valor, he incidente;
Minerva exige mais do Heroe valente:
Persiza que, seu Genio, e subtileza,
Activo seja, e forte na fraqueza:
Seja o trabalho objecto dos seus dados,
Fazendo manobrar habeis Soldados.
Prompto remedio, na desordem, dando,
Aos fracos, com soccorros, ajudando;
Qual, o guerreiro experto, logo veja,
Aonde falha a armada, onde manqueja;
E cheio de recursos necesarios,
Jamais lhe falte os meios salutarios.
Vosso Genio domai, e sab'doria,
Confiai em vos mesmo noite, e dia;
Quem tarde no conselho delibera,
A execucaõ promtissima accelera:
Naõ attaqueis sem ter motivos fortes,
Que estes attaques cauzaõ muitas mortes:

---

[6]) Ossa, e Peliaõ as montanhas que os gigantes pozeraõ hum sobre os outros para chegarem ao ceo, no Combate que tiveraõ com os deozes do Olympo.

'Stá no vosso poder, o nó do Estado,
Se habeis Soldados vaõ ao vosso lado;
Quais, promptos a ceder a vóz do mando,
Voaõ ao p'rigo, que os está chamando.
Eis que tiverdes, tropas a guerridas,
Sobre os contrarios caiaõ atrevidas:
Tal, o Tygre ao Liaõ, o seio rasga,
Abate, fere, e de furor se engasga.

Passado o dia, Grande Deos! que vejo?
No manto funeral de mortal pejo,
Banhado em sangue, dos crueis imĩgos,
Jazem de pó cobertos os amigos:
Ali descança o Corpo do Guerreiro,
A quem poz a Victoria taõ rasteiro:
Os pays, amigos, e consorte, emtanto,
Blasfemáo, contra vós, em triste pranto.

Naõ ensopeis as maõs no crime horrendo;
Nem honras mil vos cubra invilicendo;
Risquem-se, para sempre da memoria,
Os monumentos, que naõ saõ de Gloria;
Que as compre quem quizer com negra Fama.

A tropa, com amor, seu Pay vos chama;
Quando sabio os guiais ao maior dano;
Querem em vos Pastor, naõ hum tyrano:
Seus dias saõ do Rei, os delle he nosso,
Poupai seu sangue, victimai o vosso.

As vezes Marte exige conserva-llos,
Outros vezes pertende victima-llos.
Quando entre vós, e vossos adversarios,
Pede o cazo se attaquem os contrarios,
Sem ponderar, e sem buscar rodeios,
O inimigo envesti sem mais receios:
He la, que elles deraõ mostras d'ardor,
Ou morrendo, ou vencendo, com valor.

Hum habil General, filho de Marte,
Combate quando quer, nunca sem arte;
Cheio de prevencões, erros evita,
Os golpes pára, a descizaõ medita:
Bem fas o General, que o plano talha,
Em vez de os receber, lhes dá batalha;
Qual, do ariete os choques penetrantes,
Dobrada sorte tem os attacantes,
Livre passagem abrem na muralha,
Couto de quem os sustos agasalha;
Cedendo tudo aos golpes triplicados;
Attacai sempre, que a pezar dos fados,
Hum destino feliz, empreza forte,
Belona dá aos filhos de Mavorte.

Quando de vós fugir veloz Fortuna,
E ás bandeiras contrarias ella s'una;
Sereno sêde sem mudar de rosto,
Com arte castigai tanto desgosto;

Do Soldado animai o abatimento,
Mostrai-vos firme no maior tormento:
Qual sombra noite, raios fuzilando,
Vai os escuros ares acclarando;
Da mesma forma tratareis a sorte,
Mostrando na constancia animo forte;
Seguro n'arte, no revêz constante,
Sereis sempre do azar o dominante.

Se Villar [6]) se bateu na retirada,
Denain, em Malplaquet, a tem vingada;
Hum momento repara ampla desgraça,
De batido, a bater, Villar ja passa.

Daô-se varios batalhas militares;
Aquellas, que se chamaõ regulares,
Mostraõ bem no geral duas figuras.

As fortes possições, rios, alturas,
Na guerra de detalhe saõ cruentas;
O tereno sómente as faz violentas.

Vede no campo, em ordem avançando,
Dois corpos ao combate a morte dando;
A quelle alonga a frente, une, e destaca,
N'um só instante seu contrario attaca.

---

[6]) O Duque de Villar, Mareschal de Franca.

Aqui os lados perde a infantaria;
Dos vencedores teme a valentia;
Cem tubos de metal a morte espalha,
Promptos avançaõ corpos á batalha.
La brilha a bayoneta reluzente,
Foge o contrario della deligente;
Altivos Batalhões lhe rompe a flanco,
Cedem medrozos no final arranco;
Inflamaõ-se os Canhões, lançando raios.
A morte voa com crueis desmaios;
Tal, foge do campo, em tal desordem,
Sem bandeira, sem Chefe, e sem ter ordem.

Em vez de Socegar o fugitivo,
Ou deixallo ganhar hum lenitivo,
O vencedor hirá logo avancando,
O momento feliz aproveitando;
E acabe, n'um só dia, o que grangeia:
Assim Eugenio na famoza Aldeia,
A Marsin, e Tailard, mui mal postados,
Com a força geral por varios lados,
O centro rompe, os inimigos cerca,
E Blenheim, nos Francezes, viu a perca.
Que captivos naõ viu este tereno!
De Alemanha, os rivais, fogem ao Rheno.

Quando em Almança [7] os lirios triumfáraõ,
Dos liões de Bretanha, que amançaraõ.
Da Cr'oa de Aragaõ, e de Castella,
Fez Berwich, á Bourbon, prezente della.
Ha deversos accões; essa colina,
Cujo cume a planice ali domina,
Eila pois guarnecida de Guerreiros?
Erguem-se aos Ceos, de pó, mil nevoeiros;
Sente o tereno dura desciplina,
Que as forças dos contrarios naõ domina:
Recuza manobrar Dragaõ ligeiro;
A retroguarda occupa o Courasseiro:
O Chefe sabio conhecer pertende,
O tereno que attaca, e que deffende;
O que faz do Lugar, do tempo, e escolha;
Onde pode attacar, com sciencia, olha:

---

[7]) Almançar Lugar em Espanha aonde se deu batalha entre as tropas Francezes, e Alliadas Commandando, o Duque de Berwick, o exercito Francez, e Lord Galloway as forças alliados, o Capricho, e a pouca intelligencia do Lord fez victimar perto de quinze mil homems Portuguezes que ate ali tinhaõ sido bem Commaudados pello Marquez das Minas Esta batalha descediu da successaõ de Espanha na pesoa de Philipe quarto Duque d'Anjou neto de Luiz quatorze de França.

Na dereita adianta a Infantaria,
Faz grimpar a Montanha a arthelaria;
Nas possições attaca os advêrsarios,
Que debandados buscaõ trilhos varios;
He nesta confuzaõ, que o Chefe experto,
Os Courasseiros destaca em campo aberto.
Assim foi que Condé, bravo vencia,
Quando o Rei, em Fribourgo, Presidia.
Vê-se junto a Lawfelt, o gram Mauricio,
A Plutaõ off'recer hum sacrificio,
De Bretoẽs, Alemaõs, duros Batavos,
Ganhando os altos seus Soldados bravos.
Tal he, pois, o systema das batalhas,
Nos campos, possicões, e nas muralhas:
As vezes, nas trincheiras, sem prudencia,
Naõ se traçaõ as obras com sciencia;
Occupaõ-se, sem motivos, os Soldados,
Ou no mesmo lugar ficaõ parados;
Em quanto o inimigo manobrando,
Vai livre os seus projectos ministrando.
Nada sustem a quem Belona guia,
Se no campo inimigo a Covardia,
Soffrendo sempre medos arbitrarios,
Assustao fabulozos adversarios:
Quando fas do tereno seu abrigo,
O habil Guerreiro, que antevê o p'rigo,

O força a dar batalha deligente,
Ou a cidade perder mais adjacente;
Aos seus contrarios mil ciumes dando,
Em varias posições vai manobrando:
Quer d'um Golpe investir a tres cidades,
Pondo-os sempre em fatais perplexidades.
De susto os caraçoẽs batem, e tremem;
Com fome, e males, os Soldados gemem;
Vendo cortado o seu final sustento,
Batalha daõ, por falta de alimento;
Ou vencer, ou morrer, mais nada resta.

Naõ larga a corça quem seu leite apresta;
Hum Chefe risca o mais, naõ abandona,
Os fartos armazems á Valentona.

Eis que o contrario busca deligente,
Vossos passos parar junto a corrente,
A carreira detendo a vossa marcha,
D'Hanibál imitai a contra marcha;
Do Rhono viu as margem occupadas,
Logra os Romanos, fusta-lhe as passadas,
Unindo o Engano á rápida destreza,
Ao Consul Illudiu, nesta empreza.

Tu, da Rainha apoio, rival nosso!
Ouve, [8]) Carlos, de nós o louvor vosso:

---

[8]) Carlos de Lorena.

Louvor devido a tua qualidade,
Ao merito que tems, como a verdade.
O Rheno, cuja rápida corrente,
Da Germania, e da França, forma a frente:
O rio, de inimigos guarnecido,
Debalde contra ti he protegido;
Guerreiros, que esperais d'um Chefe ousado?
Nada sustem Lõrena no attentado.
Carlos em quatro corpos prompto marcha,
Illudindo [9]) Coigny na contra marcha;
Sua ponte Constrõe, subito passa,
Os Gallos surprendeu, campa na Alsaça.
Lembra-me de Tholus o grande dia,
Quando ao bravo Hollandez Luiz vencia.
Vê seus guerreiros, na corrente a nado,
Com a Espada ganharem o outro lado.

Saõ façanhas iguais que Marte approva,
E que o Enthusiasmo só caminha á prova.

Se vosso coraçaõ aspira a gloria,
Saiba vencer gozando da Victoria.
O maior dos Romanos, taõ facundo,
Na dia que submete o vasto mundo,

---

[9]) O Duque de Coigny, Mareschal de França.

Seus inimigos salva na Pharsalia.

Assim Luiz, usando a represalia,
Em Fontenoy consola o cativeiro;
He hum Deos bem fazejo hum tal guerreiro!
As maõs lhe beija o mizero captivo;
Vence os ferros crueis o lenitivo;
No seio do furor, alta Bondade,
Calma a dureza, imita a Devindade.

Novos herões segui estes perceitos;
Que a Fama, vendo delles os Effeitos,
O vosso nome, nos annais da guerra,
Com gloria levará aos fims da terra.
'A esta vóz, a Virtude, no alto assento,
Mostrará da justica o valimento
Achando mil Herões d'humanidade,
Que guiem vosso nome a Eternidade.

Neste Templo, á virtude consagrado,
O valor dos mortais he premiado;
La estaõ os talentos, cujos feitos,
Os Estados sustentaõ nos direitos:
La estaõ os boms Reis, Ministros justos,
Poucos guerreiros, mas herões augustos.

Se algum dia vosso vôo activo,
Vos fizer alcançar hum dom altivo;

Ao menos vos lembreis da muza minha,
Que no trilho immortal vos encaminha;
Vossas acções conduz com vóz, e gestos,
Fazendo os altos Feitos manifestos.

---

# PERODANA

OU

# O CONSILIABULO DOS PERIODICOS.

## POEMA

## HEROE-COMICO.

---

Tous les hommes sont fous et malgré tous leurs soins,
Ne diffèrent entr'eux que du plus ou du moins.
*BOILEAU* Satyre 4ème.

---

EMPRESSO EM VENEZA,

1819.

# PERODANA.

## Canto Primeiro.

Naõ canto guerras nem herões valentes,
Amantes carinhozos, nem Pastores,
Que largando o surraõ, tangendo a flauta,
Sacrifiçaõ, nas aras de Cupido,
Ternos suspiros, dolorozos Zelos.
Voluvel Deoza da rizonha turba
Insigne Protectora do desprezo
Meus versos animai! dictai meu canto!
Hum throno erguendo a debil impostura,
Recordai immortais occas lembranças
Da caterva sandal, matuta, e tola,
Que a prumo giro pello o mundo inteiro
Servindo de Cartaz de letras gordas
No Theatro buçal do Pedantismo.

Deoza da Ninharia! o canto entoa:
Dá aos meus versos impostura grande,
Fantasticas noçoes, Soberbos planos,
Que o vento leva nas crestadas azas.
Acudaõ ao reclamo meus Patetas
Insignes Papelões, caturras velhos,
Barbaques, encartados na Sandice
Patolas, asneirões, d'alto cothurno,
Enchados Fanfarões de Geraquia,
Na vil Estupidez matriculados,
Gram cruzes saõ na sucia da Tolice.
Naõ canto guerras, nem herões sublimes,
Trofeos que a Fama, no clarim dourado,
Por bocas cem proclama ao vasto mundo;
Nem malhas, capacetes, dardos, lanças,
Nem espadas fatais, em sangue tintas,
Da Lyra minha tangeraõ as cordas.
Canto da Inepcia o Reino Tenebrozo.
Contarei burrical negra matilha
De Valentes accerrimos Quichotes:
Gentes, que sem moral, e sem vergonha,
A Sandice proclama em toda aparte
Egregios Papelões de novidades,
E Redactores vis de mil mentiras,
Batidas na bigorna da maldade.
Dá me, pois, Musa, sublimado metro

Estilo novo por que possa o Canto
Com critica mordaz, fieis imagems,
Immortal produzir, em longos evos
Af ofa Periodica caterva.
Tu, Lethis amical do Esquecimento!
Cobre de Juvenal, Boileau, Voltaire,
E temido Denis, as varias obras.
Conduz Appolo meu audaz talento,
E c'roa com verdade este meu Canto.

Em erma solitaria penadia,
Onde do sol dardejaõ fracos raios,
Eis, hum monte escarpado, e sobranceiro,
A hum valle intenço de salvagem matto,
Ergueu a Estupidez, com summa manha
Famozo Templo ao Deos Charlatanismo.
A Gothica estructura do edificio
Mostrava, ao longe, a grande antiguidade,
Nos varios ramos de que foi composta.
Grimpaõ soberbos, gigantescas torres,
Aos altos Ceos ameaçando a terra;
Sendo de pó, e sisco os alecerses.
A prumo postas, em destancia cercaõ,
Estes vasto edificio, varias obras,
Fofas por dentro, mas por fora ornadas,
De type variado em letras gordas,
O Eliseo sanctuario da mentira;

A triste habitacaõ de Perodana,
May dos Jornais que brotaõ no Tamiza.
No topo do Zemborio rivirado
Sobre a cabeça esta a Loquaz Fama;
Tendo no rabo seu clarim dos Pettas,
E na boca a mordaça furagenta,
Que Appolo poz a deoza da Impostura.
Naõ bordaõ, os contornos do Edificio
Verdes prados, nem amenos valles,
Nem adorna a montanha e fresca relva,
Copados Freixos, ou carvalho annozo:
Escalvados penedos semeados,
Pella maõ do desordem primitiva,
O campo formaõ do tereno inculto.
Charcos de espuma vagarozos correm,
Por bosque, e campo, da sandal arcadia,
Onde garulas raas entoaõ cantos,
E mosquitos buzinaõ noite, e dia,
Em autores de pettas transformados.
No Peristilio estaõ ali pendentes
Emmensas linguas de diversos vultos
Ascarozas na forma, e no feitio;
Tais saõ, em movimento, os môs d'azenha
Que sem folgar, trabalhaõ noite, e dia:
Nas grande tarefa de môer as houras
Da quelles que á razaõ pagaõ tributo.

No lado opposto, estaõ orelhas varias,
Surdas ao gosto, abertas a tolica,
Que ao som de malho vai forjando a toa
Bernardes cavalar de bruta monta;
O novo Palmerim, e par de França,
Jacobinico autor de mil mentiras;
Mané coco, em alcunha Lusitano,
Que provoca os Magriços d'alta fama
Contra tais Maniquims cobrar as lanças,
Que servem de defeza a Patria amada.
Tu Mestre Lingua de caldaicos verbos,
De Palha Papelaõ, fofo Nolasco,
E dextro inventador de novos strofes
Que sahem do miólo anti-versista
A poder de veruma, e sacatrapo,
Na terra do Rosbife, e da Serveja.
Junto do altar do Pedantesco Nume
Varios genios se viaõ entertidos,
Em futeis bagatellas 'screvinhando
Mil resmas de papel sem conta, ou pezo;
Outros, porem, attentos na bisogna
De applaudir, e louvar o Pedantismo,
Nos ares vaõ com bnçal cautella,
E sardonico rizo armando Globos
De espuma de sabaõ que o baffo impelle,
E remontando aos ares desvanceem;

Em liquida materia transtornados:
Globos, que n'apparencia, se asimelhaõ
Co'a circular, retunda natureza;
Sem Zonas, e sem polos, que sustenhaõ
A ligeira, fantastica tramoia.
Tais saõ dos novelistos os projectos,
Quando, sem tino, gigantescos planos,
Lhe offrece a pedantesca Fantazia,
Nutrindo, com chimêras, a vaidade.

Surgem do averno Charlatões maldittos,
Tendo por capitaõ o Gram Bernardes;
Rocha na forma, senso, e mais no nome;
Horrendo Adamastor dos danos Luzos,
Que seu impio Jornal de mil asneiras,
Com firma Portuguez, mas por alcunha,
Em estólida prosa dá ao mundo
Insonso matador da fama alheia;
Brutal Barrasco mor de mil monturos
Que ornaõ do Caiz do Tojo as sujas margems,
E no Tamiza os canos da Limpeza.
Estes o cargo tem do sacerdócio;
E as victimas degolaõ da virtude
Co'os olhos fittos na buçal Deidade.

N'um alto Throno feito de palitos
Alçava a frente em meio desta turma
A Deoza Perodana em basbacada;

Em torno revirando os vesgos olhos
Na maõ sacode os seus pezado sceptro;
Sceptro que só domina os ignorantes
E a terra dos Basbaques reger sabe.
Dos labios lhe pendiaõ as sentenças
Pella fofa Eloquencia administradas;
Enchadas phrases, orações de vento
Nomes, pronomes, conjunções, adverbios,
Na Grammatical récula infinita
De mil prepoziçoes que a gente estafaõ
No exercicio do heretico syntaxe.
  A Deoza Perodana repetia
Prenhes palavras que Nolasco inventa,
Sem fonte grega, nem latino charco,
E gagejando estalhaõ na garganta:
Qual no poleiro trina o fofo Gallo,
Tal, dos Rapazes, cathequiza astuto,
Com sabio Pedantismo, o Gram Bernardes,
Doutor de tibi-quoque reverente,
Formado n'acadēmia da sandice
Onde tomou o graõ de Sancho Pança,
O orelhudo animal, lanzudo burro,
Espelho das accões de Dom Quichote.
As faltos desfarçando ques padece;
Bate, e rebate a testa na parede,
E marra, qual o toiro, contra a farpa.

Naó vistes nunca concluzões de Frades,
Quando lhes falta suco no argumento,
Ralhar, e descompor, o pobre arguente,
Sem poder refutar o seu descurso?
Naó vistes nunca o sujo moralista,
De nojento tabaco matizado,
E prenhe a testa de principios falsos;
No circulo da voz, que espalha a lingua,
O Chover perdigotos, e palavras,
Sem mais nada que o liquido do cuspo,
Que a salivo gerou na porca boca?
Se vistes isto, vez o gram Bernardes,
Dictando leis na magistral cadeira,
A sordida caterva que o rodeia.
Eu, e mais Eu, palavras tabelioas,
— Rompe o Gram Charlataõ a rouca falla —
Serei meus filhos vosso só amparo,
Filhos sois da Sandice, e d'Impostura;
O merito que tendes n'apparencia,
Illude, a quem, qual vós, sizo lhe falta:
Se sobre vós bafejo enchadas Phrases,
Sem rima, nem rezaõ, nos argumentos,
He porque sou, na força do sentido,
Maniaco Padraõ dos Jacobinos,
Arenegado já do fé de Christo,
Cavaleiro Professo na mentira,

E alveitar-Mor dos burros de Mafoma.
Sigo de satanáz a vil doutrina,
Que o parvo admira, que o basbaque illude.
Embora venhaõ esses de Minerva,
Sabios doutores de Plataõ antigo,
Devoradôres da famoza tribe,
De letras gregas, de latinas phrases,
Que poem, e descompoem, o senso alheio
Com sabias pettas dignas de memoria.
Que eu só, com quatro phrases fuderentas,
Mais vulto farei, nos argumentos,
Do que quantas rezões pertende dar-vos
Academica corja Coimbrisense.
Acabou de fallar o Gram Bernardes:
Hum pouco foi zunindo as palavradas,
Em echos triplicados pellos vales,
Até chegarem a sombria gruta
Da magna, estulta, fofa Perodana;
Mai dos jornaïs, que a Estupidez imprime
Nas loiras margems do Tamiza frio.
Costa, Nolasco, e frei Matheus Patóla
As palmas batem ao sandeu Bernardes.
A fama do alto cume do zimborio
Na trombetta do cu tres vezes trina.
Ao pé do throno da buçal Deidade,
A perna alçou o gram Mastim Molucco,

E co'o hysopo do rabo deo asperges,
No rosto do Demóstenes Bernardes,
Em signal da beleza do discurso.
A vil superstiçaõ, e o Fanatismo,
(Gerados da maniaca doutrina,
Que ao mundo espalhaõ tolos jacobinos)
Co'os mantos rotos da passada trama
Os olhos em Olinda tendo postos,
Mal tapaõ da traiçaõ as negras pattas
Na caza dos Orates inventada,
Para illudir a Luza vassalagem.
Das negras vestimentas que traziaõ
Deixavaõ ver nos farapados restos
A ponta do Punhal ensanguentado,
Que perpetrar devia o crime orrendo,
Contra a Augusta sagrada Magestade.
Jacobinica corja de Marotos
Sem fé, Religiaõ, custumes, uzos,
Os sujos membros saõ deste consilio,
Onde Preside Perodana Magna,
E o fantastico vil Charlatanismo.

---

## Canto Segundo.

---

Ajuntou-se o Consilio dos Patetaos,
Promptos estavaõ todos escutando,
Com boca abèrta, ouvidos mui attentos,
A chusma das asneiras que cahiaõ,
Da lingua Falladora Perodana;
Eis tomando palavra asim dezia.

Numem d'Estupidez! minha Patrona!
Tua venia buçal impreco agora;
Inspira minhas vozes, meus dicterios,
Cum scopidaliæ verbæ, de impoteutes
Nomes, proncmes, e rasgados verbos,
Duros ao ouvir, á falla pedrogozos,
Que os queixos partem nos inchados Phrases,
Em tudo iguais ao falador Nolasco.
Da-me, enfim, d'aparencia as armas mestras,
Que a bazofia produz nos seus descursos;

Nutri meo genio com futis chimeras,
E'croa com teu nome os argumentos.
Pasmou, em fim, Masonica caterva,
Com prazer impotente, altivo gosto,
Da Basbaque oraçaõ da Deòza estulta.
E tremeo do apozento as fullas sallas
De gosto, e aprovaçaõ, desta Eloquencia.
Eis quando começou de novo a falla.
　　Com prazer inaudito, caros Filhos,
Costa, Nolasco, e Sórdido Bernardes,
Meu senso tem, com tripidais palavras,
Rezóes de vento, e fracos silogismos,
Com vosco, e a semrazaõ erguido hum throno:
Tremaõ d'Appolo os rĕjidos cohortes,
E a Académica chusma de Minerva,
Envergonhados do poder excelso,
Que a Estupidez, em premio, me transmete,
Com os mendigos trapos da sciencia,
O rosto cubraõ de vergonha, e pejo.
Reina hoje o Pedantismo em toda parte;
Seu sceptro domina imperturbavel
Des-do Neiva gelado ao quente Ganges.
Graça aos Periódicos lunares
E a vil mania d'escrever a toa
Resmas, e resmas, depapel borrado!
Que cargos grandes, que soberbos faustos!

Os meus filhos naõ gozaõ, hoje em dia,
Da crédula nujenta populaça?
Que emprezas, e que planos gigantescos,
Naõ traça a mente da caduca ideia,
Sobre os restos fatais da Sapiencia?
Se a minha approvaçaõ, apar d'Abzuo,
Naõ encontra contente o seu destino,
He porque quer, a rejida vertude,
A guerra declarar ao meu Imperio;
Mas debalde intenta, sem reforços,
Meu Sceptro, e Throno, dominar a força.
Todos alumnos saõ do Pedantismo;
E sogeitos ao mando do capricho;
No meio dos Maçaõs Eu só governo,
Co'a voz activa d'um segredo emenso;
Que naõ passa d'honrar o Deos da Gula,
No meio das baccantes algazzáras.
Resurgem mil Patolas ao meu mando,
Emcartados em homems de candura,
Na cabala fatal matriculados,
Saõ Padróes do Masonico segredo,
Que liga o parvo toleiraõ da seita,
Inimigo da Patria, e do Sobr'ano.
Togadas bestas, que a catinga enxugaõ,
Da negra geraçaõ d'Africa adusta,
Trazendo ao peito rubra cruz de Christo

Instalada de novo no calvario,
Desta nova nujenta cafraria.
Insonços militares d'agoa morna,
Que rápidos marchando, nunca chegaõ,
Com visgo que semeiaõ entre as pernas,
Ao lurgardo suposto movimento:
Mil clerigos vadios sem prebenda;
Abbades sendeirões de larga pansa;
Namorados cadetes estovados,
Lapidarios eternos das calçadas;
Pacificos Turenas dos bilhares,
Em bolas de marfim atiradores,
Insignes da balistica sciencia,
Descrevem mil parábolos nos ares,
Cóa ponta aguda do ligeiro taco:
Sáo estes os mações d'altá genere,
Com capello na sucia da saudice;
Que tais seraõ os outros catingeiros,
Que os instrumentos sáo dos veneraveis?
Nemguem, da chusma dos mações vadios,
Izento está, ou fica sem assento,
Na bachanal nocturna cometiva,
Que decora o Masonico benito.
Eis Pseudo-Sapientes Jacobinos,
Que de Patetas tem alto diploma,
Os Veneraveis sáo da fofa sucia:

Que querem, de Babel, erguer as torres.
Se la no alto Tamisa as agoas frias
Refrescaõ a maçonica mania,
Tao bem la no Brazil, os raios quentes,
Dardejaõ as Electricas materias,
Sobre as occas cabeças Brazileiras;
Lendo, e relendo, com vagar, e tento,
As doutrinas que dá aõ prelo escritas,
O Sendeiraõ Hypolito da Costa,
Gram Mestre da Masonica caterva,
Limado Catingeiro, seu Patricio.
Acabou de falar a Perodana,
Eis que surgiu da Magistral cadeira
Hum figuraõ d'orrenda catadura,
Seus vesgos olhos confuzaõ nutriaõ,
E tinha occulto, em rubro sangue tinto,
Agudo ferro, gotejando ainda,
O sangue das nações independentes.
Na testa tinha reluzente Espelho,
Que reflectia a ja passada historia
Da confuzaõ fatal d'inqueita França,
E a mizeria total de todo Europa,
Sobre fatais principios d'Anarquia.
Este o feroz Abuzo se nomeia,
Que ao Corso vagabundo prometêra,
Anniquilar do mundo os varios Reino

As dynástias dos Reis, os seus direitos,
Com a hydra da fatal perversidade.
Eu sou, diz elle, o detestado Abuzo;
Sou filho do capricho, e Violencia;
E de fofas noções empanturado,
As leis pertendo dar ao vasto mundo:
Na sucia da Baviera Illuminei-me;
Sou de Weishaupt o digno companheiro;
De Knigge, e Castrióto, intimo sócio;
Formo mil Sucias, com rezões de vento,
Armo petranhas, e descózo tretas.
E nesta occa cabeça trago inteira,
A minha grandioza Livraria,
Das obras de Plataõ, e de Spinoza;
E a força de Impostura, e trincafios,
Pertendo governar o mundo inteiro,
Com o dedo que aponta os crimes todos.
Crespa carépa adorna a minha frente;
As fulas cores, que naõ tem vergonha,
Luzem nas faces do estanhado rosto,
Por de traz das orelhas e mecaixada
A grossa pluma tenho, que descreve,
O Fado das nacões, e dos Imperios;
Grosso borraõ de tinta negregada,
As armas saõ do meu extenço Imperio,
Aonde reina em paz o despotismo.

Sou o filho mais velho da Preguiça,
Gerado nas entranhas da Tolice,
E do monstro que gera a vil Intriga.
Eu sou a fonte da Sandice humana,
Asserimo Pedante, e digno adepte,
Da trôlha, do compasso, e do triangulo;
Os habitos que vés mui infeitados,
De Letras grifas, e caldaicos verbos,
Saõ resmas de papel borrados todos;
As herdades que tenho, e senhorios,
Do morgado que herdei de Maldizente;
Estes, que vês aqui junto ao meu lado,
Insignes companheiros novelistas,
He o Investigador Pseudo-sapiente,
Que tudo principia, nada a caba,
No contiunar-se ha do mez seguinte.
O Portuguez se chama est 'outra besta,
Mizero Papelaõ de Paiva, e Pona,
Alveitar de sediços sentimentos,
Que nos quartos da lua espalha ao povo,
Em papel maculado com manteiga.
He este quem aviltra, com veneno,
Os discursos de Pylades, e Orestes:
Rosnando sempre da moral alheia,
Dá remedios de graça, e dá conselhos,
Ao vacuo Oricular da rude plebe;

Rezóes vomita, com fatal peçonha,
Matando com fastio os seus leitores;
E digo delle quanto dice um vate.
,, Com gosto te levou, nas agoas frias,
,, O Lêthis, quantas obras imprimias."
Por maldizente sabe todo o mundo,
Que tem de Satanaz Sobrevivencia,
No Officio da brutal Aleivozia.
Com estes dois, dizia o vil Abuzo,
Pertendo governar o mundo em seco,
E dar mil leis ao povo Brazilense,
No lunatico tom de mil injurias,
Que espalha o maniaco Bernardes,
Decano na carreira das mentiras;

Com estes tais dizia o vil abuzo,
Farei em pouco recordar o tempo,
Em que Lizia chorou, chorou deveras,
Sem Rei, sem Pay, sem Leis, e sem governo.
Findou o seu discurso o Padre Abuzo,
Na prezença da Deoza Perodana;
Eis quando em pé se pós outra figura,
Com casaca de Gala bem bordada,
Douradas vestes, e calcões de pano;
De varias ordems matizava o peito;
Era o Guarda-major de toda intriga,

E filho da p... ta, e da privança;
A par de si trazia maniatadas,
As Graças, e mercés da Magestade,
Que repartia só com seus validos,
A custa de mentiras, e caballas,
Que semêa na vista do Ministro.
Os bolços da Cazaca matizada,
Repletos de papeis das varios partes,
Prenhes gemiaõ sem algum destino,
Que naõ fosse sogeito a recompensa,
Pella mao da Caballa administrada.
Hum sequito buçal de Lizongeiros,
Indigna corja que os empregos filaõ,
Mordem, e rosnaõ, quais os caõs de quinta,
E soffregos de graças, e favores,
Que faz o Rei Augusto aos seus Vassalos,
A par do figuraõ rompem o passo;
Do Thermoter formando a semilhança,
Segundo desce, e sobe, o metal loiro,
No gráo d'int'resse, de calor, ou frio,
Que aponta, nos dizeres, o instrumento.
'A Perodana Chega o tal menino,
Com venias tres rompeo o seu descurso,
O Falpera buçal de varias ordems.
Comecava á fallar, eis senaõ quando,
Humá maõ infernal, e sem ser vista,

Qual nuvem, negra, prenhe, e carregada,
Em cima delle descarega o pezo,
Do formidavel, magistral tinteiro;
Ficou pingando o mizero Falpêra,
Lembrando-se do cazo assucedido,
Có'as azas, em Athenas, inventadas,
'A punir d'ambiçaõ voluvel moço.
Tremeo com susto a Deoza Perodana,
Da lastima em que viu o seu Ascanio.
E o vate que traçou a sua historia,
Foi materia buscar a hum novo canto,
Em que dêsse da deoza seu origem,
E a prozapia buçal dos seus alumnos,
Que tanto espanto daõ ao vasto mundo,
Na carreira Sandal dos seus escritos.

## Canto Terceiro.

---

Depois da Confuzaõ, e trovoada,
Que canzou no Palacio Perodana,
O bafo negro do tinteiro Boreas,
Começou desta sorte o tal menino
A fallar ao brutal ajuntamento.
,, Nenguem da maça do cancado engenho,
,, Ideias forma de tamanho vulto,
,, Que naõ rape do alheio algum bocado,
,, A sombra da lembrança, ou sentimento,
,, De ter ouvido, ou visto, em qualquer parte,
,, Aquilo que produz ao prêlo escrito.
,, No tempo antigo da sagaz Athenas,
,, Cujas luzes serviaõ d'alva guia,
,, Aos vates mestres da sciencia infuza,
,, Que nos deixaraõ classica sciencia,
,, Na quilo que souberaõ, e dictárao,
,, Entre montões de letras, ja extinctas,

,, Nas agoas do pacifico Acheronte :
,, Essas mesma, ja hoje, a penas quadraõ,
,, Com o vulto das obras, e poemas,
,, Que occupaõ do miolho o vago espaço,
,, De tantos bademecos literarios;
,, Pedantes sevandijas do Parnasso;
,, Amantes do bizarro pedautesco,
,, Que luze naõ lumeia a mente humana.
,, Se meu estro brutal julgar podesse,
,, D'elles as vozes, gaguejadas Phrases,
,, E tumidas sentenças gigantescas,
,, (Que confesso naõ saõ do meu alcance)
,, Dignas de Midas que julgou Appolo,
,, E de Pan approvou o rouco canto;
,, Se em negro type vomitasse os erros,
,, Que da ao Prêlo, o P o r t u g u e z mistiço,
,, Bernardes cavalar de bruta monta,
,, Orelhudo juiz d'alheias faltas,
,, Que latim estudou, estudou grego,
,, E grego nos ficou por seus pecados,
,, Em palavras, feitio, e sentimentos.
,, Se qual Nolasco, Calepino antigo,
,, O Briareu Gigante de cem linguas,
,, Sentenças vomitasse as rude povo,
,, No lunar periódico das pettas,
,, Digno rival, que junto ao Tejo imprime,

,, A custa d'um vintem de papel pardo,
,, Josephus Daniel da Costa Mendes,
,, Gram autor do Piolho viajante,
,, Com commento dos cegos do Rocio.
,, Se arremedando Hipolito da Costa
,, Co'a trombetta no rabo visse a fama,
,, Mil mundos procurar alem dos polos;
,, E basculando a regiaõ dos ventos,
,, Trinasse pettas que náo cabem neste;
,, Entaó invocaria, desta forma,
,, A Proteiçaõ da vâa credulidade,
,, Nas Phrases que m'inspiras tu Bernardes.
,, Oh tu Bandarra! Patriarca excelso,
,, Da corja vil dos crédulos papalvos,
,, Que a vâa Hypocresia erguem altares,
,, A sombra de milhares de Profecias,
,, Que inventa a toa do Japaõ o negro.
,, Rosnando, qual Bernardes faz em prosa,
,, Coxas, e fofas trovas de repente,
,, E mil conceitos que náo dizem nada. . . .
,, Tu só es digno de reger meu canto,
,, Acóde com teu estro protentozo,
,, Ao vate que fraqueja no seu hymno.
,, Es capaz de guiar qualquer pateta,
,, E versista fazer da gente parva,
,, Que saõ poetas de huma nova Arcadia.

,, Galofa quero, quero rizo a montes,
,, Naõ serio metro que enfastia a gente,
,, No tom sentimental d'heroicos feitos,
,, Que alargaõ, retumbando, occos versos."
Tornou a commeçar o tal menino,
E desta sorte o seu discurso rasga.

,, Naõ canto a Bispo, e seu bispote santo,
,, O milagrozo sarro que continha,
,, O ambito circular do seu penico,
,, Do mijo Episcopal recipiente;,
,, Cauza funesta da fatal avença.
,, Que a discordia a teou entre as fidalgas,
,, Devotas madres do Mesmer Prelado,
,, Que occupa do Fervençe a sé vacante,
,, E do Busaco habita as sombras cellas.
,, Naõ canto reputissimas fidalgas,
,, Que ao rubro pejo declararaõ guerra;
,, E guerra de luxuria triplicada,
,, Co'o negro manto da funesta crença.
,, Canto dos Periódicos a Historia,
,, As occas reflexões dos Redactores,
,, Funesta Geneólogica mania,
,, Que deu principio, e corpo, a tais obrinhas.
,, Qu'o senso humano illude com chimêras,
,, De milhorar dos pôvos a existencia,

„ Co'o pomo da discordia envenenada,
„ Na mais mortal, Demócrita, doutrina,
„ Abalança do throno a segurança;
„ O regular systema transtornando,
„ Que forma a base ao publico concurso,
„ Nos meios de reger a sociedade."
Pasmou o ajuntamento deste exordio,
Sem do fim, nem principio, ter ideia.
Approvando o Cantor com tres cuadas,
E xus trinava em echos pella salla.

„ No Céo ja dizem houve hum 'Statuario,
„ Com fabrica de barro d'alto preço,
„ Onde formava figurôes d'argila,
„ Imitando no corpo a forma humana,
„ Sem terem movimento, nem palavra:
„ Prometheu se chamava o tal artista;
„ Era filho de Jápeto, e Clemene,
„ E tinha por officio ser nixeiro,
„ Das festas que no Olimpo se faziaõ.
„ Pallas, porem, que as artes protegia,
„ Ensinou-lhe a mover os tais benêcros,
„ Co'o fogo que alumeia o vasto mundo.
„ Depois que Prometheo formou o vulto,
„ E que do Ceo tirou a chama ardente,
„ Com que abrazou o figuráo de barro,

,, Na pancada, que deu, co'o faxo accezo,
,, Na testa da esterferma creatura,
,, Por terra vê cahir varias fagulhas,
,, Involtas com bitume, e com rezina,
,, Das quentes cinzas do esmurado archote.
,, Com estas mesmas esfregou as façes,
,, Das varias figurinhas que fizéraõ,
,, A sua vista, os toscos aprendizes;
,, Accanhadas na forma, e no feitio,
,, Sem poder imitar a obra do mestre,
,, Que a ser hum homem Pallas distinava,
,, Co'o luz que Promotheu do sol roubára.
,, Este o principio foi da raça humana.
,, O qual, apenas Prometheu findára,
,, Sem pendente fazer-lhe feminino,
,, Que sobre si marchou, sem dizer nada,
,, Embasbacado do que ouvia, e via,
,, Na vasta retundissima natura.
,, De outra grosseira maça de bonecros,
,, Formada pellos maõs dos aprendizes,
,, Nasceu, por acazo, a gentil raça,
,, Da Periodica prôle dos patetas.
,, Que hoje, nas margems do Tamiza turvo,
,, Borraó mil resmas de papel d'hollanda,
,, A custa do dinheiro dos papalvos,
,, Que formaõ hoje maçonica caterva.

,, A primeira figura deste barro,
,, Que movimento teve, e teve alento,
,, Foi a May genitora dos Patetas.
,, Chama-se por nome a Bagatella;
,, Teve alta geracaõ, mui prolongada,
,, De celebrados filhos, e de Nettos;
,, De cujos feitos a sandice canta,
,, Grossos volumes d'aleijado versos,
,, Forçada prosa, e rispida eloquencia.
,, Desta raça potente em basbacada,
,, Descende em linha recta, sem desvio,
,, Hypolito, Bernardes, e Nólasco,
,, Sabios enchotacaes da Literatura,
,, Innovadores de tenções damnadas,
,, No amalgame d'injurias, e Mentiras.
,, Que partos estrondozos de Sandice,
,, Naõ giraõ pello mundo, sem impostos,
,, Nem direitcs, pagar a saa censura,
,, Que Appolo poz na Alfandiga d'Olimpo,
,, Com pena de funesto contrabando,
,, 'A sua protegida Literatura?
,, Do fatal hymineu da Bagatella,
,, Valentes filhos teve a Genitora.
,, Por entre estes nasceraõ a gagoza,
,, Bichos de varias cores, e figuras,
,, Pardas, e brancas, bem amacacadas,

,, E dignos d'um Museu de brutos raros.
,, Oh famozo Vandelli de Bolonha!
,, Scientifico Autor das ninharias,
,, Capataz dos insectos de escabeche,
,, E famozo orador das qualidades,
,, Do penis, e sub penis alimarias,
,, Expoem da Bagatella a sua classe,
,, E mostra-nos por gestos, sem que falles,
,, A que especie pertencem tais bichinhos,
,, Que Hemofriditas sáo, segundo creio,
,, Do barro Prometheu, adulterado?
,, O teu Saber invoco . . . . senáo quando.
,, O tu Gall Alemaõ! Doutor de pettas,
,, Que a palpas, e conheces duros cráneos,
,, Que bichos saõ da Bagatella os filhos?
,, Dize Gall Alemaõ achaste nunca,
,, Mais occos duros craneos do que d'estes,
,, Que tem por May a fofa Bagatella?
,, Depois que a tal Senhora deu ao mundo,
,, Qual porca no xiqueiro, os bacorinhos,
,, Da parva seita da sandice alumnos,
,, Veneraveis maçṏes, d'um novo Templo,
,, Que forma no Brazil seu Oriente;
,, Entaõ se viu, sem major desfarce,
,, Na loje, em Pernambuco, ensaios tristes,
,, Da masonica fama de traidores,

,, Que tu, oh Arcos! reduzis-te a fumo,
,, Com fogo, e ferro, transtornando em borra,
,, Aleivoza maçonica caterva,
,, Victima digna d'ira do Sob'rano;
,, E Martins Fanfaraõ foi, neste cazo,
,, Do Quichote Bernardes, Sancho Pança,
,, Formando leis com lagrimas de sangue,
,, Que choraõ desgraçados habitantes.
,, Nasceu da Bagatella, d'um só parto,
,, A raça nova de leitões da China,
,, Em Fanfarões, á moda, revestidos,
,, Scientes Ganimedes adubados,
,, De Cruzes, e commendas, nas cazacas.
,, Qual traz o diplomatico fantasma,
,, Calomilo da [illegible] o ferro velho.
,, Do muito trabalhar em obra seca,
,, Sem sahir do miolho algum xerume,
,, Na testa do Varaõ alambicado,
,, Em Gordas letras Garafais se lia,
,, O titulo buçal . . . . Diplomacia.
,, E escrito no trazeiro . . , . aqui a porta . . . .
,, Sciencia que aprendeu, mui bem a toa.
,, Mujindo de Galvêas o lambique,
,, Aparando no cu, do selo, a Chappa.
,, Deixemos por hum ponco a raça deste,
,, Continuemos pois a nossa historia,

,, Novos feitos contando da sandice.
,, Veja se no fatal nujento archivo,
,, O Cofre encyclopedico d'asneiras,
,, Que vomita sem tom, e sem resguardo,
,, No mensal orinol das porcarias,
,, O rediculo Franklin, Occo Bernardes:
,, O vil Cassandra desta nova Troja,
,, E desgraça fatal dos nossos dias.
,, Com punhal, naõ a pena, manejando,
,, Em alvas cinzas reduzir pertende,
,, A Patria, qu'elle toma, por alcunha.
,, Infama o Portuguez o mais honrado,
,, E louva do traidor, Valor, e brio;
,, Ignora da naçaõ a moral santa,
,, Alto valor, engenho e lialdade."

O Ascanio até ali desconhecido.
Era filha de Pallas disfarçada.
Em lindo moco, a moda trastejado,
Publica opiniao, chama-se a Deoza;
Immortal na censura das Imprenças.
E qual Penhasco duro, erguido a prumo,
No mar das bagatellas rompe as vagas,
Que attacaõ seu dominio com braveza.
Na vista da Patrona das sciencias,
Trazia sempre fittos os seus olhos,
Medindo da resáo os documentos,

E mantendo dos factos a certeza.
Doce a figura, serio no semblante,
Indaga com juizo, e com Prudencia,
Do prêlo os mais piquenos accidentes,
Na seria descussaõ dos varios factos,
Que em maligno papel imprime o type.
Naõ escapa aos seus olhos hum só ponto,
Da materia que daõ ao prêlo escrito;
E sempre involta no segredo d'arte,
Desterra, com a Espada da justiça,
Varios abuzos, que produz a crença,
De tantos Papelões de novidades,
Que julgaõ n'apparencia os varios factos.
A Deoza que he emensa em toda parte,
Deff'rentes formas toma, varios vultos.
Presidindo aos Cafes, as assembleas,
Nos Botequims, e Publicos passeios;
Invisivel se faz, e sem ser vista,
O Mundo gira, reparando em tudo,
Revendo, calculando, e descedindo,
As mais pequenas transacções da vida:
Julga, sendo persizo, nos negocios,
E nada se lhe occulta, por que sabe,
Antever, e calar, qualquer Segredo.
,,Eu sou (dize ella) a maquina do senso,
,,Que os homens guia na vereda certa,
,,Da sâa verdade, e da moral devina.

,, Formei-me na rezao, e nas sciencias;
,, E pertendo acabar vossa Palestra,
,, Mostrando ao mundo a monita secreta,
,, Que rege dos Maçöes tençöes danadas.
,, E o pouco que calculaõ a doutrina,
,, Os Parvos conductores desta seita,
,, Que trabalhaõ, em vaõ, nos seus discursos,
,, A presuadir os povos d'obediencia,
,, Que devem a sagrada Magestade,
,, Dos Reis que governaõ seus Vassalos."
A qui tremeu de susto toda a salla,
E Perodana desmaiou de medo,
Da falla que lhe teve esta Deidade,
Em trajes de menino desfarçada.
Eis que o Charlatanismo Principia,
A formar de Bernardes seu discurso;
Mas faltando lhe a voz, só gesticula,
Qual Harlequim em muda Pantomina,
Os sentimentos duros do seu peito,
Que no archivo das pettas aferolha.
O Guarda-mor das obras da sandice.
E a Piadade, correndo um denso vêo,
Sobre a vil maçonica caterva,
Que orma o Periodico conselho;
Deo hum pouco descanço ao pobre vate,
Nova materia Espera em outro canto.

## Canto Quarto.

Em quanto no conselho dos Patetas,
Publica Opiniaõ assim falava,
A vil, brutal, e sordida caterva,
De fofos Pseudo-sabios escritores,
Minerva lhe dictava, outro discurso,
Em que dêsse a saber as varias obras,
Na verdadeira luz que saõ traçadas;
E desta sorte começou seu canto.
,, La do profundo inesgotavel poço,
,, Aonde a Estupidez as obras guarda
,, Daquelles vates, cujo bafo empestaõ,
,, Quer com talento, ou métrica Eloquencia,
,, O circulo das artes, e sciencias,
,, Jaz hum archivo de solemnes petas,
,, Por cem barras de ferro aferolhado.
,, He, pois, o Chalataõ Escribelerus,
,, O Guarda-mor do sordido thezoiro,
,, Conhecido no mundo literario,

,,Por saber descompor, em prosa, e verso,
,, As artes, as sciencias, e as virtudes;
,,Qual faz, em luas, Barrabas Bernardes,
,,No mizero jornal da relé prosa,
,,Com nome, por alcunha, o Portuguez:
,,Cujos licoẽs vomita o Grego Orestes,
,,Ao fanfaraõ Pyládes de Capote.
,,Neste archivo buçal, de mil asneiras,
,,Guardados tem, o tal Escribelerus,
,,Famozas obras desta douta tribe,
,,Com couro de bahu encadernadas,
,,E os nomes dcs Autores embutidos,
,,Co'a goma que nas praias de Lisboa,
,,Despeja a fula gente de Cabinda.
,,Teve por sina ser aqui Porteiro,
,,Dos partos que a sandice a luz imprime,
,,Com isca pobre de engodar patetas.
,,Qual, o trifauce caõ no negro averno,
,,As ferreas portas do cocyto guarda;
,,Da mesma sorte, com vorás sentido,
,,O archivo triste de buçais asneiras,
,,Mui cuidadozo guarda Escribelerus.
,,Mas a deoza brutal dos Ignorantes,
,,Inimiga d'Astrêa, e de Minerva,
,,La mesmo vai buscar, quando persiza,
,,Nas inepcias da Estipida Pandecta,

,, Novissimas ideias, cujos partos,
,, Daõ fama, e lustre, aos seus estéreis vates:
,, Imagems quais, a par do vil desprezo,
,, Traçou do Gama, e do Oriente a rima;
,, Que o Mestraço Agostinho, caro filho,
,, Primogenito herdeiro da Perfidia,
,, Com pettas tripedais dos arreeiros,
,, O Cego espalha com zurrante metro;
,, Tal, qual, Bernardes faz, em relé prosa,
,, No estolido jornal que vende ao povo,
,, Co'a firma Portuguez de desparates.
,, Nome Vendido! nunca fostes d'antes,
,, Es pois agora por traidor Bernardes,
,, Nas occas reflexões do seu Orestes,
,, O Classico basbaque dos Orates,
,, Apregoador d'injurias, e mentiras,
,, Que contra aquelles, cujo Zelo ardente,
,, Mostraõ, ao Reis, e patria, Lialdade ! ! !
,, Desce Santa Rezaõ hum pouco a terra!
,, Vem ver do Tempo a lastima pungente,
,, Neste mundo soffrer a tais alumnos,
,, Que, quais o nocturno gozo, ladraõ,
,, Ja esperando a rijida paulada.
,, Jacobiniça Corja de marotes,
,, Que rapaõ couro, e pêlo, a saâ verdade.
,, Tu vesgo satanaz de gordas letras!

,, Autor insonço da venal gazetta,
,, Antropofrego Lopes da Glozina!
,, Que vendes phrases, que Bluteau despreza,
,, Sem senso, nem arrimo, na Prosodia;
,, Engasgas quem nas lê, e quem as fala.
,, Vende arroz, meu amigo, e mais manteiga,
,, E deixa de escrever mais novidades;
,, Pois tems de graca, nos jornais impressos,
,, Por Nolasco, Bernardes, e Agostinho,
,, Com que possas mui bem, limpar o rabo,
,, E a fazenda embrulhar que tems na loje.
,, Mas não... Lembra-te, oh Lopes! dos freguezes;
,, Que tais escritos de veneno cheios,
,, São aptos de empestar o mundo inteiro,
,, E fazer-te perder a freguezia,
,, O teu nome instalando ao caiz do Tojo,
,, A custa da gravata do carasco."
Mas a Deoza jucunda, e brincalheira,
Em Episodios leva todo o tempo,
Sem se lembrar das regras do Poema,
Desvia-se d'accaõ, e seu int'resse.
,, Tinha o Porteiro do buçal archivo,
,, Mui bem a maõ, as obras registradas,
,, Que dava ao prêlo a charlatâa caterva:
,, E tinhaõ todas da sandice o sêlo,
,, Co'a firme approvaçaõ da tola Deoza.

„Era extenco o Encyclopédico registro ! ! !
„Revia Escribelerus cada dia,
„Este bello catálogo d'asneiras,
„E punha seu comento logo a margem,
„Com magistral destincto Pedantismo."
Rompeo aqui em rizo Perodana,
Em echos returbando as gasgalhadas,
Pella vasta caverna da Sandice,
Que fizeraõ parar os argumentos,
Que ao vivo lhe tocavaõ pella pêlle.
Rompendo do silencio as queitas azas,
Eis Perodana, em pê, a voz erguendo,
Qual pasmado Perum, sem companheiro,
Que sacode, e rebate, as negras plumas,
Sem se quer do lugar erguer as pattas,
Desta forma rompeo o seu descurso.
„Imploro a Estupidez, Nossa Patrona,
„Que dê aos meus jornais eterna vida;
„Que as nitidas Palavras reluzentes
„Do meu filho buçal, fofo, Bernardes,
„Tenhaõ Proteiçaõ, e valhimento,
„Entre estolida raça dos Pedantes.
„E que saiba inventar, com graça, e rizo,
„Da Collecçaõ dos sujos arreeiros,
„Novos termos de chufa, e de galofa,
„Capazes d'affrontar, o mèsmo Olimpo,

,, E escureçer das muzas os talentos;
,, Quais brilhaõ cagalumes as escuras,
,, Fazendo sombra as obras literarias,
,, Reluza, no futuro, de Bernardes,
,, A rara persausiva doutorice."
Findou aqui o Sordido discurso,
Eis que logo mandou, em ira aceza,
Ao fofo Escribelerus que troucesse,
Ao pe de si, o magistral archivo;
Deposito sandal de mil asneiras,
Para delle tirar as mais sublimes,
Com que podesse escurecer as obras,
Dos Vates que Minerva respeitava;
E aõ type dedicar, em letra gorda,
Quanto continha a basbacal folia.
Seu mando executou Escribelerus;
E estando ja o archivo na prezença,
Dos alumnos buçais de Perodana,
Em torno delle, alegres, se despunha,
A vasta commetiva com festejo,
De Danças, e de varias algazaras,
A honrar, os partos, do brutal Engenho,
Que produziu a luz hum tal contexto.
Eis que do Olympo voa fatal raio,
Da máo d'Appolo, em ira despedido,
Que o archivo abrazou da papelada,

E subito transforma em lavaredas,
Os infames jornais de vil leitura.
Choraõ as muzas, desta porca Arcadia,
Por longo Tempo, a perca deste archivo!
Chorou por muito tempo Perodana,
As obras de Bernardes, e Nolasco;
E as porcas nimfas da buçal Arcadia,
Quais as gárulas râas, em negra noite,
Nos charcos, e monturos, erguem pranto;
Lastimáraõ-se as Dryadas de borra,
Da perca do Sandal, matuto Archivo.
De tinta, com borrões, saó maculados,
Os Genios, e Talentos, dos Patetas.
E voltando da Chama envergonhados,
Os Vesgos olhos, inda lacrimozos,
Fogem de ver as victimas accezas.
Partos dos mais infames desvarios,
Que avidos procuraõ assignantes,
Na baixa plebe de buçais Garrotos.
E o raio vingador do Deos Appolo,
Para sempre acabou milhar d'injurias,
Na lêthal puniçaõ de tais obrinhas.
Da justica do Deos do Claro Olympo,
Attonito ficou, occo Bernardes.
O rosto esconde, em vergonhado foge,
Em ver subir, em fumo, aos denços ares,

De Pylades, e Orestes, os discursos;
Partos sublimes do seu vazio cráneo!
Discursos taõ macios, que podiaõ,
A secreta munir de saõ Francisco,
E os rabos alimpar dos gordos frades.

## *Erratas.*

Pag. 2 linh. 7 lea

Basbaques encartados na Sandice.

— 3. — 4. A fofa Periodica caterva.

— 3. — 12. Eis, n'um monte escarpado, e Sobranceiro

— 4. — 9. Nem verdes prados, nem amenos vales;

— 4. — 24. Que sem folgar trabalhaõ noite e dia,

— 5. — 2. Surdas ao gosto abertas a tolice,

De pois da linha 16, accresenta-se

Es da sucia taõ bem, senaõ m'engano.

Pag. 9. linha 27. lea E remontando aos ares desvancem,

— 7. — 26 e 27. As faltas desfarçando que padece,

Bate, e rebate, a testa na parede,

— 8. — 7. E prenhe a testa de principios falsos,

— 8. — 11. Que a saliva gerou na porca boca?

— 11. — 1. Ajuntou-se o Conselho dos Patetas.

— 11. — 13. Que os queixos partem nas enchadas Phrazes,

— 12. — 2. E croa com teu nome os argumentos,

— 12. — 23. Graças aos Periodicos lunares,

— 13. — 14. No meio dos Maçõ̃es eu só governo,

Co'a voz activa d'um Segredo emenso,

— 14. — 6. Ao lugar do suposto movimento,

— 15. — 4. Taõ bem ca no Brazil, os raios quentes,

— 15. — 22. E a mizeria total de toda Europa,

— 17. — 3. Saõ resmas de Papel borradas todas,

— 17. — 11. Saõ morgados que herdei de maldizente.

Pag 24.. linha 12. lea

Que a Descordia ateou entre as fidalgas,

— 30. — 6. Rediculo Franklin, occo Bernardes,

— 32. — 24. Qual orna o Periodico Conselho,

— 34. — 16. Com isca podre de engodar patetas.

— 37. — 7. Em echos retumbando as gargalhadas.

---

# A
# PADEIRA de ALJUBARROTA

## POEMA EROICO-COMICO

IMITAÇAO DE LA PUCELLE.

Por

**J. A. C. H.**

» La nature aux mortels a dicté cette loi,
» Ton coeur à ta patrie et ton sang à ton Roi.

*De Corréa Ode au Roi de Suède.*

HAMBURGO.
Na Impressa de F. H. Nestler. 1806.

# A V I S O.

Em revendo algumas obras da Carteira do Snr. J. A. Correa, achei este poema, que elle no tempo da sua recreação tinha feito. Pedi-lhe que a quizesse imprimir, por lhe julgar algumas ideias novas, e belleza d' imaginação: porém elle deu-me por reposta, que tendo jà annuido a varios amigos respeitivo a outras suas producções, não adquiriu senão inimigos, e mesmo na classe daquelles, que elle emprehendeu louvar. Mas emfim cedendo às muitas reiteradas suplicas, consentiu na impressão desta obra, brincadeira da sua Musa nas horas vagas.

P. G.

Hamburgo, 6 de Junho, de 1806.

# A PADEIRA D'ALJUBARROTA.

## POEMA.

### CANTO PRIMEIRO.

Não canto aquelle Heróe esclarecido,
Filho de *Thetis*, Vingador da Grecia;
Esse qu' eternizou do cego Vate
Co'a fama das victorias repetidas,
Nos campos Dardanéos a lyra d'ouro.
Não pertendo entoar com peito d'aço,
A pudibunda Moça celebrada,
Que a Musa de *Voltaire* engrandecêra,
Nos vastos campos da viçoza França:
Nem d'Albania feroz essa Heroina,
Protectora do throno d'Alencastre;
Aquella que buscando nobres meios,
Soube mover com maternal affecto,
(No pranto que vertia amargamente,
Por seu Esposo errante, e caro Filho)

Do soberbo *Warwick* o duro peito.
Mais alto voa, Muza, meu dezejo,
Tocar pertendo no Parnazo cume,
E os pés banhar na cabalina fonte!

Junto das margens do famozo Lize,
Não longe d'onde corre o manço Coa,
Docemente regando os lindos prados,
Que matizam a verde Estremadura;
Na fralda da montanha sobranceira,
Jaz a celebre hermida de Sam Jorge:
Não distante daqui a linda aldeia,
Do mesmo nome prédomina o campo,
Cercada de viçosas carvalheiras.
Este o lugar, segundo antiga Historia.
Onde tu, Martha, viste a luz primeira;
Moçoila bella, reforçada, e forte,
Valente com arrojo e distemida,
Digna de merecer outro destino,
Que aquelle de fazer luzidas broas,
E o forno esborralhar da sua aldeia.
Foi a gentil moçoila em outro tempo,
Do cabeçudo Cura da Parochia

Ama cazeira, que a decencia chama
Sobrinha, Prima, Irmãa, Alcoviteira.
Aquella que na casa ecclesiastica
As porçoẽs talha do glutão dezejo,
E guarda afferrolhado a sete chaves
Os sobejos rançosos da Prebenda:
Eis a mulher que destinou a sorte,
Fosse no baixo estado de forneira,
Aquella que livrasse a sua aldeia,
Da colera fatal dos inimigos.
Desce do Ceo inspiração divina,
Meus Versos animai com chama ardente,
Porque possa cantar esta heroina!

Era no tempo em que a famosa Deosa
As searas colhia d'abundancia,
E a curva sepa com o pezo dobra
Do Falerno licor que o caxo encerra:
Tinha-o sol a circular visita,
Sobre a face da terra repetido,
C'os luminosos raios creadores,
Quatorze vezes cento o longo giro;
Quando de Portugal El Rei Fernando

Su' alma dêra a quem lha tinha dado.
A Deoza da Discordia longo tempo
No Lusitano Reino sacudia,
O faxo incendeador da vil Intriga,
Por entre o povo, e a Regia authoridade.
Da falta que sentiam os Luzitanos
Na legitima prole interompida
Pela morte do fraco Rei Fernando,
Esse que o Reino poz em tal estado,
Sem leis, sem punição, e sem bravura.
Gira a cobiça vã dos Castelhanos,
Na esquentada cabeça do seu Chefe,
Como Erdeiro do Reino Lusitano,
Por direito que tinha da Consorte,
A suspeitada filha de Fernando.
Não quer Joanne invicto um tal orgulho:
Filho de Pedro, grande, e justiceiro,
Ainda que natural, legitimado,
No saugue, nas acções, na probidade;
Digno de commandar a forte gente,
Que tem por honra, e gloria, o puro brio,
De servir cegamente o descendente,

Do sangue Portuguez, antiga Estirpe.
Bastardos sempre foram valerosos,
Por letras, ou por armas, por amores.
Lieo bastardo foi, tambem Mercurio;
Cupido, mais Apollo, e o Deos da força;
Bastardo foi Homero, o cego Vate;
Tambem o foi Orpheu, da Lyra d'ouro;
Romulo tambem foi, junto com Remo,
Da Madre loba na floresta escura,
Nutridos com amor d'impia fera;
Edifiçam de Roma os altos Muros,
Que duras Leis dictou a todo o Mundo.
Bastardo tambem sou, que canto agora,
Sem ter d'Homero, nem d'Orpheu a Lyra;
Meu brio sobe além das densas nuvens,
E inveja causará no solio duro.
Candida honra será a minha guia,
Emquanto a Parca não fechar meus olhos,
Nem Atropos cruel cortar o fio,
Que no berço teceu a Natureza.
Só pela Patria, e Rei, conservo a vida,
A curta vida, que desgostos nutre,

No triste labyrintho das intrigas.

Julga o duro Espanhol com manha, e força,
Das numerosas tropas segundado,
A terra conquistar da Lusitania,
E as margens vem buscar, que o Tejo banha.
Já correm as esquadras Castelhanas
Do Tejo ao Douro, e nas viçosas terras,
Que lava do Mondego os lindos prados,
Trazendo no terror d'agúda lança,
A peste, a fome, a guerra assoladora;
Quando a bella Deoza dos Amores,
Os Lusitanos vê em tal aperto,
Sem Rei, sem Chefe, sem Senhor jurado.
Venus que os Lusitanos protegia,
No tempo que as bandeiras de Sertorio,
Nos Eborenses muros fluctuavam,
Contra o fraco poder de Viriato,
O Chefe dos Pastores Transtaganos:
O qual gozando do descanço grato,
Que dava a Natureza sem rebuço,
Nos costumes, no trato, e singeleza,
Nos ferteis prados que banhava o Tejo.

Esta dita invejou Soberba Roma,
Do Colossal assento Capitólio,
E quer, que as águias vôem ao Occidente,
Do seo throno expulsar a Singeleza,
E terror infundir aos Lusitanos;
Nesse tempo emque Roma altiva impunha,
Com orgulhoso mando, o vasto mundo:
No tempo emfim, emque a Soberba Osmia,
Com Varonil coragem impugnava,
Orgulhosos decretos do Senado,
A testa das esquadras femininas;
Desse tempo datou sua valia
Pella val'roza gente Lusitana,
Cercada dos amores, e das graças,
Ao throno do Tonante dirigia,
Ligeiro vôo no dourado Carro;
Os Zephyros se curvão na passagem,
E o ar emtorno seu bafo reprimindo,
Cede submisso ao seu ligeiro Vôo.
Tinha Natura, no Semblante bello,
Gravado nos seus olhos scintilantes,
A viva persuação muda, e devina,

Que a lingoa dos mortais emvaõ exprime,
Sem ter do coraçaõ os sentimentos.
Nua qual da Natura foi gerada,
Brilhava emtorno della Só dezejos;
Nos brancos ombros as madeixas câiem
Os carinhozos ventos açoitando.
Pára diante o magestozo Jove,
Co'o bando dos Surizos no semblante,
Aos quais freixeiro Deos d'agudas setas
Tinha agusado com mortal veneno;
Veneno matador doce, e benigno,
Que a vida dá aos candidos prazeres,
Nutre a delicia da Saudade terna,
Renova o coraçaõ com vivo fogo
O fogo activo que consome a vida!
Atonito ficou o gram Tonante,
A vista da beleza emcantadora:
Da linha Deoza do Cithêrio monte,
Tres vezes refitando nella os olhos
Com amor e dezejos lhe falava;
Oh Filha de Oçeano! Ecclama Jove;
Quais saõ as pertenções que á mim t'envia,

Sobre as ligeiras azas dos Dezejos?
Não pede, não, oh Deoza da Beleza!
Quem para captivar foi animada.
Cheios de mil faiscas scintilantes,
Seus Olhos dizem o que a lingoa calla.
Qual o duro penasco mudo e Quêdo
Na dextra adormecêo potente raio.
Hum sussurro no Olimpo se lavanta:
Qual em espesso bosque o brando Vento,
Levemente açoitando as verdes folhas,
Os vales deixa repetir os echos.
Eis que Marte potente a voz erguendo,
Na dextra Sopezando a forte lança,
O esquerdo braço o escudo suportava:
O rosto carregado, olhar severo;
Estas vozes tirou do hirsuto peito.
Espoza de Vulcano! aqui protesto,
Perante o Gram Tonante Magestozo,
Os Lusos proteger na dura guerra.
He debalde que vejo a vil Discordia,
Com carcomidas azas revoando;
Pauzar portende as negregadas pattas,

No magestoso Solio Lusitano:
Ao seu lugubre Canto dessolado,
A soberba Castella se desperta,
Com quimerica herança ao Luso throno;
Destilando em si mesma o seu veneno,
Submissa beijará as Lusas Quinas:
Quinas ditozas, e jamais vencidas!
A Deoza pregoeira por cem bocas,
Ás futuras idades mais remotas,
Repetindo as façanhas Lusitanas,
Os fabulozos feitos dos antigos,
Na corrente Lêthal do esquecimontos,
Desterrados serão da humana mente.
Em pranto se verá gemer irado,
O Genio protector d'antiga Roma;
E da Grecia o Cantor quebrar a lyra.
Acabou de fallar o gram Mavorte:
E sobre a terra os olhos affitando,
Deviza já nos dilatados campos,
Onde d'Aljubarrota o Lise banha,
As Soberbas esquadras Castelhanas.
A cabeça abanou o Deos da Guerra.

Dos olhos lhe dardeja vivo fogo:
O scintilante fogo do desprezo,
Que as almas grandes sobre os fracos lanção.
Da celeste pouzada os Deozes partem,
Cada qual vai deixando a lactêa via,
Esmaltada de nitidas estrellas:
E Phebo n'oçeano apaga os raios
Deixando Delia gouvernar a noite.

Fim do Primeiro canto.

## A PADEIRA DE ALJUBARROTA.

### Canto Segundo.

Era alta noite, e a desmaiada Lua
Seus frouxos raios sobre a terra lança:
Repouza a Natureza da fadiga,
Nos braços de Morphêo acalentada:
Martha somente em pobre leito dorme
Por mil imagems tristes agitada;
Foge-lhe o sono da cançada mente,
Occupada co' bem da humanidade.
Illusivas vizões emtorno girão
Da pobre ex-ama do glutaõ Vigario:
Sua rara belleza desprezada,
Sem ter um só amante que a corteje:
A lembranca que o tempo voraz leva
Ao cofre do fatal esquecimento,
Os adornos gentis da mocidade:
A justa ideia qu'a moçoila tinha,
Do modo de medir as porcões magras

Na mizerrima caza exclesiastica,
Deixando só no modo de talhá-llas,
Seis vezes mòr porção ao gordo Cura,
Que aquella que nutria escassamente
Faminto moço desnudado, e porço,
Que as vezes de sanchrista, e de Coveiro,
A falta d'homem, na Parochal Igreja,
Com grande inteligencia exercitava.
São estes os cuidados que revolve
Na dura testa a val'roza Martha,
No estreito leito aonde jaz deitada.
He esta que salvar um dia deve
A sua aldeia do furor da guerra!
Não com a lanca armada, ou capacete,
Broquel dourado, nem luzida espada;
Mas com a ferrêa pá da padaria....
Eis com esta antiquissima defeza,
Que Martha vingará nos inimigos
As mortes, latrocinios, e mil danos,
Que virão a cauzar á su' aldeia.
Deitada n'uma barra carrunchoza,
Coberta com as roupas que servião

De levedar o pam ainda em maça,
No passado reflecte, e no prezente,
Á luz sombria de ferral candeia,
Pendurada no canto do seu Quarto;
Não era o quarto uma camera rica,
Despojo da grandeza, e mais do luxo:
Era a piquena alcova retirada,
Entre duas muralhas carcomidas,
Da podrissima cal que as revestia:
Duas cadeiras de bornido couro,
Huma meza de pinho carrunchoza,
Que o tempo estragador pintou de preto:
Huma barra de ferro furrujenta,
Que gritando recebe da fadiga
Os lassos membros dá gentil moçoila.
Sobre a parede, junto a cabeçeira,
A santa imagem jaz do nosso Christo,
Cercada dos registos dos santorums,
Que as moscas sem respeito salpicando,
Reduzem ao mosaico mais perfeito.
Estão d'outro lado penduradas
Grossas camandulas, co' agoa benta;

N'um vazo d'azulejo já quebrado.
Defronte desta alcova fica o forno,
Dentro da Salla antiga do Conçelho,
Onde o juiz da ventena prezidia,
As rixas duvidozas dos magnatas;
As fendas que se vião nas muralhas,
Serviao d'admitir um ar refeito,
Em vez de collocar ventiladores.
Contra as paredes sem algum arranjo,
Encostados se vêm da padaria,
Os varios trastes de que uzava Martha,
No trem de vida lab'rioza, e grata.
No meio deste trem jazia a moça
Occupada do bem do Seu Vigario,
E do funesto amor de Braz molheiro:
Eis que vê Martha com terror e medo,
Pella boca do forno vir sahindo
Huma desforme Broa nunca vista,
E no meio da caza em pé suster-se,
Cercada d'um espesso negregume,
Que em chamas trans tornou-se de repente.
Atonita, e pasmada Martha fica,

Em ver uma vizão d'igual tamanho.
Era tão grande que occupava toda,
O vazio espaço da crivada Salla,
Aonde o Chefe da Ventena dava,
Com Astrêa ballança equilibrada,
A cada litigante igual justiça:
E o forno do Conçelho he collocado.
Nunca das maõs de Martha igual sahira,
Taõ burnida, taõ grande, e luzidìa.
Quem es tu Broa? lhe progunta Martha:
Qu' essa desforme, e rispida figura,
Ouzas tomar sem permissão alguma,
No forno do Conçelho protegido,
Pello molheiro Bras da fregueria?
Naõ Sabes tu Broa impertinente,
Que inda que mulher sou, naõ temo as iras,
A colera fatal d'um pam de milho:
Voa daqui, ou quem tu es, diz logo;
Senão lanço-te a cara a pucarinha
D'agoa suja que n'alcova tenho.
Findas estas palavras Martha logo,
Hum pater resmungou por entre os dentes

Dentes capazes de rôer biscoito
E os caroços quebrar das azeitonas.
A penas ouve a broa tremabunda,
Da colerica Martha os ameaços,
Sem mais tardar o encanto desfazendo,
Toma de velha a carcomida forma.
Era furia infernal medonha e horrenda;
Qual Megêra cruel na catadura!
Quem es, diz Martha, sim, responde logo?
Naõ temo o bafo podre que respiras,
Nem da cançada lingoa ja idoza,
Os perdigotos que veloz despejas:
Falla, naõ tenhas medo? escutar quero,
Os vaticinios que dizer-me podes?
Neste momento a sala s'escurece:
E soltando um grande ay, a velha falla.
Eu sou Aldonça Pêres, mestra bruxa;
E fui de professaõ alcoviteira:
Hoje porem, (Eu tremo quando o conto)
Condenada a viver, segundo o fado,
Em farinhoza broa transformada;
Nao sei emfim com tal horror o diga;

Que tu minha filha es; es engeitada:
Na roda te meti, inda criança:
Sem pay ou may tu foste, sim criada:
Se dotes te naõ deu a natureza;
Deu-te hum coração impedernido,
Capaz de conquistar o mundo inteiro:
Deu-te forçoza mãos, maõs de padeira;
Ageis em manear a pa de ferro,
E o forno esborralhar n'um so momento.
Que vale minha filha Ser doutora;
Fallar latim, espicassar os versos,
Quando hoje todo o mundo falla grego.
Hia para diante a velha horrenda,
Eis que Martha replica desta forma;
Acaba de secar-me, oh May impîa!
E se tu queres lê-me a bona dicha;
He tarde agora o começar de novo,
Aquella educação, que foi errada:
Serei util, ou não, a minha patria,
Jsto quero saber sem mais rodêio?
Eu vejo muitos sem saberem nada,
Querem em sêco gouvernar o mundo.

Avelha aqui o ranho foi sorvendo
Em applauso do dito assaz descreto;
Hum ronco de pezar lhe saîe da boca,
Annuncio do que tem no peito occulto.
Que dizes filha minha muito amada?
Queres, que eu revolvendo no futuro
Te vaticine o teo fatal destino?
Sabe pois minha filha em outro tempo
Quando viste primeiro a luz do dia,
Escondida do pay, e da parteira,
Co' agulha do Colçhão piquei-te o braço:
Tinha a agulheta n'afiada ponta,
Certo licor que minha May me dêra,
Quando a arte m'ensinou de feiticeira.
Não podendo criarte com decencia,
Á roda transmeti o teu destino:
Mas não cuides deveras que a natura,
Do peito maternal foi desterrada
Quando a f'rida te fiz no dextro braço.
Emcanto foi d'amor, e de caricia!
Invulneravel ficas minha filha,
Qual da Grecia o famozo heróe Achilles.

Tu não deves temer a negra morte,
Nem da cruenta guerra rouca tuba;
Com esse braço teu no Estigio lago,
A muitos mandaras beber das agoas.
Não cuides, cara filha que t'engano;
Antes que o Sol os raios amergulhe,
Nas salsas ondas desse mar profundo,
A defeza farás da tua aldeia:
Naõ longe está de nós luzida tropa
Por hum Rei valerozo commandada,
Prezide Marte, o poderozo Marte:
Na lança vencedora do Sob'rano!
Joam de Portugal, o Rei famozo.
Naõ quero em vão esperdiçar palavras,
Vamos ao ponto porque vim mandada:
Aqui tems minha filha a pá de ferro,
E sem saia de malha, ou Capacete,
Dourado escudo, nem luzida lança,
Cavalo d'alquilé ajaezado,
Ou fogozo andaluz de bella raça,
Armar-te quero Cavalheira andante.
A estas palavras terna Martha estende,

Sem saber porque estende a mão mimoza,
Para tomar da may a pá de Gloria.
He o instinto que move, e não he Martha:
Que tais saõ da rezaõ as leis sob'ranas,
Que cede a Natureza aos seos impulsos.
A penas Martha a pá foi sobpezando,
Na invulneravel mão da picadella,
Que a velha lhe fincou tal bofetada,
A por-lhe de revés o esquerdo queixo.
Comfirmado signal da negromanica!
Findado asim a negra ceremonia,
Eis nuvem parda caregada e prenhe,
De denso fumo foi enchendo o quarto,
E Aldonça na fumaça a cavalgando;
Qual São Denis montado sobre os raios
Do luminozo sol, desaparece:
Asim Aldonça na fumaça espessa
Em nada se vapora de respente.
Martha pasmada de que tinha visto,
Immovel fica, qual a fria pedra:
E pouco a pouco recobrando as forças,
Com mil imagens do futuro gosto,
Nos braços de Morphêo a dormecêo.

Fim do Segundo canto.

## A PADEIRA DE ALJUBARROTA.

### Canto Terceiro.

Em quanto os deozes no alto Olimpo tráção,
As illustres façanhas Luzitanas;
(Exemplo singular de Heróes famozos!)
O sempre invicto Joam em gram conçelho,
Ao campo Luzitano prezidia.
Não era em rica tenda matisada,
De columnas riquissimas de per'las,
Nem d'alfaias soberbas adornadas;
Era de baixo do azulado tecto,
Onde do sol está traçado o curso,
E as nitidas Estrellas fazem gïro,
Com tardos passos d'uma igual lentura.
De baixo deste tecto Magestozo,
Singela habitação dos pays primeiros,
Com puras consciençias revestidos;
Hum Menezes, hum Sá, e gram Perreira,
Hum Lima generozo em honra, e brio,
E varios outros que a ligeira Fama,
Suas acções no templo da Victoria,
Com redobrados echos apregoando,
Assombro cauzarão na nossa historia.

Cada qual ao seu Rei fallar procura:
Não gira emtorno do conçelho augusto,
A indiscreta caballa, a vil lizonja,
O Jntresse venal, nem negro medo.
A livre opinião ali domina
Nos nobres peitos dos Barões famozos:
Na pressença dos Reis, do Ceo, e Terra
Sem ambages crueis, e com franqueza,
Seus votos dão: que em bis-registro toma,
O Nume titular da Luzitania.
Jurárão defender a cara terra,
Assento da immortal herócidade.
Depois prometem sustentar no throno,
O digno successor da Regia estirpe,
Excluindo o direito foresteiro,
Que as falsas pertençoes manter dezeja,
A força d'armas, contra o mesmo povo,
Que as águias abatêu de Roma altiva,
E as luas Sarraçenas destruîo,
Nos vastos Campos do famozo Ourique.
Cada qual dos heróes co' bastão bate
No rijo escudo fortissima pancada,

Jurando de cumprir o prometido.
Tremêo a terra ao nobre juramento,
E o sol de medo o feroz olho esconde,
Atonito de ver tanta grandeza.
Começa desta sorte o Rei invicto:
Jllustres companheiros nos combates!
Firmissimas columnas Luzitanas!
Á vós; A vós somente aqui compete,
O destino salvar do Reino vosso.
O tempo estragador da longa idade,
Tres lustres ja voltou na fatal roda,
Desde que Pedro vosso Rei augusto,
O Pio, o Justiçeiro, o Pay da Patria,
Dos olhos nossos, ao futuro Reino
Do descanço immortal, foi elevado.
Succede ao grande Pedro, el Rei Fernando,
Captivo das paixõens que a mente humana,
Façilmente perdôa n'um Vassalo,
Mas que jamais escuza n'um Monarca:
Depois de ter o Reino annihilado,
Reduzindo a inepçia nossos meios,
As rédeas do gouverno transmettio

A Leonor falsissima consorte:
Leonor que de Cunha em outro tempo,
Á face dos altares sacro-santos,
Jurada espoza foi por toda a vida;
Os laços conjugais despadeçando,
Lança no rosto do primeiro espozo
O santo juramento que fizera:
Ao segundo enganou com vil astucia,
Fazendo apréço do adulterio Conde.
(Que Amor as vézes desce do alto throno
A buscar refregério na cabana.)
He deste adulterado Cazamento,
Que nasce Beatriz a pertendente
Do Reino, que cobica seu espozo.
Emquanto posuir um só alento,
E dextra mão para impunhar a espada,
O Reino não verá estranho jugo.
E nisto sobpezando aguda lança,
Sobre a hastea jurou irado, e fero:
Depois de estar um pouco cogitando,
Continua a fallar desta maneira.
Eu sou Bastardo; segundo a lei do Reino

Ao legitimo só he concedido,
Erdar um throno, gouvernar um Povo,
Jgual á vos em forca, e probidade.
Se o Sélo não firmou do Matrimonio,
Meu caro Pay: em mim ao menos tendes
Hum digno herdeiro nas virtudes suas,
Capaz de vos guiar a eterna Gloria.
Se algum de vós o duvidar pertende,
Eis meu direito; o pé batendo em terra,
E arrancando co'a dextra meia espada,
Dos olhos lhe dardeja vivo fogo.
Parece que baixou, no seu semblante,
Do grande Affonso a imágem verdadeira:
Feliz memoria! consolante, e grata,
Daquelle que primeiro, ouzadamente,
Fez tremular as vict'riozas Quinas,
Nos muros d'Ullisêa, gloriozas.
Em pé se levantou Dom Nuno Alvares
Condestavel do Reino, e Seu amparo,
Co'a dextra mão n'espada; irado, e forte,
Os penachos sacode ao negro casco;
Desta forma fallou ao gram conselho.

Eu só, Eu só, co'a minha brava gente,
Aos duros Castelhanos inimigos,
Pertendo combatter sem mais secorro,
Em favor do Rei nosso, e nossa patria.
Se algum de vós.... mais não,.... daqui distante
Habita o medo, a sórdida penuria.
Em duros peitos de constante brio,
Ás armas elevados, nao se espera
Mais do que gloria, e redobrado esforço.
O Rei que vos commanda hira primeiro
Nos fortes esquadrões dos inimigos,
Mostrar-vos o caminho a eterna gloria.
Na sua lança brilhão ja os raios
Da futura Victoria asignalada,
E na ponta da espada lacrimoza
O destino de muitos vejo escrito.
Se algum de vós a raça abastardando,
Do inimigo temer o braço forte,
Fujão longe de mim, e de nós-outros
Filhos de Marte, da victoria filhos.
Levem consigo a solitaria cova,
Onde mora a Vergonha degradada,

Esse medo funesto aos Luzitanos.
Sombra do Grande Affonso Rei primeiro!
Aos filhos teos renova, sim, os laços
Da sua antiga fé, e lialdade;
Faz que adquirindo redobrada gloria
Có pezo das accões dos nosso Luzos,
Se curve o Tempo relatando a Fama,
Nas vindouras idades mais remotas,
Dos Portuguezes o valor e brio.
Não acabou Dom Nuno o seu descurso,
Quando ante o grãm Conçelho se aprezenta,
A gentil Martha em guerra a parelhada,
Tinha na dextra a pá de ferro erguida;
No seu esquerdo braço pendurado,
De burnida madeira um taboleiro,
Hum alguidar de barro na cabeça,
Deffendem da moçoila airozo corpo.
Não tinha peito d'aço luzidio,
Mas um colete com bordadas flores
Que o gosto lhe bordou nas horas vagas.
Em lugar de cothurnos delicados,
Tinha de duro páo grossas taimancas;

Huma gualrapa de tecido pano,
Não branco de trazer, mas de farinha,
Era a saia de malha, que trazìa.
Em cima d'um jumento vagarozo,
A conduzia Braz douto molheiro;
Foi o Molheiro Braz, segundo dizem,
Da gentil Martha desvelado amante,
Rival antigo do glutão Vigario,
E primeiro taſul da sua aldeia:
Sem nunca ter gozado das premicias
Daquelle terno amor que o perseguia,
Por mais que o Deos travesso espicassase,
Hum peito accustumsdo a mōer trigo.
Chegou Martha perante o gram conçelho,
O burro annunciador desta heroina,
Zurrou trez vézes, e outras tantas fitta,
As lanzudas orelhas reverentes,
Para escutar attento a moça bella.
Não duvides, Leitor, deste men cazo,
Que bem vezes em peito mui lanzudo,
S'emcobre um coracão emternecido.
Submisso Braz com mór respeito inclina

A branca calva por pedir a venia;
Antão firmou-se sobre as quatro pattas,
Junto do burro que trazia Martha,
Servindo d'estribeira as suas costas.
Ao por-lhe os pés, a moça, sobre o corpo,
Tremêo co' pezo as costas do molheiro,
Qual na refega as vellas do moinho;
Não era Martha não, que asim pezava
Mas seu valor, de gloria rodeada,
Que o corpo atordo ou de Braz molheiro.
A gentil Martha sem timor avança
Da parte aonde está o Rei potente:
E sem vergonha, pejo, ou atrevimento,
Estas palavras diz, ao gram conçelho.
Eu sou mulher debaixo nascimento:
Nas tenho protecçaõ, nem tenho rendas,
Armas, Brazões, a outras tais chimeras,
Que daõ valor a fraca natureza,
Sem lustre darem aos talentos raros:
Tenho coragem, varonil coragem.
E um fogo activo, que m'abraza o peito,
Em defeza do Rei, e minha patria:

Outra chama maior min' alma imflama,
Nas aras do immortal Emthusiasmo:
Amor da Patria, dos amigos lares!
E para o deffender darei a vida.
Circula-me nas veias sangue ardente
E o peito pula dentro do Colete,
Ao ouvir o rouco som da tuba horrenda.
Ainda que não sou forte na Historia
Nosso Cura contava muitas vezes,
(E contamente os Curas nunca mentem)
Valerozas acções das Amazonas;
Daquellas uni-peitos heroinas
Que as setas manegávao dextamente
Dobrando contra o peito Vigorozo
Do nervudo arco seu ligeiro impulso.
Se destas heroinas valerozas
A Fama revelou altas façanhas
Porque não hade na futura idade
Taõ bem de Martha proclamar a Historia.
A quelle que riscou ouzamente
No primeiro batel a vida cara

Sulcando as salsas ondas do Oceano,
Para buscar nas praias mais remotas
Os frutos, que na sua lhe negára,
Com impia mão a escassa natureza,
Não riscou mais nas porcelozas ondas
Que risco agora em proteger a Patria:
Não tenho mais que dar, que a vida Cara
E nella ponho a gloria do dezejo.
Estas liçoens me dêo nosso Vigario
Tiradas dos antigos Alfarabios
Pasto de pó que lhe cobria a estante,
Onde jazia a virginal sciencia,
Matizada com moncos de tabaco.
Acabou de fallar a gentil Martha;
E sobre a pá de ferro recostando,
Espera a approvacão do Grãm Conçelho;
Cada qual dos herões duvida um pouco,
Que em peito femenino morar possa,
De baixo do Colete e mais da Saia,
Hum coraçao de varonil coragem,
Assento do prazer e dos amores.

Foi Martha, no Conçelho geralmente,
Elegida por todos commandante
Da tropa dos moinhos, e dos fornos;
E Braz molheiro nomeado Alferes;
Tendo por armas no estendarte erguido,
Em bella symetria collocados,
Tres grossas broas, de um igual tamanho:
E por devisa em farinhozas letras
„Ao Singular valor e Patriotismo“:
Ouvio-se logo no inimigo Campo
Orouco som da temeroza tuba,
Horrenda, ingente, e precussora triste
Dos estragos fatais da humanidade,
Que descidem da morte, ou da Victoria.
Correm ligeiros aos diversos postos,
Os famozos herões da Luzitania,
Certos em adquirirem nova gloria.
Martha somente fica só no Campo,
As ordems dando a tropa dos Padeiros;
Os quais em branca roupa infileirados,
Formão em linha um batalhão luzido;

Tal qual no taboleiro o pão em maça.
Martha com ancia, as mãos alevantando,
Voa no burro aos braços da Victoria.

Fin do terceiro Canto.

# PADEIRA DA ALJUBARROTA.

## Canto Quarto.

Estavam as esquadras inimigas,
Defronte das imigas Luzitanas;
Quando da rouca tuba castelhana.
O som terrivel, penetrou os ares,
Á muitos predizendo a fatal hora.
*Quantos rostos ali se vem sem cores*,
Que o Sangue amigo ao coràcão acode.
Quantos o frio medo gela o peito
De tantos meigos pays, filhos, e amigos
Na lembrança fatal dos caros filhos,
Ternas espozas, e das mays piedozas
Qne atras deixáram a verter o pranto:
Quantos val'rozos investindo a morte,
Na saudoza affliçaõ, doçe esperança!
De tornarem a ver nos patrios lares,
Coroados de louro, e de Victoria,
Os pays, as mays, amigos, e parentes:

Quantos pays deplorando os ternos filhos,
Mal dizem o momento, que nascéram.
As carinhozas mays, ternas espozas,
Das altas torres, elevados muros,
Saudozos olhos sobre o campo lançam;
Na vista vai voando duvidoza
A funesta incerteza sobre as azas
Do funebre cuidado estimulante:
Procurão ver na confuzão terribil
Os restos palpitantes dos consortes,
Ou victoria guiando a lança erguida.
E quantas contra o peito timorato,
Na illusiva esperança os caros filhos
Entre pranto, e soluços apertávam.

*Começa-se a travar a incerta guerra,*
Eis o grande Perreira dos primeiros
Em armas e valor asignalado:
*Deriba encontra a terra emfim semea*
De mil cadavres inda palpitantes,
Que cedem ao furor da sua espada;
Qual torrente na rapida carreira,
Leva ante si ao mar duro penhasco;

Tal diante do Heróe em ira açeza
Cedem dos inimigos as esquadras,
Á vista só da vict'rioza lança.
Ja võam pello espesso ar em torno
Ligeiras settas, e farpõens agudos;
Nos denços ares vai zunindo a balla,
Mensageira da morte e dos estragos:
Longo tempo no valle brada os echos
Do funesto torvão entrelaçado
Dos gemidos, dos aìs, e mil suspiros,
Comque deixão o mundo os semi-vivos.
Cresce dos inimigos grosso bando,
Sobre os nossos cahindo qual torrente;
Atras procurão deffendendo a vida,
A morte dar a quem lhes rouba o passo.
Võa nos ares o valor funesto,
Com negras azas escudando a morte
Do panico terror accompanhado!
Apparece Dom Nuno aos Luzitanos,
Que cedem ja as tropas inimigas.
Qual o raivozo touro embraveçido,
Os campos corre desprezando a vida,

So para deribar na ponta aguda,
Quantos encontra na veloz carreira.
Torvado um pouco está: mas a natura
Do coroção ferino nao lhe soffre,
Que as costas dê a multidao imensa;
Antes no meio della irado, e forte,
Brandindo a espada, sacudindo a lança,
*A muitos manda ver o estigio lago.*

El Rei não longe com os seus acode
A sustentar do Heróe o braço forte.
El Rei que tudo via, as ordems dando,
Qual raio que despede o Deos Tonante,
Voa, nao corre a proteger Dom Nuno.
Eis, que subitamente um alvoroço
Por meio das esquadras se levanta;
Era a gentil, a vict'rioza Martha,
Brandindo a pá no meio das esquadras,
Que tinhão rodeado o gram Perreira.
A testa dos fortissimos Padeiros,
Com singular Valor, abre caminho
Atraves das esquadras Castelhanas;
E Braz seu estendarte voltejando

Com voz de torvão assim bradava.
Vamos amigos ajudar os nossos,
Não queira os Ceos que os duros inimigos
Insulto fação aos Heróes de Lisia:
Vamos aquelles péros Castelhanos,
Mostrar quem somos, e quem sempre fomos.
Tendes Martha gentil por vossa guia,
Não duvidais amigos da Victoria,
Nada resistira á pá de ferro,
Nem ao valor, e coraçao de Martha:
Deffendei vossas terras, e parentes,
Vossas espozas, e os filhinhos caros
Que deixasteis atraz por vós chorando.
Pedro, Gaspar, e Galbes o letrado,
Primeiro sanchristão de nosso Cura
Vos fazem costas na fatal contenda:
Comvosco tendes Lopo de Lisboa;
Hilario, Affonso, moços reforçados,
E Antonio semigual d'Aljubarrota.
O mais amigos vai na pica alcada,
No duro Coração ao valor grato:
Deffendei vosso Rei, e vossa fama,

E ós inimigos mandai beber das agoas.
Nisto tocando um buzio retrocido,
Que pendurado n'um cordel trazia,
Os animos moveo a dura guerra.
Não vôao pellos ares estridentes,
Farpões, settas, nem flêchas venenozas;
Pás, esborralhadores, e forcados,
Com nunca vista força manejava
O luzido escadrão da padaria.

Ja no meio das tropas inimigas
Semêa a morte a força d'arochadas,
O membrudo Gaspar de tras dos montes:
Morrem Pedro, e Duarte Castelhanos,
*Companheiros nas vidas e nas mortes:*
Cercado está Gaspar por mais de vinte,
Que Martha com a pá deitou a terra;
E com outra pazáda a mais de trinta
Os bofes fez sahir de boca em fora:
*Valasques morre, e Sancho de Toledo*
Semmedo Catalão de grandes forças,
*Guevara roncador que o rosto untava.*
Os bigodes e as mãos com sangue humano

Dizendo que de tantos que matára,
Osangue delles lhe esguicháva o resto.
Quando destes abuzos se jactava,
De traves lhe dá Martha tal pazáda,
Que do corpo lhe vôou a van Cabeça
Ainda relatando a falsa historia:
Logo com elle ao Estigio vão direitos
Carilho, Salazar, e Mondonedo.
Nunca Acheronte no batel d'Averno
Á tantos transportou n'uma barcada.
Grossas pingas de suor the câhe da testa
Do membrudo barqueiro no trabalho,
De conduzir na barca dos infernos
A grossa multidão que lhe enviára
Com pá de ferro a Valeroza Martha
Encostando no peito a grossa vara,
A penas com o pezo move a barca;
E descançando um pouco da fadiga,
Esta vozes tirou do hirsuto peito.
Oh tu mocoila valeroza e forte!
Se muitos desta raça a natureza,
Com generoza mão mandasse a terra,

Jgual a ti em forças e coragem,
Cem medicos ao menos bem novatos,
Ou ransozos doutores d'antiga era,
Tantos destroços não fariao juntos,
Quanto faz essa pá que tu manêas.
Bem haja Martha teu valor supremo,
Qu' em movimento pôem as minhas forças;
Depois da ultima peste adormecidas.
Nem o famozo Lopes, e Siara,
Os bachareis N...... falladores,
Velhos na ley do testamento antigo,
Modernos na de Christo baptisado:
Jubilados Doutores de capello,
E carniceiros da futura idade:
O Rocha brazileiro, o pobre Gato,
E varios outros que depois viérão,
Substituir com fama o gram Sangrado
Sem dõe matando a pobre humanidade:
Não mandarão oh Martha Valeroza!
A força de quin-quina, e de rhubarbo
Sangrias, e purgantes repetidos,
Tanta gente passar o Estigio lago.

Vaõ crescendo os estragos da batalha
Com mortes, Gritos, sangue, e cutiladas:
Não se vê mais no campo Castelhano,
Que montôes de cadavres semeados,
Regando com o Sangue o verde prado:
Os vivos vão fugindo a negra morte,
Com azas que o timor lhes emprestàra.
Todos cedem emfim as Luzas Quinas
A duvidoza palma da contenda.
A sublime bandeira Castelhana,
Inclinando por terra o fofo orgulho,
Derribada se ve no chão prostrada.
O campo vão deixando aos vencidores,
Contentes de levar a propria vida.
Ja de Castella o Rei desbaratado
Foge ligeiro do perdido Campo,
Deixando as pertencoês atras fustradas.
Muitos vão blasphemando è maldizendo
Áquem primeiro promovêo a guerra.
Outros no seio tem mortal des gosto
D'encontrarem na terra mizeranda
Tantas espozas, tantas mays afflictas,

Sem filhos, sem maridos desditozas.
Outros com a vergonha de vencidos,
Os patrios lares com horror avistão,
Cobrindo o pejo co'a Saudade terna.

Dezerto d'inimigos fica o campo,
Do Vencedor somente possuído:
Ao som dos atambores, e trombettas,
Com vivas retenia os densos ares,
Em signal da Victoria memoranda.
N'um carro triumphal he conduzido,
Por meio das esquadras vencedoras,
Rodeado de mizeros captivos,
O novo Rei de gloria lauriado.
No meio desta ditta glorioza,
Os corações de susto se cobrião,
Não vendo Martha, a generoza Martha!
O trinmphal cortejo accompanhando.
Todos ignorão a funesta sorte
Da heróina immortal d'Aljubarrota:
Cada qual lamentava o seu destino,
Com lagrimas sinceras da saudade;
Quando subito, anoite, o manto estende

Sobre a face da terra; a luz esconde
Com pardas azas as nocturnas aves,
Amigas do Silencia e da tristeza,
Somnilento Morpheo ja dormitava,
O senso humano, na urna das Chimêras,
Em sonhos variando a natureza.
Dormia meio mundo socegado,
Das fadigas crueis enfraquecido,
Deixando a nova luz, doce esperança
De milhorar a sorte do passado.

Fin do quarto Canto.

## A PADEIRA DA ALJUBARROTA.

### Canto Quinto.

Dormia Soçegada a Natureza
Sobre meio do mundo em negras trevas:
O vento acalentando as frescas folhas,
Com doces virações a terra humecta.
A innocencia tranquila repouzava,
A sono solto as forças recobrando;
Velava o crime só agonisante
Pellos negros remorsos combatido:
Do Gallo cantador a voz se ouvia
Annunciando a fresca madrugada.
Quando Martha gentil abrindo os olhos
Do lethargo fatal resusitava
Recoperando as forças da fadiga.
Foi a nossa heroina transportada,
Por encanto da may do campo imigo,
Ao forno do conçelho subitamente.
Entre lenções de farinhoza linho

Depositada foi a gentil Martha,
Cheirando a quente maça de formento.
Nua jazia Sobre o antigo leito
Formando o quadro de Dione bella.
Nos braços dos dezejos recostada:
No atractivo desleixo em que dormia,
Tinha da Natureza os doms Singelos,
Qu'amor emcantão; qu'o dezejo excitao;
Que o terno coração na vista illudem;
Que o Senso humano atê em fogo activo,
Sem a doçe lembrança dos prazeres.
A penas tinha aberto os lindos olhos,
Que se vê, recostada como d'ántes,
N'antiga barra ferrujenta, e porca,
Coberta co'as emblemas da victoria.
Perante si está a antiga broa,
Com rosto alegre, com Semblante ameno,
Rizonha, qual está a primavera
Depois de ter vencido o frio inverno.
Com gosto lhe chamejão os dois olhos;

A lingoa de formento desligando

De Martha renovou recem-proêzas.

Vencedora tu foste minha filha,

Dos mortais inimigos desta aldeia.

Teu nome levará a veloz Fama

Ás vindouras idades mais remotas.

No templo da fatal Credulidade,

Onde mora com fausto o Fanatismo,

A vil Superstição enganadora,

Com a inepcia Moral dos nossos tempos,

Tidas serás por milagroza Virgem.

Em quanto na contenda manegavas

A pá fatal a tantos inimigos,

Pellos ares voando vi teu nome,

Ao templo da immortal Credulidade,

Subir de gloria imensa rodeado.

Hum coro musical de solfa inerte,

Entoavão os negros Companheiros,

Da vil Superstição, o Fanatismo,

Para louvar a fama do teu nome.

Subi a pôz da chusma cantadora
Ao templo da immortal Credulidade.

Ja tinhamos passado o frio polo,
Ao Noto dirigindo nosso vôo,
Quando no meio de gelados mares,
Hum elevado Monte ao longe vimos,
Onde nunca trilhou pegada humana.
Aqui habitacão dezerta e varia,
De monstros deshumanos parecia:
Não tinha da natureza algum vestigio;
Nem a bella verdura emcantadora
Que matizava os campos da Morêa
Onde o pastor Arcade a pascentava
Co' as Nimphas do prazer o manço gado.
Era semi-humano na figura,
O Povo que habitava nestas praias;
Nem monstros érão que a natura cria;
Hum rosto sem ter olhos, nem ter boca;
Hum corpo sem ter braços, mãos, ou tacto;
Com hua so orelha, desmarcada,

Que ouvia sem, saber porqne ouvia.
Eis destes monstros feios a figura!
Nesta terra chamada dos Basbaques,
Estava o templo da famoza deòza,
Que a crença dos mortais tanto domina.
Quatro Portas soberbas fazem face
Ás quatro partes do rotundo Globo:
Grossas colunnas de musgozo ornato
A Gotica estructura sustentava,
Em cristalino gelo edificada:
No meio deste templo colocado,
Em alto pedestal de frio gelo,
Estava posta a desgraçada deoza,
Sem olhos, coração, e sem sentidos,
Mais do que aquelles que prévem d'ouvido.
Grandissimas orelhas tem a deoza,
Em butidas d'orelhas mais pequenas,
Incalculaveis a memoria humana:
Qual automata inerte não sentia,
Da bella natureza, as qualidades;

Das orelhas vivia, e dellas mesmo,
O vital alimento recebia.
Em pezadas cadeias jaz atada
Aos pez do throno a candida verdade:
A vil Superstição, os nós atava,
Redobrando com ancia os duros ferros:
E sobre o Corpo da gentil donzella
Grosseiros pez lhe poem o Fanatismo;
Na dextra tinha elle punhal agudo
Com veneno fatal humedecido;
E pondo um vêo na face da verdade,
Pertende espicassar a lingua d'ouro:
De balde no trabalho se cançava:
Pois querendo ferir a luz do mundo,
Atravez do seu vêo se vulnerava.
Corria em borbulhões seu proprio sangue,
Sem que da dor sentisse o triste effeito.
D'outro lado se vê com ornamentos,
Estranhos á nudez comque nascéra,
A Religião santa mascarada

Pellas malignas mãos do negro Abuzo.
O Fanatismo tem na mão o espelho,
E os pez emçima do Evangelho santo:
Sobre os curvados ombros suportava
Deff'rentes maços de feitiços novos,
Que a vil Superstição com ar de graça
Aos seus cegos alumnos repartia!
Ao lado dextro do gelado throno,
Estava a vil columnia boçejando:
Com vesgos olhos, com semblante horrendo
Ameaçando os mortais na catadura.
Da boca lhe sahia grossa escuma,
Com funesto veneno mixturado.
Seu halito maligno befejava,
Na face da innocencia occultamente,
O Veneno que bebe a grandes góles,
Os credulos devotos desta deoza.
O Tempo protector da san virtude,
Na fouçe estragadora das idades,
Leva no Córte a virulenta chaga,

Qu'á innocencia cauzou a vil Calumnia,
Deixando por memoria as cicatrizes.
Em varios cantos deste vasto templo
Semeados se vem muitos devotos,
Do roto Suvelão das coixas trovas,
Que a Seita promovêo dos 'Bastianistas.
Neste templo fatal á san Verdade,
Teu nome vi gravar em letras d'ouro:
A Fama mentiroza, na trombetta
Ferrujenta das crédulas idades,
Sôar fará teu nome em toda parte.
Deste dia verás nascer alegre,
Dias ditozos a futura raça,
Da estirpe que firmou o Rei primeiro:
Deste João succede João segundo,
Em tudo igual ao novo Rei eleito,
Filho d'Affonso, neto de Duarte,
(Que o Jrmão em duros ferros deixou prezo,
Por não dar em resgate a adusta terra,
Chave dos Crimes do perjuro Conde.)

Este sera aquelle em cujo tempo,
As Luzas Quinas desatando as azas,
No võo que fizerem portentozo
As pattas firmarão n'Asia soberba:
Com sabias providencias, leis supremas,
Ensina a gouvernar ôs Reis do mundo.
Neste tempo feliz na gouvernança,
Os novos Argonautas Luzitanos,
Varios mares, e terras, descobrindo,
Os primeiros serão à abrir passagem,
Atraves da barreira que devide
Meio curso do Sol no firmamento.
Do vosso João primeiro nasce Henrique
Que do povo hé chamado ô *bem facejo* *)
Longe da Corte passa alegres dias,
Meditando na vasta natureza;
Neste retiro Solitario vive
Sem ver o doce emcanto da lizonja,

*) *Talent de bien faire.*

Vendar os olhos a verdade pura,
Por elle no vasto mar vão navegando,
Sogeitos a soffrerem na ouzadìa
Os imensos perigos d'oçeano,
O forte Betancourt, Gonsalo Zarco,
Pestrello, Tristão Vaz, e Antão D'Ornellas.
Depois de terem visto varios marès,
Ora subindo ás montanhozas vagas,
Tocando a proa n'estrelado polo;
Ora descendo no profundo abysmo,
A vizitar d'averno as negras furias;
Hum solitario porto emfim avistão
De grossos arvoredos guarnecido:
O nome de Funchal derão ao porto
Da soberbissima Ilha da Madeira.
Da suas claras fontes altas serras,
Que a Natura dotou com mão benigna
Hum falerno licor grato no gosto
A qui produzirá Baco mimozo.
Esta terra será o berço humilde

Da quelle qu'ouzará cantar em verso,
Qual moderno Bandarra a tua gloria;
Descendente de Vaz, o mais de Zarco
Nelle terás o teu cantor futuro.

Deste segundo João na gouvernença
Succede Manoel o Rei ditozo;
A quem d'Asia soberba os Reis do Ganges
E do Indo caudelozo as cerriz dobrão,
Ao jugo que de longe o Tejo envîa.
E tu sublime Gama que podeste
De Neptuno arrançar cerûleo Sceptro,
Outro cantor terás mais eminente
Qu'a eterna gloria levara teu nome!
Carrancudo Albuquerque, Castro forte,
Pacheco destemido, altivo Cunhá,
Brando Menezes, tu feroz Sampaio,
Mascarenhas tenas, Heitor Silveira,
Maior no mundo doque Heitor Troyano!
E varios outros que immortal Victoria
De Verdes louros c'roará contente

Nos seculos remotos dos vindouros,
Sobre os destroços das passadas êras.
E tu ligeira Fama a brindo as azas
Com grato Som proclamarás ao mundo
Tanto illustres feitos Luzitanos. . . . . . . .

Hia continuando no discurso
A farinhoza broa mui contente,
Quando Martha gentil com gosto extremo,
Sem poder impedir o seu excesso,
Salta do leito d'onde está deitada
Nos bracos da fantôma faladora.
Mas ah! eu tremo. . . . com horror m'asusto!
Não era não, de milho a grossa broa;
Nem bolo d'asucar, rosquilha doçe
Ou fofo pam de ló do mais perfeito;
Era sim de sevada bem rasteira,
As molles maças da vizão inorme.
Com espumoza raiva geme Martha
Em ver tanta esperanca mal fundada
Na lingoa farinhoza d'uma broa.

Deitando no alguidar a fofa maça,
Com murros e com sôcos repetidos,
Faz reviver no lizo taboleiro,
Luzidas como um aço, varias broas.
Não acabou a qui a sua raiva:
Sobre a funesta pá de tanta gloria,
Em bella symetria entrega ao forno
Os restos da vizão presagiadora,
Qual da serpente os dentes semeados,
Mil robustos guerreiros vão surgindo,
Por mãos dequem fundou antiga Thébas;
Tal da maça sahio varias broas,
Pellas mãos da mocoila fabricadas.
Na famoza Paróchia de Sam Jorge
Por memoria eterna deste cazo
Com grandissimo applauso são chamados
Na lingoa do Vulgar bollos de raiva.
Ja sinto emfraquêçer os soms na lyra;
No peito a rouca voz me desfalece;
E a Muza sacudindo as leves azas

Ao Parnazo remonta descontente,
Vendo Martha ficar n'estado d'antes
Sem premio, cazamento, ou Baronia,
Em paga do Valor que exercitára
Nos campos immortais d'Aljubarrota.

Fim do Poema.

## ERRATAS PRINCIPAIS.

Aonde se acha a palavra *Molheiro* deves ler. *Moleiro*.

| PAGINA. | LINHA. | |
|---|---|---|
| 18. | 15. | não sabe tu *oh* Broa |
| 23. | 18. | *repente* |
| 27. | 9. | fazendo apreço do *falsario* conde |
| 49. | 10. | *Atêa* em fogo activo |
| 49. | 11. | *Com* a doce — |

Ha varias pontoacões que o leitor escuzará por ser empresso, o poemo por impressores que ignorão a lingoa.